



**Universidade Estadual do Ceará – UECE**

**Evaldo Gondim dos Santos**

**Tradução e ironia: o cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* vs. *(As) Viagens de Gulliver***

**Fortaleza - Ceará  
2008**

**Evaldo Gondim dos Santos**

**Tradução e ironia: o cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* vs. (As) *Viagens de Gulliver***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada – CMLA, Centro de Humanidades – CH, Universidade Estadual do Ceará – UECE – como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Lingüística Aplicada. Área de Concentração: Estudos da Linguagem. Linha de Pesquisa: Tradução, Lexicologia e Processamento da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Ferreira Alves.

**Fortaleza - Ceará  
2008**

**Universidade Estadual do Ceará – UECE**  
**Centro de Humanidades – CH**  
**Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada – CMLA**

**Titulo do trabalho:** Tradução e ironia: o cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* vs. *(As) Viagens de Gulliver*

**Autor:** Evaldo Gondim dos Santos

**Defesa em:** 05/06/2008

**Conceito obtido:** \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Soraya Ferreira Alves, Profa. Dra.  
Orientadora

---

Fernanda Maria Abreu Coutinho, Profa. Dra.  
1ª Examinadora

---

Vera Lúcia Santiago Araújo, Profa. Dra.  
2ª Examinadora

S237t Santos, Evaldo Gondim dos

Tradução e ironia: o cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* vs. *(As) Viagens de Gulliver*/ Evaldo Gondim dos Santos. \_ Fortaleza, 2008. 119p.

Orientadora: Profa. Dra. Soraya Ferreira Alves.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada)  
– Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Ironia. 2. Tradução da ironia. 3. Cientificismo iluminista.  
I – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD 410

## EPIGRAFE

“Now considered as the most “modern” of Swift’s writings, a metafiction which needs to be protected from reductionist readings, *Gulliver’s Travels* has gone through and survived every possible critical approach.”<sup>1</sup>(Joseph McMinn).

“When you think of the world, give it one lash the more at my request. I have ever hated all Nations, professions and Communityes, and all my love is towards individuals; for instance, I hate the tribe of Lawyers, but love Councillor such a one, Judge such a one; ...so with Physicians (I will not speak of my own Trade), Soldiers, English, Scotch, French, and the rest, but principally I hate and detest that animal called man, although I heartily love John, Peter, Thomas and so forth.”<sup>2</sup>(Jonathan Swift).

---

<sup>1</sup> “Agora considerado como o mais “moderno” dos escritos de Swift, uma metaficção que precisa ser protegida das leituras reducionistas, *Gulliver’s Travels* tem sido examinado em detalhes e sobrevivido a todas as possibilidades de abordagens críticas.” (Joseph McMinn, Jonathan Swift, 1999). (Tradução nossa).

<sup>2</sup> “Quando você pensar no mundo, dê-lhe uma chicotada a mais ao meu pedido. Eu sempre odiei todas as nações, profissões e comunidades, e todo meu amor é para os indivíduos; por exemplo, odeio a tribo dos advogados, mas amo cada conselheiro, cada juiz; assim também são com os médicos (não falarei do meu próprio ofício), soldados, escoceses, franceses e o restante, porém principalmente odeio e detesto o animal chamado homem, embora ame de todo o meu coração João, Pedro, Tomás e os demais.” (Carta de Jonathan Swift para Alexander Pope, datada de 29 de setembro de 1725). (Tradução nossa).

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora Prof. Dra. Soraya Ferreira Alves, pela dedicada e paciente orientação em todas as fases dessa pesquisa;

À Profa. Dra. Denise Azevedo Duarte Guimarães e ao Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva, pelas relevantes contribuições durante a qualificação do projeto dessa pesquisa;

À Profa. Dra. Fernanda Maria Abreu Coutinho, Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo, pelas sugestões de melhorias na presente pesquisa durante a defesa dessa dissertação;

Ao professor Prof. Dr. Carlos Augusto Viana da Silva, por ter aceito o convite para participar da banca dessa dissertação;

Aos professores do CMLA Soraya Ferreira, Luciano Pontes, Claudiana Nogueira, Paula Lenz, Ruberval Ferreira, Stella Vieira e Wilson Carvalho, pela dedicação com que ministraram suas disciplinas e pelos muitos ensinamentos durante o curso;

À secretária do CMLA Maria do Carmo, pela atenção e prontidão sempre presentes;

Aos colegas alunos do CMLA Clerton, Beatriz, Adriana, Emílio, Márcia, Aline, Letícia, Teresa, Edelberto, João, Sílvia, Luiz, Parmênio, Vanusa, Charles pela interação em sala de aula e nos corredores.

Aos professores colegas do Departamento de Letras, Campus Avançado de Pau dos Ferros, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Gilton, Medianeira, Edileuza, Lidiane, Maura, Jailson, Adriana, Nilson, Marcos Antonio, Marcos Luz, Marcos Nonato, Fátima Carvalho, Charles, Wellington, Lílian, Ronie, Alexandro, Dalva, Vilian, Manoel Freire, Aparecida, Claudionol, Eliete, Deny, Socorro Maia, Rosângela, Carlos Magno, Afrânio, Genário, Jacneide, Gevildo, Zenaide, Emílio, Márcia, Verônica e Elisa, as

secretarias do Departamento de Letras Dona Iara e Marta e a secretária do Campus Fátima Diógenes, pelo apoio, atenção e companheirismo sempre presentes;

A Almir de Castro, Coordenador do Setor de Capacitação Docente – SCD/UERN, pelas orientações, encaminhamentos e respostas de minhas dúvidas a respeito de meu afastamento do Departamento de Letras – DL/CAMEAM/UERN – durante esse curso;

Aos amigos Gilton, Lúcia Pessoa, Ana Lígia, Gilton Júnior, Jailson, Alcilene, Jamile, Nilson, Lúcia Rodrigues, Marcos Nonato, Rosemeire, Rodolfo, Bianca, Jorge, Margarete, Jorge David, Isaac, Maressa, Rafaela, Antonio e Júlio pelos vários momentos de descontração;

A meu filho João Vítor, pela alegria sempre presente e pelos vários momentos de descontração;

À minha esposa Mônica, pelo amor, incentivo e compreensão nos momentos ausentes;

Ao meu avô José Francisco, meus pais Divaldo e Maria do Socorro, minhas irmãs Evanilda e Evanaide, meus sobrinhos Lamark e Nauã, meus cunhados Luciano e Nivaldo, pelo apoio incondicional e pelos momentos agradáveis durante as férias e feriados;

À minha irmã Eva (*in memoriam*), pelo exemplo de determinação e superação das adversidades;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa concedida.

## RESUMO

O objetivo principal da presente pesquisa é analisar a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista nas traduções do romance *Gulliver's Travels*, de Jonathan Swift, por Cláudia Lopes, publicado pela Scipione desde 1988, e Therezinha Monteiro Deutsch, publicado pela Nova Cultural em 1996 e pela L&PM Pocket em 2005, destinadas, respectivamente, aos públicos infanto-juvenil e adulto brasileiros. Apresentamos a ironia como um procedimento literário que se dá a partir da incongruência entre o dito e o não-dito, levando-se em conta a situação enunciativa, bem como as características próprias da vítima e a pretensão do ironista, de acordo com autores tais como Muecke (1995), Knox (2005) e Hutcheon (1994). Com relação à tradução, tomamos a concepção de tradução como produção de significados aceitáveis na língua e cultura de chegada de acordo com Lefevere (1992), Venuti (1995, 2002), Rodrigues (2000), Arrojo (1997), entre outros. Em seguida, analisamos a ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* como procedimento constituinte da sátira swiftiana e a tradução dessa ironia para os leitores brasileiros nas traduções de Lopes e Deutsch. A tradução de Lopes é bastante condensada com uma linguagem que é inteligível para o público infanto-juvenil brasileiro. Dessa maneira, há cortes de várias partes e acréscimos de outras que não estão no texto fonte e uso de palavras próprias do vocabulário dos alunos das últimas séries do ensino fundamental e início do ensino médio. Já na tradução de Deutsch, não há cortes ou acréscimos de partes da narrativa, pois ela traduz toda a narrativa na seqüência do texto de partida, mantendo os substantivos próprios e fazendo uso das palavras cognatas. Sendo assim, compreendemos que a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* como a tradução de qualquer outro texto, envolve escolhas próprias do tradutor que, por sua vez, são influenciadas por coerções específicas do contexto de produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ironia, tradução, tradução da ironia, cientificismo iluminista.

## ABSTRACT

The main aim of the present research is to analyze the translation of irony on Enlightenment scientism in translations of Swift's novel *Gulliver's Travels* by Cláudia Lopes, published by Scipione since 1988, and Therezinha Monteiro Deutsch, published by Nova Cultural in 1996 and L&PM Pocket in 2005. These translations are directed respectively to Brazilian children and adults. Irony is taken here as a literary procedure which originates from incongruence between the said and the unsaid, taking into account enunciation situation as well as peculiar characteristic of victims and ironist's purposes, according to authors such as Muecke (1995), Knox (2005) and Hutcheon (1994). In relation to translation, we took the concept of translation as production of acceptable meaning in source language and culture according to Lefevere (1992), Venuti (1995, 2002) Rodrigues (2000), Arrojo (1997), and so on. Then, the irony on Enlightenment scientism in *Gulliver's Travels* is analyzed as an element of Swift's satire and the translation of such an irony for Brazilian readers in both translations by Lopes and Deutsch. Lopes' translation is too condensed and written in a language intelligible for children readers in Brazil. In doing so, there are cuts of several parts and additions of other ones that are not in the source text and usage of words of students' vocabulary from last grades of elementary school and first grades of high school. In Deutsch's translation there are not cuts or additions of narrative parts, for she translates all narrative in accordance with the source text, maintains proper nouns and makes use of cognates. This way, we understand that the translation of irony on Enlightenment scientism in *Gulliver's Travels* as translation of any kind of text deals with translator's peculiar choices that in turns are influenced by specific coercions of production context.

**KEYWORDS:** Irony, translation, translation of irony, Enlightenment scientism.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. APORTES TEÓRICOS PARA A IRONIA NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA</b> .....	17
Elementos da filosofia, retórica e lingüística.....	17
Na perspectiva filosófica.....	17
Na perspectiva retórica.....	19
Na perspectiva lingüística .....	21
Como violação da Máxima da Qualidade.....	21
Como ato ilocucionário.....	22
Como um fenômeno de implicação lingüística.....	23
Como menção-eco.....	24
Como contradição de valor argumentativo.....	25
Como um procedimento interdiscursivo e polifônico.....	26
A ironia numa perspectiva literária.....	27
<b>2. A TRADUÇÃO DA IRONIA NO TEXTO LITERÁRIO</b> .....	31
A tradução como um outro texto.....	31
Aportes teóricos para a tradução da ironia.....	41
<b>3. A TRADUÇÃO DA IRONIA ACERCA DO CIENTIFICISMO ILUMINISTA EM GULLIVER'S TRAVELS</b> .....	47
Particularidades da composição e do gênero em <i>Gulliver's Travels</i> .....	47
A ironia em <i>Gulliver's Travels</i> .....	54
O cientificismo iluminista em <i>Gulliver's Travels</i> .....	56
A ironia acerca do cientificismo iluminista em <i>Gulliver's Travels</i> e suas traduções.....	58
Na ilha voadora de <i>Laputa</i> .....	58
Por Cláudia Lopes.....	64
Por Therezinha Monteiro Deutsch.....	68

Na academia de <i>Lagado</i> .....	72
Por Cláudia Lopes.....	86
Por Therezinha Monteiro Deutsch.....	89
Em <i>Glubbudrib</i> .....	100
Por Cláudia Lopes.....	103
Por Therezinha Monteiro Deutsch.....	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	110
1. Fontes primárias.....	110
2. Fontes secundárias.....	110
<b>ANEXOS</b> .....	117

## INTRODUÇÃO

A tradução literária é o meio mais utilizado de divulgação de qualquer autor estrangeiro. É por intermédio de traduções que os mais variados autores são conhecidos em todo o globo terrestre. Dessa maneira, muitas pessoas, quando dizem que leram determinadas obras da literatura mundial, na verdade, tiveram acesso a tais obras não através de seus respectivos autores em línguas estrangeiras, mas sim por mediação de seus tradutores que traduziram as obras em língua materna.

Geralmente as grandes obras da literatura mundial possuem diversas traduções em cada país. Nesse sentido, *Gulliver's Travels*<sup>3</sup> não é comumente lida no Brasil em inglês, mas em suas várias traduções chamadas *(As) Viagens de Gulliver*. De acordo com Vieira (2004) e com uma busca que fizemos na internet no dia oito de março de 2007, há quinze traduções dessa obra para o público infanto-juvenil e quatro para o público adulto brasileiros. Nessa lista, consta entre os tradutores nomes de importantes escritores brasileiros, tais como Monteiro Lobato e Clarice Lispector.

Portanto, o que faz essa obra ser uma das mais célebres da literatura universal são suas numerosas traduções em diversas línguas. Tal fato se deve, entre outros, ao fantástico, presente em várias situações, ao fascínio exercido pelas aventuras, o estilo simples e fluente, a simpatia que o herói irradia ao leitor, o tratamento de temas de natureza universal como as relações sociais e questionamento de valores impostos e vividos pelos seres humanos.

Em *Gulliver's Travels*, obra-prima do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745), publicada pela primeira vez em 1726, a ironia se destaca como principal elemento da sátira às instituições sociais, principalmente as relacionadas à ciência, política e religião. Essa narrativa, em forma de autobiografia, é também uma paródia satírica das narrativas de viagens muito populares na época de Swift. Além disso, essa obra satírica contém um elemento fundamental: as observações a respeito da natureza do ser humano. Para ele, a racionalidade humana era um conceito falso, pois não acreditava no esforço do homem para atingi-la. Ao contrário,

---

<sup>3</sup> O título original desse romance é *Travels into Several Remote Nations of the World in Four Parts, by Lamuel Gulliver, First a Surgeon, and then a Captain of Several Ships*. (SWIFT, 1998)

o ser humano fica enormemente satisfeito em cultivar seus vícios e nada de bom constrói (TURNER, 2005a).

Essa obra, composta de quatro partes, apresenta em si uma narrativa simples de um viajante chamado Lemuel Gulliver. Swift designa a esse personagem unicamente a autoria de todas as viagens, uma vez que seu objetivo era também satirizar o romance de viagem ao apresentar situações fantásticas como se fossem verdadeiras. A narrativa tem por início o naufrágio do navio em que Gulliver viajava. Depois do naufrágio, ele chega a uma ilha chamada *Lilliput*. Os habitantes dessa ilha estavam constantemente em guerra com seu vizinho *Blefuscu* por questões fúteis. É nessa viagem que Swift evidencia a realidade inglesa e francesa da época. Já na segunda viagem, Gulliver vai a *Brobdingnag*, um país de gigantes gananciosos como os aristocratas europeus. Na terceira viagem, ele visita a ilha voadora de *Laputa*, *Balnibarbi*, *Glubbdubdrib*, *Luggnagg* e Japão, satirizando através da ironia a Royal Society, a administração inglesa na Irlanda e a imortalidade. Na última viagem, Gulliver se defronta com os Houyhnhm, cavalos inteligentes guiados pela razão, que temiam que os Yahoo (raça selvagem que tinha as feições de seres humanos), tornando-se cultos, dominassem aquele país. Finalmente, Gulliver ironicamente volta à Inglaterra com o objetivo de ensinar aos humanos o que aprendeu com os cavalos.

A ironia presente nessa obra é um procedimento literário que busca desnudar principalmente as práticas políticas e científicas que, aparentando contribuir para o melhoramento do homem, beneficiam somente aqueles que as propõem em prática. Essa ironia é composta nesse romance por intermédio da incongruência estabelecida entre o dito, que é apresentado na obra de acordo com a cosmovisão carnavalesca, e o não-dito, referindo-se, implicitamente, ao mundo extracarnavalesco. Ou seja, a ironia acerca do cientificismo iluminista nessa narrativa é constituída através da confrontação entre as realizações científicas grotescas de pseudocientistas e as práticas científicas guiadas pelo excesso racionalista na Inglaterra da época de Swift.

Nesse estudo sobre a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*, trazemos à tona questões referentes à tradução da ironia como procedimento da sátira swifitiana para o público brasileiro, bem como fomentamos a discussão sobre o *status* da ciência em nosso mundo contemporâneo, já que as traduções analisadas foram realizadas nas últimas

décadas e seus leitores as lêem com olhos de um período marcado por incertezas. Em outras palavras, a reconstrução dessa ironia em *Gulliver's Travels* é importante para desmistificar o fazer científico na atualidade guiado por interesses individuais que são fomentados pela busca inescrupulosa de aquisição de capital. Esse fazer científico demonstra-se neutro, objetivando apenas o bem comum para todos. No entanto, não há neutralidade nas atividades humanas. Desse modo, a ciência está inserida no mundo, uma vez que o cientista não pode fazer tábula rasa de sua posição social, isto é, de alguma forma ou de outra, ele é influenciado por fatores sócio-culturais de seu ambiente, não sendo capaz de fazer uma análise imparcial de um determinado fenômeno.

O *corpus* da pesquisa é composto por passagens que constituem a ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* e respectivas traduções que foram analisadas. Essas passagens foram escolhidas dentre as diversas partes narrativas (As viagens de Gulliver a *Laputa*, *Balnibarbi* e *Glubbudubdrib*) que compõem a ironia analisada no texto de partida e nas traduções de Lopes e Deutsch, pois a análise de todas as partes seria desnecessária por ser bastante recorrente.

A constituição da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* foi analisada a partir de uma edição completa da obra. Para tanto, fizemos uso da edição publicada pela Editora Penguin, Londres, 1994. Nessa obra, a ironia analisada se encontra na terceira parte intitulada *A Voyage to Laputa, Balnibarbi, Glubbudubdrib, Luggnagg, and Japan*, na descrição dos cientistas bufões da ilha voadora de *Laputa*, na apresentação dos projetos da academia de *Lagado* e no encontro de Homero e Aristóteles com seus críticos e as opiniões de Aristóteles sobre as teorias universais.

Na presente pesquisa, analisamos duas traduções de *Gulliver's Travels*, sendo uma para o público infanto-juvenil e outra para o público adulto. Respectivamente, a tradução de Cláudia Lopes<sup>4</sup>, publicada pela Scipione, São Paulo, 2005, e a tradução de Therezinha Monteiro Deutsch, publicada pela L&PM Pocket, Porto Alegre, 2005. Selecionamos essas traduções de um universo de

---

<sup>4</sup> Essa obra vem acompanhada de uma ficha de leitura em anexo que contém duas perguntas que são usadas em nossa análise, respectivamente a sétima e oitava.

quinze traduções destinadas ao público infanto-juvenil<sup>5</sup> e quatro traduções destinadas ao público adulto<sup>6</sup> a partir de uma listagem realizada por Vieira (2004) e de uma busca que fizemos na internet no dia oito de março de 2007. Julgamos que essas traduções são as mais representativas atualmente, uma vez que são facilmente encontradas em livrarias, bancas, sebos e bibliotecas.

A análise foi feita a partir da conceituação de ironia acerca do cientificismo iluminista enquanto elemento literário presente na constituição da sátira swiftiana em *Gulliver's Travels*. Já para a tradução da ironia, fazemos uso da concepção de tradução como recriação a partir dos estudos da tradução.

Inicialmente, fizemos uma revisão bibliográfica com relação à ironia e à tradução da ironia. Para tanto, recorremos a obras que lidam com ironia e a com tradução da ironia. Sobre a ironia, investigamos algumas discussões realizadas por Muecke (1995), Knox (2005), Hutcheon (1994), Ramos-de-Oliveira (2004), Castro (1990), Colebrook (2006), Miranda Neto (2003), Silva (2005), Anolli et al (2001) e Brait (2006). Para a tradução da ironia, fizemos uso de trabalhos relacionados às questões voltadas para a tradução, tais como Lefevere (1992), Rodrigues (2000),

---

<sup>5</sup> Traduções destinadas ao público infanto-juvenil: *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas, redigidas para a mocidade brasileira por Carlos Jansen* de Carlos Jansen, publicada pela Laemment, Rio de Janeiro, 1888; *Viagens de Gulliver ao país dos homenzinhos de um palmo de altura* de Monteiro Lobato, publicada pela Cia Editora Nacional, São Paulo, 1937; *Aventuras de Gulliver no país dos anões* de Armando Brussolo, publicada pela Edições e Publicações Brasil, São Paulo, 1940; *Viagens de Gulliver* de Esdra do Nascimento, publicada pela Ediouro, Rio de Janeiro, 1970 e reeditada pela mesma editora em 1997; *Viagens de Gulliver* de Clarice Lispector, publicada pela Abril Cultural, São Paulo, 1973; *Viagens de Gulliver* de Milton Claro, publicada pela Melhoramento, São Paulo, 1973; *As viagens de Gulliver* de Ildário Tavares, publicada pela Bloch Editores S. A., Rio de Janeiro, 1974; *As viagens de Gulliver* de Suzana Dias, publicada pela Melhoramento, São Paulo, 1983; *Viagens de Gulliver* de Cláudia Lopes, publicada pela Scipione, São Paulo, 1988 e reeditada pela décima quarta vez pela mesma editora em 2005; *As Viagens de Gulliver* de Luiz Antonio Aguiar, publicada pela Melhoramento, São Paulo, 1995; *As aventuras de Gulliver* de Karine Gonçalves, publicada pela Impala, São Paulo, 1996; *Viagens de Gulliver* de Jonh Escott, publicada pela Loyola, São Paulo, 1996; *As Viagens de Gulliver* de Fernando Nuno, publicada pela Difusão Cultural do Livro, São Paulo, 2003; *Viagens de Gulliver* de Luciano Vieira Machado a partir da adaptação de James Riordan, publicada pela Ática, São Paulo, 2005; *Gulliver* de Adriana Ramos e Mônica de Souza, publicada pela FTD, São Paulo, s. d..

<sup>6</sup> Traduções destinadas ao público adulto: *As viagens de Gulliver* de José Maria Machado, publicada pelo Clube do Livro, São Paulo, 1956; *Viagens de Gulliver* de Cruz Teixeira, publicada pela W. M. Jackson, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, 1957, on-line nos sites Domínio Público e eBooksBrasil; *Viagens de Gulliver* de Otávio Mendes Cajado publicada pelo Círculo do Livro (Cortesia da Editora Globo), São Paulo, 1973 foi reeditada pela Abril Cultural (sob licença da Editora Globo S. A., Porto Alegre), São Paulo, 1979 e pela Ediouro, Rio de Janeiro, s.d. e Publifolha, São Paulo, 1998; *As Viagens de Gulliver* de Therezinha Monteiro Deutsch, publicada pela Nova Cultural, São Paulo, 1996 foi reeditada pela L&PM Pocket, Porto Alegre, 2005.

Arrojo (1997), Seligmannan-Silva (2005), Alves (2004), Milton (1998), Bassnett (2003) e estudos sobre a tradução da ironia especificamente como Mateo (2005) e Chakhachiro (1997). Além disso, utilizamos trabalhos que nos auxiliam a compreender questões concernentes à natureza da obra analisada. Sendo assim, fazemos uso de autores que lidam com a carnavalização e a sátira menipéica, como por exemplo, Bakhtin (2002) e Facioli (2002). Com relação ao romance *Gulliver's Travels*, especificamente, buscamos auxílio para nossa análise em Donoghue (1989), Johnston (2002), Macminn (1999), entre outros. Além disso, utilizamos também trabalhos que foram úteis na elaboração do conceito de cientificismo iluminista, tais como Arranha e Martins (1992) e Rouanet (2004).

Por fim, empreendemos um estudo de caráter analítico-descritivo sobre a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista nas traduções de *Gulliver's Travels* que analisamos.

Desse modo, as questões que nortearam nossa pesquisa foram: a ironia acerca do cientificismo iluminista é traduzida nessas versões de *Gulliver's Travels*? Se for, como é reelaborada para a língua portuguesa? Há questões de ordem social, política, religiosa e educacional relacionadas a essas traduções? As traduções retratam aspectos culturais brasileiros ou europeus?

Assim sendo, nosso trabalho, especificamente, buscou analisar a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*, realizada por Lopes e Deutsch, descrevendo as estratégias utilizadas pelas tradutoras a partir da análise minuciosa de elementos contextuais, macrotextuais e microtextuais, porém consciente da impossibilidade de se esgotar a temática. Vale apenas salientar que não procuramos confrontar o texto de partida com os textos de chegada com o objetivo de discutir questões como fidelidade e equivalência. No entanto, investigamos como a ironia acerca do cientificismo iluminista se dá no texto fonte e em seguida analisamos sua tradução nos textos escolhidos.

Nosso trabalho está dividido em três capítulos. Na primeira parte do primeiro capítulo, fazemos um estudo sobre a ironia de acordo com a perspectiva filosófica, retórica e lingüística, baseado em autores tais como Castro (1990), Muecke (1995), Brait (1996), Miranda Neto (2003), Kierkegaard (2005), Colebrook (2006) entre outros, uma vez que os teóricos que lidam com a ironia numa perspectiva literária como Hutcheon (1994) e Muecke (1995) constroem seus aportes teóricos a partir de uma discussão multidisciplinar da ironia. Em seguida,

apresentamos a ironia numa perspectiva literária, buscando construir uma definição que dê conta da caracterização da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* e respectivas traduções que analisamos nessa pesquisa.

Procurando construir aportes teóricos sobre a tradução e, especificamente, sobre a tradução da ironia, no segundo capítulo, demonstramos como a tradução literária é concebida por teóricos dos estudos da tradução, tais como Lefevere (1992), Venuti (1995, 2002), Arrojo (1992, 1997), Bassnett (2003) e Smith (1993) entre outros. Nesse sentido, na primeira parte desse capítulo, apresentamos a tradução na perspectiva dos estudos da tradução como uma atividade em que o tradutor deixa suas marcas, produzindo, por conseguinte, um texto diferente que dialoga com o texto de partida e com outros textos. Já na segunda parte desse capítulo, apresentamos aportes teóricos para tradução da ironia fazendo uso de estudiosos que lidam com essa temática, tais como Mateo (1995) e Chakhachiro (1997), evidenciando que a ironia depende exclusivamente do contexto de produção.

No terceiro e último capítulo, analisamos primeiramente as particularidades da ironia em *Gulliver's Travels* através de estudos de autores como Turner (2005a), Bakhtin (2002), Donoghue (1989), entre outros. Em seguida, fazemos uma breve discussão sobre o cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* baseada em autores como, por exemplo, Felesbino (2001) e Ramos-de-Oliveira (2004). Uma vez esclarecidos os elementos peculiares à ironia e ao cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*, averiguamos como se dá essa ironia no texto de partida e respectivas traduções analisadas.

# 1. APORTES TEÓRICOS PARA A IRONIA NUMA PERSPECTIVA LITERÁRIA

A ironia tem chamado a atenção de estudiosos de diversas correntes teóricas. As numerosas publicações e pesquisas acadêmicas são fatores reveladores desse interesse. Esse fenômeno da linguagem abordado nessa pesquisa se apresenta como um recurso de produção de sentido bastante recorrente, podendo ser encontrada em uma variedade enorme de textos, seja na literatura, nos debates políticos, na mídia ou, meramente, numa conversa do dia-a-dia.

Talvez o grande interesse da ironia esteja em sua maneira de construir sentidos de forma indireta. Em outras palavras, aquilo que não seria possível ser expresso de forma direta, uma vez que chocaria o público ouvinte ou deixaria o emissor em maus lençóis, é suavizado pelo contraste de sentido que, de modo indireto, constitui o efeito irônico e distancia o ironista do que diz.

Nos subitens seguintes, faremos uma construção do conceito de ironia numa perspectiva literária e discutiremos a tradução da ironia no texto literário com o objetivo de construir aportes teóricos para a análise da tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*.

## 1.1. Elementos da filosofia, retórica e lingüística

O conceito de ironia como um procedimento literário é construído por teóricos, tais como Hutcheon (1994), Knox (2005), Muecke (1995) entre outros, a partir da discussão de seu estudo na filosofia, retórica e lingüística. Diante desse fato, julgamos ser necessário a realização de uma apresentação sucinta de como essas disciplinas a concebem antes de discutirmos a ironia numa perspectiva literária.

### 1.1.1. Na perspectiva filosófica

Numa perspectiva filosófica, a ironia é concebida como atitude de questionamento do sujeito perante o real, ou seja, enquanto forma de reflexão sobre

o mundo. Nesse sentido, a marca da ironia se encontra na subjetividade, sendo um exercício do eu em busca da liberdade, procurando dar um outro sentido possível à realidade.

A concepção filosófica de ironia, de acordo com Muecke (1995), aparece pela primeira vez na *República* de Platão através da palavra grega *eironeia*. Este primeiro sentido está relacionado a Sócrates que a praticava como meio de interrogar, procurando atingir a “maiêutica”, ou o nascimento das idéias. A raiz dessa palavra está associada à tradição filosófica de refutação, por meio do qual os gregos buscavam desestabilizar a certeza aparente das proposições convencionalmente estabelecidas. Além disso, ela também adquiriu um sentido purificador na filosofia socrática, pois visava à resolução de situações aporéticas, levando o interlocutor a reconhecer a incoerência de suas proposições por meio de perguntas, visivelmente ingênuas, formuladas com a finalidade de desmascarar os absurdos dos argumentos astuciosos (MIRANDA NETO, 2003). Em outras palavras, a ironia socrática caracterizava-se pela elaboração de questões aparentemente simples que, através do uso de técnicas desenvolvidas por esse filósofo, buscava, basicamente,

[...] transformar uma frase assertiva em interrogativa com a finalidade de dar a entender ao interlocutor um desconhecimento ou a ausência de uma convicção em relação a um determinado tema. [...] (BRAIT, 1996, p. 21).

Ou seja, a ironia socrática procurava confundir o interlocutor para demonstrar a fraqueza de seus pontos de vista ou raciocínios a respeito de um determinado assunto. Sendo assim, a ironia passa a ser tida como um instrumento de debate que se opõe aos discursos autoritários e dogmáticos.

Segundo Kierkegaard (2005), a importância de Sócrates se relaciona ao fato desse pensador grego ser representante da conduta e personificação da ironia, visto que é reflexo de sua posição de vida e, por conseguinte, de mundo. Dessa maneira, é por intermédio da subjetividade que o sujeito irônico reflete sobre o mundo, questionando determinadas visões de mundo e levando o outro ao seu desvelamento.

Outra concepção associada à ironia como atitude é a ironia romântica. “[...] A base da ironia romântica é a idéia de que a vida é irremediavelmente imperfeita ou mesmo contraditória [...]” (SILVA, 2005, p. 52). Para Friedrich Schlegel (apud

MUECKE, 1995), o maior representante nos estudos sobre a ironia romântica, a condição fundamental, metafisicamente irônica do ser humano, é que ele é um ser finito que luta para entender uma realidade infinita e, portanto, incompreensível. Sendo assim, o homem deve se tornar consciente de sua incapacidade de vir a obter um conhecimento totalizante de sua condição e do mundo em que vive.

Seguindo essa linha de raciocínio, a poesia romântica constitui-se enquanto separação criativa do processo criativo, por ser reflexivamente autoconsciente e apresentar a linguagem em seu processo de formação como exemplo desse tipo de poesia, podemos considerar

[...] all those Romantic moments that name the impossibility of naming: William Wordsworth's 'I cannot paint / What then I was' from 'Tintern Abbey'; Coleridge's 'unrevealable / And hidden one' from 'Ne Plus Ultra'; Keat's 'Veiled Melancholy' from 'Ode on Melancholy' or Shelley's 'Power [that] dwells apart in its tranquility / Remote, serene, and inaccessible' from 'Mont Blanc'. [...] (COLEBROOK, 2006, p. 2)<sup>7</sup>.

Para esses poetas, a linguagem não é capaz de captar as essências do mundo, uma vez que está incapacitada de representar a realidade tal como ela é, ou seja, ela não constitui um simples espelhamento do mundo. Sendo assim, o poema, como na arte no geral, será sempre diferente do estado de coisas que representa, pois "[...] language is the *form* given to the world and not the world itself. [...]". (MILLER, 2000, p. 4 apud COLEBROOK, 2006, p. 2)<sup>8</sup>. Nesse sentido, podemos afirmar que a ironia romântica chama atenção para essa diferença entre a arte e a realidade.

### 1.1.2. Na perspectiva retórica

Na retórica, a ironia é considerada como um tropo ou figura que expressa o contrário do que se diz. A ironia tropo atualiza relações paradigmáticas, dando-se

<sup>7</sup> “[...] todos aqueles momentos Românticos que nomeiam a impossibilidade de nomear: ‘Eu não posso descrever / O que naquele tempo eu era’, William Wordsworth em ‘Tintern Abbey’; ‘Algo irrevelável / E escondido’, Coleridge em ‘Ne Plus Ultra’; ‘Melancolia velada’, Keat em ‘Ode à Melancolia’; ‘Poder [que] reside à parte de sua tranquilidade / Remoto, sereno e inacessível’, Shelly em ‘Mont Blanc’. [...]” (COLEBROOK, 2006, p.2). (Tradução nossa).

<sup>8</sup> “[...] linguagem é a *forma* dada ao mundo e não o mundo em si. [...]”. MILLER, 2000, p. 64 apud COLEBROOK, 2006, p. 2). (Tradução nossa).

através da oposição entre palavras, uma vez que o tropo demonstra ser mais descoberto e, mesmo que a expressão não possua uma correspondência com o pensamento, o sentido verdadeiro não está oculto. Nesse tipo de ironia, as características próprias do ironista e do assunto que está sendo discutido são elementos fundamentais para a constituição dos efeitos irônicos, pois toda vez que existir discrepância entre um desses elementos e as palavras, é sinal de que o falante está pretendendo dizer uma coisa distinta do que disse. Dessa maneira, “[...] é permitido na ironia tropo, criticar fingindo elogiar e elogiar fingindo desaprovar assim como, às vezes, é possível dizer o contrário do que se quer fazer compreender por mero divertimento ou brincadeira [...]”. (QUINTILIANO, s.d., p. 225 apud CASTRO, 1990, p. 17). Já a ironia figura acontece no sintagma, dando-se em última instância entre outras linguagens (gestos, tons, etc.) e a constituição propriamente dita do enunciado, opondo-se, por conseguinte, à expressão literal (CASTRO, 1990). Dessa forma, ela atualizaria o contexto verbal e extraverbal, uma vez que para “[...] detectá-la, é necessário considerar a discordância entre o discurso produzido e qualquer dos elementos do contexto.” (CASTRO, 1990, p. 24).

Um exemplo simples que serve para compreendermos a relação entre esses conceitos de ironia tropo e ironia figura é a expressão “Que dia bonito!” dito por uma pessoa em um dia nublado. Nesse enunciado, partindo do conceito de ironia em consonância com a retórica clássica podemos ter tropo e figura ao mesmo. O intérprete pode notar que há um desacordo entre as palavras que compõe essa sentença e os elementos do contexto em que é enunciada. Ao mesmo tempo essa expressão não corresponde literalmente ao pensamento do enunciador, tendo caráter de dissimulação.

Aparecendo como expressão do contrário, no interior dos estudos retóricos que se preocupavam com a produção de modos de persuasão, a ironia se apresenta como uma das maneiras de confundir os adversários, como um instrumento utilizado pelo orador na tentativa de persuadir seu público. Servindo como elemento de aprimoramento do estilo, a ironia é concebida como uma construção disjuntiva, posto que o que é dito passa a significar o contrário ou contraditório. Para Vossius (1978 apud CASTRO, 1990), a ironia possui como elemento central não apenas o contrário, como também o contraditório, pois muitas vezes o sentido pretendido contradiz o propósito sem estabelecer seu contrário. Para exemplificar sua posição, ele apresenta a seguinte situação “[...] ser superior e

ser inferior são contrários, enquanto ser superior e não ser superior se contradizem [...]” (VOSSIUS, 1978 apud CASTRO, 1990, p. 19). Dessa maneira, deve-se falar, na definição de ironia, em contrário com valor de oposto, uma vez que na ironia faz-se compreender coisas em oposição. Nesse sentido, ela é um meio de comunicação de alto risco, uma vez que sua interpretação está relacionada com os interlocutores e o contexto. Além disso, ela instaura a liberdade devido a seu caráter de sentido duplo e ambíguo, tendo por função elogiar para criticar, conceder para retirar, assumir para rejeitar, entre outras.

### **1.1.3. Na perspectiva lingüística**

Numa visão lingüística, a ironia pode ser concebida de diversas maneiras. Como poderemos ver a seguir, ela pode ser considerada enquanto uma violação da Máxima de Qualidade, um ato ilocucionário, um fenômeno de implicação lingüística, menção-eco, contradição de valor argumentativo e procedimento interdiscursivo e, por conseguinte, polifônico.

#### **1.1.3.1. Como violação da Máxima da Qualidade**

Em sua teoria racionalista, Grice (1975) afirma que a ironia consiste de uma lacuna semântica entre o que é dito e o que se intenciona dizer, isto é, aquilo que o falante diz não é o que ele pretende dizer, pois em seu enunciado ele já deixa implícito um não-dito. Nessas condições, a ironia passa a ser uma violação da Máxima de Qualidade (“Do not say what you believe to be false” e “Do not say that for which you lack adequate evidence” (GRICE, 1975, p. 45))<sup>9</sup>. Sendo assim, a ironia é a realização de uma implicatura conversacional. Essa posição é também compartilhada por Searle (apud ANOLLI et al, 2001) que caracteriza essa forma de apresentação da linguagem como uma negação lógica da interpretação literal. Ou seja, durante a constituição do ato irônico, o ironista começa com o sentido literal de uma sentença e termina com uma sentença cuja significação se dá por intermédio de uma implicatura. Por exemplo, um falante pode dizer a seu colega de trabalho, se este chegar atrasado em uma reunião: “Parabéns! Você chegou bem na hora

---

<sup>9</sup> “Não diga o que você acredita ser falso” e “Não diga algo do qual você não tenha evidência adequada” (GRICE, 1975, p. 45). (Tradução nossa).

marcada!”. Esse enunciado não pode ser entendido literalmente, uma vez que o colega chegou bastante atrasado à reunião em que todos os participantes já estavam há muito tempo apenas aguardando a sua chegada. O sentido de tal enunciado se encontra, como afirma Kato (2002), nas entrelinhas, ou seja, há uma violação intencional de um dos postulados ou máximas, pois o falante não está sendo sincero. Obviamente, o atraso do colega irritou o falante, que decide fazer uso, sarcasticamente, da ironia, visto que o contexto formal em que ele se encontra o impede de fazer uma reclamação direta de seu comportamento.

Sendo assim, de acordo com essa perspectiva teórica, a ironia é criada através do conflito entre as atitudes subjetivas do ironista e as atitudes e expectativas que são estabelecidas pela expressão literal da sentença (ANOLLI et al, 2001). Em outras palavras, o sentido literal está relacionado às palavras e independe do contexto, sendo que sua constituição se estabelece em oposição ao sentido figurado. Ou seja, o sentido figurado, de acordo com essa acepção, é entendido como uma implicatura, originária da violação da Máxima de Qualidade. Ele estabelece “[...] uma diferença entre o sentido da enunciação e o sentido da sentença – essa não muda de sentido, é o falante que lhe dá um sentido diferente [...]”. (SILVA, 2005, p. 46). No entanto, essa distinção demonstra-se um tanto inapropriada, visto que o sentido literal de qualquer palavra ou sentença é sempre impossível de ser determinado completamente, uma vez que é impossível que uma determinada expressão lingüística abarque todos os seus usos e seja, dessa maneira, revelada, utopicamente, em toda sua essência.

### **1.1.3.2. Como ato ilocucionário**

Para Catherine Kerbrat-Orecchioni (1978, 1980 apud BRAIT, 1996), o que se destaca, precisamente, no caso da ironia é a atividade do ato ilocucionário<sup>10</sup>, uma vez que a ironia, caracterizando-se como uma atividade dupla, tem por função realizar uma ação. O ato ilocucionário é construído através de elementos que

---

<sup>10</sup> Para Austin (1962), o ato ilocucionário é um dos três atos de fala. “[...] Ele é o ato propriamente dito, ação praticada ao se proferir certa sentença dentro de um contexto, por conseguinte, com certo fim convencional. [...]” (SANTOS, 2006, p. 367), diferindo do ato locucionário (ato de dizer algo.) e do ato perlocucionário (efeito ou consequência de certo ato ilocucionário, sendo, portanto, não-convencional.).

determinam a compreensão do texto. Na ironia esses elementos são formais e explícitos, tais como o uso de elementos gramaticais e retóricos, como, por exemplo, o uso de determinadas palavras (gramatical) e fingir concordar com a vítima (retórico). Como exemplo de ironia segundo esse aporte teórico, podemos apresentar o seguinte enunciado, dito por Maria ao seu marido Lourenço, que tinha acabado de tentar consertar uma velha cadeira e não tinha obtido sucesso, como sempre: “Você é um gênio, Lourenço! Desde nosso casamento, sua inteligência tem sempre me fascinado!”. Nesse caso, temos a constituição da ironia através do uso de certas palavras, tais como “gênio”, “inteligência” e “fascinado”. Além disso, ao proferir tal enunciado, Maria executa uma ação: elogia seu marido para culpá-lo.

O estudo da ironia como ato ilocucionário é definido pela performatividade própria à linguagem. Em outras palavras, a ironia não é apenas uma antífrase como conceitualizada pela retórica tradicional, nem uma contradição entre realidade e aparência como definem alguns estudiosos atualmente, mas é em si um meio de agir lingüisticamente, desmistificando determinadas práticas sociais.

### 1.1.3.3. Como um fenômeno de implicação lingüística

A ironia pode ser apresentada como um fenômeno de implicação lingüístico, que tem atualmente preocupado os lingüistas. Ao analisar o enunciado irônico por intermédio do que está explícito, pode-se chegar ao que está implícito por dedução. Essa postura teórica faz com que o texto irônico seja compreendido como resultado de uma operacionalização dedutiva de contradição ou contrariedade através do qual se obtém o pressuposto enquanto expressão verdadeira de significação (CASTRO, 1990). Sendo assim, o efeito irônico seria apenas uma substituição de um significado explícito (pressuponente) por um outro implícito (pressuposto) através de uma relação de contradição ou contrariedade. De acordo com Castro (1990, p. 114), enunciando-se

[...] a expressão *que dia belo*, o termo lexical presente no enunciado faz prever, no eixo semântico, o termo contraditório, *dia não belo*. Vale dizer, estabelece-se uma relação de pressuposição entre o primeiro termo (pressuponente) e o outro (pressuposto) em que a presença de um pressupõe a do outro. O termo obtido, por relação de complementaridade, passa a pressuponente implicando o surgimento de outro, pressuposto. [...]

Dessa maneira, a ironia é estabelecida pela contradição entre o pressuponente (*que dia belo*) e seu pressuposto (*que dia não belo*, ou seja, *que dia feio*). De outra forma, podemos dizer que o sentido literal remete ao sentido figurado, que passa a substituí-lo, uma vez que ao dizer *que dia belo* o falante pretende que entendam o seu contrário.

#### 1.1.3.4. Como menção-eco

De acordo com Sperber e Wilson (1978 apud CASTRO, 1990), a ironia pode ser compreendida como menção. Isso se dá em virtude do enunciado ser constituído a partir do propósito do sujeito e não em decorrência da realidade. O enunciado, na menção, exprime algo a respeito de si mesmo, sendo proferido de maneira explícita ou implícita. Na ironia, a menção é implícita, porque, além de se referir ao próprio enunciado implicitamente, demonstra que ele foi entendido e levado em consideração, expressando o eco que o propósito provoca no interlocutor. Sendo assim, o ironista

[...] faz eco a uma preposição para manifestar que ele a desaprova, seja por falta de verdade, seja por parte de pertinência. O destinador, na tentativa de compreender tais enunciados, vai buscar reconhecer o caráter de menção-eco e a atitude do locutor em relação à proposição que ele menciona. [...] (CASTRO, 1997, p. 88).

Nesse sentido, a ironia passa a ser entendida a partir do propósito do ironista e do eco que tal propósito aflora, pois o eco é constituído pelo que foi dito anteriormente.

Para exemplificar a ironia como menção, tomamos o final do segundo parágrafo do primeiro capítulo do romance *The Adventures of Huckleberry Finn* de Mark Twain: “But Tom Sawyer he hunted me up and said he was going to start a band of robbers, and I might join if I would go back to the widow and be respectable. So I went back” (TWIN, 2007)<sup>11</sup>. Nessa passagem do romance, percebemos que a ironia se constitui através de uma menção-eco. Esse procedimento se dá por

<sup>11</sup> “[...] Mas Tom Sawyer me procurou e disse que iria formar um bando de ladrões e eu poderia me juntar a eles se voltasse para a viúva e fosse respeitável. Então, eu voltei” (TWIN, 2007). (Tradução nossa).

intermédio da intenção do ironista (menção) e não da realidade, pois na realidade os ladrões não são indivíduos respeitáveis que acatam conselho e têm boas intenções (eco). Ou seja, Huckleberry Finn, deveria ser cortês para com a viúva que exerce o papel de sua mãe, para se tornar um verdadeiro ladrão do grupo de Tom Sawyer.

A ironia, segundo essa perspectiva teórica, não pode simplesmente ser compreendida como um sentido figurado já que durante a constituição do ato irônico tem-se as intenções do ironista, um enunciado anterior que é posto em contradição, bem como a situação enunciativa.

### 1.1.3.5. Como contradição de valor argumentativo

Na ironia, a contradição de valor argumentativo surge quando dois argumentos geralmente incompatíveis se interseccecionam. Dessa maneira, o enunciador, ao ser irônico, volta-se para a própria enunciação, isto é, dizer algo através do enunciado e, então, retornar à enunciação, adicionando-lhe uma significação oposta ao mesmo enunciado no qual ela é posta. Para Castro (1990, p. 118),

[...] A mesma enunciação serve para dizer A e, simultaneamente, para dizer o seu contrário, devido ao valor argumentativo oposto das enunciações. É esse valor argumentativo que garante a instauração dos opostos: uma enunciação veicula uma informação que reforça o argumento em favor de r, a outra um reforço ao argumento em favor de não-r. [...]

Em outras palavras, essa noção de um duplo de natureza enunciativa pela sobreposição de valores contrários tem relevância fundamental para o desmascaramento conduzido pela ironia como veremos no exemplo a seguir retirado do artigo *Ironia e refutação como estratégias argumentativas no jornalismo interpretativo*, de Lopez e Dittrich (2007):

“O Estado tem dezenas de depoentes que aceitaram contar o que sabem à polícia ou a parlamentares que investigam a atuação do crime organizado. Tiveram a garantia de uma suposta proteção que acabou não se concretizando.”

No trecho acima, a ironia se estabelece a partir da contradição entre duas argumentações presentes: uma a favor dos depoentes contarem o que sabem às

autoridades e outra contra. Na segunda parte do enunciado, o enunciador vai contra o que está colocado na primeira parte, sendo que aquilo que garante a contradição de ordem argumentativa é a utilização da palavra “suposta”, conduzindo o leitor a compreender que, embora o conceito socialmente formado seja de que o indivíduo deve colaborar com o trabalho investigativo empreendido pela polícia, seria melhor o cidadão garantir sua própria segurança não contribuindo, desse modo, com os policiais e parlamentares.

#### **1.1.3.6. Como um procedimento interdiscursivo e polifônico**

Como um procedimento interdiscursivo e polifônico concebido a partir da Análise do Discurso francesa, a ironia é um evento discursivo, uma vez que é constituída de Formações Discursivas e, por conseguinte, Formações Ideológicas contraditórias que se remetem inversamente uma(s) à(s) outra(s). Sendo também um evento polifônico, visto que se faz ouvir diferentes vozes articuladas em sentidos opostos. Nesse sentido, podemos afirmar que há na ironia uma interação entre diferentes discursos de Formações Discursivas antagônicas, instaurando uma relação dialógica entre dito e não-dito, em toda sua dimensão enunciativa, numa realização polifônica. Ou seja, a ironia é construída, nessa perspectiva, através do embate de vozes e discursos contraditórios, pois se tem a criação de efeitos de sentido plurais por intermédio do conflito de vozes.

Além disso, a ironia pressupõe uma relação de sentidos entre interlocutores. Nesse sentido, o ironista faz uso da fala do outro, revestindo-a de uma orientação contrária. Isso implica uma contradição que instaura a polifonia e o interdiscurso, pois “A segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir de fins diametralmente opostos [...]”. (BAKHTIN, 2002, p. 194).

No discurso irônico, diferentes vozes são ouvidas e articuladas em sentidos opostos, constituindo, interdiscursivamente, discursos contraditórios. Dessa forma, o efeito de sentido implícito da ironia passa a ser instaurado pela junção da enunciação do ironista mais a enunciação da vítima. Ou seja, a enunciação na ironia remete-se à enunciação do outro através da apropriação desta pelo ironista, voltando-se, desse modo, contra si própria por intermédio da oposição e no mesmo instante em que toma forma.

Para exemplificar a ironia de acordo com esse conceito teórico, tomamos de empréstimo a análise da ironia do trecho apresentado abaixo do conto *O colocador pronomes*, de Monteiro Lobato, realizada por Miranda Neto (2003):

Aldrovando Cantagalo veio ao mundo em virtude dum erro de gramática.  
 Durante sessenta anos de vida terrena pererecou como um peru em cima da gramática.  
 E morreu, afinal, vítima de um erro de gramática.  
 Mártir da gramática, fique este documento da sua vida como pedra angular para uma futura e bem merecida canonização. (LOBATO, 1994, 113).

Na passagem acima, a ironia se constitui através de uma atitude questionadora, avaliando de modo sistemático a sociedade coronelista autoritária brasileira da República Velha. O ironista constrói a ironia através de uma situação enunciativa cômica, recorrendo a duas enunciações que possuem formações ideológicas contrastantes: o ironista é um sujeito questionador e contestador, enquanto Aldrovando é um indivíduo alienado em seu mundo gramatical (MIRANDA NETO, 2003). Em outras palavras, através do dito direcionado à fé cristã por intermédio das palavras “mártir” e “canonização” e ao purismo lingüístico condicionado pelo uso exagerado das normas cultas preconizadas pela gramática tradicional, o ironista critica a conservação de estruturas lingüísticas arcaicas e rebate a postura autoritária dos gramáticos que ditam normas que desprezam completamente a linguagem coloquial em uso.

## 1. 2. A ironia numa perspectiva literária

Numa perspectiva literária, teóricos tais como Knox (2005), Muecke (1995), Hutcheon (1994) entre outros, retomam as discussões realizadas pela filosofia, retórica e lingüística e passam a conceber a ironia enquanto conflito entre *aparência* e *realidade* ou incongruência entre *dito* e *não-dito*. Para Knox (2005), na ironia, a *aparência* se apresenta como verdade inquestionável, mas quando desmistificada em profundidade, o sentido conflitante é revelado. Dessa maneira, a *realidade* surge como um não-dito em potencial. Em outras palavras, a ironia é um processo semanticamente complexo que relaciona, diferencia e combina o dito e

não-dito para produzir um outro sentido, levando em conta o contexto de produção, as atitudes e expectativas do ironista e intérprete (HUTCHEON, 1994).

O conceito de ironia apresentado pela retórica e lingüística enquanto contradição e/ou contrariedade atualmente não é um meio unicamente apropriado para caracterizar as técnicas complexas e multifacetadas dos quais os escritores fazem uso para criar a ironia. De acordo com Mateo (1995, p. 172), “[...] irony, and in particular verbal irony, is not something that can be recognized by a fixed set of linguistic or stylistic features: there is no recognizable tone or style. Irony depends on context [...]”.<sup>12</sup> Nesse sentido, ela é criada através da relação estabelecida entre palavras e expressões com o texto, sendo, por conseguinte, uma categoria pragmática que constitui toda uma gama de interpretações subversivas.

Existem sempre marcas textuais e contextuais que funcionam como elementos que guiam o intérprete à ironia, pois a ironia pode ser *marcada* e *não-marcada*. Entendendo-se *marcada* como contendo marcas textuais e *não-marcada* sem marcas textuais, mas sim contextuais.

Marcada na materialidade verbal, a ironia pode ser encontrada explicitamente em uma seqüência enunciativa determinada através de uma palavra ou expressão. Esse meio de apresentação da linguagem, dessa forma, é visível quando um enunciado entra em contradição com uma seqüência enunciativa próxima, de modo que, ao se dizer algo, conseqüentemente, explicita-se uma posição contraditória. Como exemplo de ironia marcada, Miranda Neto (2003) apresenta uma passagem do conto *Negrinha* de Monteiro Lobato (1994, p. 23): “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças [...]”. Nesse exemplo, o adjetivo “excelente”, de antemão, nos apresenta “dona Inácia” como uma pessoa de atitudes louváveis. No entanto, na seqüência do enunciado a expressão “mestra na arte de judiar de crianças” contradiz o que foi posto anteriormente. Além disso,

“[...] as noções de “mestra” e “arte” opõem-se, no plano dos sentidos, à prática da violência. Historicamente, *mestra* significa aquela que ensina; e *arte*, remetendo à visão greco-romana, interpõe-se à condição de belo, sublime.” (MIRANDA NETO, 2003, p. 51-2).

---

<sup>12</sup> “[...] a ironia e em particular a ironia verbal, não é algo que pode ser reconhecido por um conjunto de elementos estilísticos e lingüísticos: não há tom ou estilo irônico reconhecíveis. A ironia depende do contexto [...]” (MATEO, 1995, p.172). (Tradução nossa).

Os enunciados irônicos *não-marcados* apresentam, contextual e implicitamente, em sua estrutura, enunciados que se contradizem. Dessa maneira, por exemplo, em dadas situações como: “Não renuncio ao meu dever de escolher aqueles que governam o meu país”, quando dito por uma pessoa que não concorda com o voto obrigatório articula um outro enunciado não-dito em potencial que revela sua postura crítica perante tal situação no processo eleitoral brasileiro. A presença desse outro enunciado e, conseqüentemente da constituição dessa ironia não-marcada na materialidade textual, seria possível graças ao conhecimento que os intérpretes têm da pessoa que enunciou tal sentença.

Com relação especificamente a elementos relacionados ao contexto na ironia, Hutcheon (1994) apresenta o *circunstancial*, o *textual* e o *intertextual*. O primeiro tipo de contexto, o *circunstancial*, está relacionado à situação enunciativa do dito que aciona o não-dito, isto é, quem está atribuindo o que, para quem, quando, como, por que e onde. Já o segundo, o *textual* como um todo, fornece estrutura para atribuição da ironia e desenvolve os procedimentos habituais do texto, tais como coerência e coesão. O terceiro tipo, o *intertextual*, formado por todos os enunciados relevantes já ditos anteriormente, produz efeitos contextuais responsáveis pela configuração da ironia.

O sentido irônico ocorre no espaço entre o dito e o não-dito por meio da mobilização de uma complexidade de fatores responsáveis pela produção e recepção de significados. Sendo assim, na análise da ironia, devemos levar em conta as dimensões sociais e interativas de seu funcionamento, uma vez que, na constituição da ironia, há relações dinâmicas e plurais entre o texto e seu contexto, o ironista e o intérprete. Nesse sentido, o sentido irônico é mais do que a simples oposição ou inversão do dito, ele é sempre diferente, pois, como argumenta Hutcheon (1994), envolve características fundamentais, tais como o *relacional*, o *incluso* e o *diferencial*. Sendo uma estratégia *relacional*, a ironia se operacionaliza não somente entre significados (ditos e não-ditos), posto que a significação irônica decorre como conseqüência de uma relação que tem como propósito primordial a criação de um novo sentido. O sentido *incluso* da ironia está relacionado ao caráter de fixidez, pois na ironia há uma simultaneidade de sentidos, ou seja, não é necessário rejeitar um significado (literal) em detrimento de outro (figurado) para se chegar ao sentido irônico. Já o conceito de significado *diferencial* diz respeito à existência de elementos diferentes (o dito e o não-dito) que se juntam para formar os

efeitos irônicos. Levando-se essas características em consideração, o sentido da ironia passa a não mais ser concebido como uma mera substituição de sentidos opostos, mas como a criação de um novo significado através da junção do dito e do não-dito.

Dessa maneira, a ironia, de acordo com a perspectiva literária, é tida como um procedimento de constituição do sentido que visa à desmistificação da aparência que se demonstra enquanto realidade. O que é dito deixa marcas textuais ou contextuais para um não-dito em potencial. O dito e o não-dito, sendo simultâneos e diferentes, se relacionam entre si para construir o efeito irônico em um contexto determinado e levando-se em conta as atitudes e expectativas do ironista e intérprete para com a vítima.

## **2. A TRADUÇÃO DA IRONIA NO TEXTO LITERÁRIO**

A tradução da ironia no texto literário se dá a partir da recriação dos elementos característicos da ironia descritos no capítulo anterior. Porém, antes da apresentação de aportes teóricos com relação à tradução da ironia, demonstramos como a tradução e, especificamente, a tradução literária é concebida por teóricos atuais dos estudos da tradução, tais como Lefevere (1992), Venuti (1995, 2002), Arrojo (1992, 1997) entre outros.

### **2.1. A tradução como um outro texto**

A tradução de qualquer texto literário, assim como a tradução no geral, é concebida como “[...] um processo de escolha, uma atividade interpretativa, em que o lingüístico se associa ao contextual em seu sentido mais amplo, incluindo o histórico e o social [...]” (RODRIGUES, 2000, p. 213). Em outras palavras, toda tradução é moldada por coerções sócio-culturais, pois o tradutor está inserido em um determinado contexto.

O tradutor não pode ser visto como um sujeito ideal que verte um texto de uma língua para outra sem deixar suas marcas. Ele não possui habilidades metafísicas para captar o sentido almejado pelo escritor, uma vez que não há referente externo ao sistema lingüístico como preconiza o logocentrismo ocidental baseado na semiologia clássica saussuriana. Essa crença de os significados serem estáveis por se encontrarem fora do receptor vem sendo mantida, pelo menos, desde Aristóteles e Platão, sendo, por conseguinte, a base da maioria das teorias, filosofias e visões de mundo da civilização ocidental (ARROJO, 1992).

É a partir da possibilidade de conhecimento como essência incrustado nas palavras e que pode ser recuperado adequadamente em outros momentos, que surge a concepção de tradução como transporte de significados estanques de uma determinada língua pertencente a um certo contexto sócio-cultural para outra. Contestando essa crença, os teóricos pós-estruturalistas vêem a significação como um processo de construção discursiva caracterizado por seu momento de produção. Assim sendo, a significação não é passível de recuperação em outro momento numa

tradução, pois a situação enunciativa em que ela se dá a ressignifica. Nas palavras de Toury (1995, p. 26),

There is no way a translation could share the same systemic space with its original; not even when the two are physically present side by side. This is not to say that, having been severed from it, a translation would never be in a position to bear on this source culture again, on occasion even on the source text itself. Texts, and hence the culture systems which host them, have been known to have been affected by translations of theirs. [...] <sup>13</sup>

Nesse sentido, o tradutor jamais será capaz de reescrever um texto do mesmo modo em que ele foi produzido e, dessa maneira, atingir as intenções do autor, uma vez que isso implicaria uma reconstituição total das condições em que o texto foi produzido e, além do mais, o tradutor deveria tomar o lugar do próprio autor, o que seria totalmente impossível.

Em *Pierre Menard, autor Del Quijote*, Borges (1974) exemplifica a tentativa ilusória de recuperação dos significados estanques no processo tradutório realizado por Pierre Menard. Durante o processo de tradução dos capítulos nove e trinta e oito da primeira parte de *Dom Quixote* de Cervantes e um fragmento do capítulo vinte e oito dessa mesma obra, Menard procura se converter na própria origem dos significados para traduzir o texto de partida escrito por Cervantes, no século XVII, da mesma maneira. Para realizar seu objetivo, sua primeira estratégia é se transformar integralmente em Cervantes, ou seja, “[...] Conocer bien el español, recuperar la fe católica, guerrear contra los moros o contra el turco, olvidar la historia de Europa entre los años de 1602 y de 1918, ser Miguel de Cervantes [...]”. (. (BORGES, 1974, p. 447) <sup>14</sup>.

O desígnio de Menard, dessa maneira, nos parece ser impossível e burlesco, levando-nos a questionar aqueles que pretendem ser fiéis na tradução de qualquer texto. Esse procedimento irrealizável sempre é abandonado de uma forma

---

<sup>13</sup> “Não há como uma tradução compartilhar o mesmo espaço sistêmico com seu original; nem mesmo quando ambos estão fisicamente presentes lado a lado. Isso não quer dizer que, tendo sido separado dele, uma tradução nunca poderá estar em uma posição para se suportar na cultura fonte novamente, ocasionalmente mesmo no texto fonte em si. Textos e, portanto, os sistemas culturais que os recebem, têm sido conhecidos por terem sido afetados por suas traduções.”.

<sup>14</sup> “[...] conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica, guerrear contra os mouros ou contra os turcos, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918, ser Miguel de Cervantes [...]” (BORGES, 1974, p. 447). (Tradução nossa).

ou de outra, isto é, não tem como Pierre Menard ser Cervante, pois sua interpretação do texto do autor é interpelada por suas leituras de outros textos. Assim sendo, a “obra invisível” de Menard não pode ser tida como um “milagre” ou como “reprodução completa” do texto de Cervantes. Sua obra é diferente, apesar de ser escrita com as mesmas palavras e na mesma seqüência narrativa, pois contém, inegavelmente, marcas de uma interpretação que ocorre em um outro contexto.

Sendo assim, a tradução é uma atividade fundamentalmente produtora de significados, sendo o trabalho do tradutor tão complexo quanto o do próprio escritor do texto de partida, pois

[...] Cada tradução (por mais simples que seja) exige do tradutor a capacidade de confrontar áreas específicas de duas línguas e duas culturas diferentes, e esse confronto é sempre único, já que suas variáveis são imprevisíveis [...]. (ARROJO, 1997, p. 78).

Em outras palavras, a tradução se constitui como um processo de recriação textual único que se dá a partir do ato de ler e reescrever. Procurando produzir significados que sejam aceitáveis na cultura a qual pertence o público-alvo, o tradutor inicia seu trabalho a partir de uma leitura atenta do texto de partida, buscando, dependendo do texto, aplicar as convenções pré-estabelecidas durante a reescritura.

Além disso, o tradutor também deve ter em mente que sua atividade implica na elaboração de um texto para um público que não tem acesso ao texto fonte e que irá, de uma forma ou de outra, causar mudanças na cultura-alvo, pois sendo um ato comunicativo dialógico, as traduções preenchem espaços necessários para que uma determinada cultura consiga se relacionar com outra.

No processo de tradução, cada texto passa a possuir características particulares, uma vez que todo texto é produto de um dado processo que não pode ser repetido em outro momento devido às suas condições próprias de produção. Desse modo, podemos dizer que existem diferenças entre o texto de partida e o texto de chegada, uma vez que cada um os objetos significados e suas funções e valores dependem exclusivamente de seus contextos culturais. Em outras palavras, cada cultura delimita aspectos de experiências vividas por cada povo através de sua língua, por exemplo:

O indivíduo que guia um automóvel é chamado, em francês de *chauffeur*, em espanhol de *conductor*, em inglês de *driver*, em

português de *motorista*; isto significa que os franceses associam tal indivíduo com sua atividade de aquecer o motor para pôr a máquina em funcionamento; os espanhóis e ingleses o associam com o ato de dirigir o carro, enquanto que nós, falantes de português, o associamos diretamente com o motor do veículo. Trata-se de uma mesma atividade, mas a análise que cada língua pratica nessa realidade resulta na apreensão de um aspecto particular de uma série de operações, e esse aspecto focalizado difere de uma para outra comunidade de falantes [...]. (LOPES, 1972, p. 21).

Sendo assim, durante o processo de tradução, a atividade descrita acima irá se inserir na maneira como a cultura-alvo a concebe. Existem, obviamente, casos em que a concepção de uma determinada atividade influi diretamente no contexto de produção do enunciado. Em tais situações, o tradutor ou pode fazer uso de uma explicação em nota de rodapé ou recriar tal atividade de acordo com as experiências da cultura-alvo.

Para Milton (1998), a tradução evidencia a morte do original, pois ela surge a partir de uma reelaboração do texto de partida, conferindo-o toda uma nova dimensão contextual, por ser um processo de mudança que se caracteriza por um movimento que dá uma outra vida ao texto. Nessa perspectiva, a tradução, como qualquer atividade interpretativa, se dá a partir de aspectos próprios do seu momento de produção, podendo o tradutor criar uma tradução facilitada que pareça como se tivesse sido escrita na língua-alvo, introduzindo na cultura-alvo uma ideologia e um sistema de valores estranhos. Além disso, este tipo de tradução nos dá “[...] a impressão de que as línguas são transparentes, de que pertencem todas a um sistema transcendental e de que o mesmo sistema de valores existe em todas as culturas [...]” (MILTON, 1998, p. 167). As idéias logocêntricas ocidentais são transmitidas também através de traduções desse tipo, dando a impressão de que determinados elementos idiossincráticos da cultura dominante são naturais, como por exemplo, a crença por parte dos dominados de que os europeus são mais capacitados intelectualmente do que eles que pertencem às sociedades “primitivas” africanas, asiáticas e latino-americanas. Em contrapartida, há um número bem menor de traduções que procuram realizar uma recriação da forma do texto de partida na língua de chegada. Esse tipo de tradução “[...] não pretende infiltrar a cultura-alvo, mas tem uma “relação textual” com a língua-alvo [...]” (MILTON, 1998, p.168). Assim sendo, esse tipo de tradução é mais uma reescritura ou escritura do texto de partida do que uma tradução em si, sendo que os melhores que seguem

esse tipo de tradução foram escritores que agregaram suas traduções à sua obra, tais como Ezra Pound, Augusto e Haroldo de Campos.

Venuti (1995) apresenta dois tipos de tradução, a saber, a tradução domesticada e a tradução estrangeirizada, que podemos comparar com os dois tipos de tradução apresentados acima.

Os principais elementos que caracterizam as estratégias na tradução domesticada são a fluência e a transparência do texto traduzido. Uma tradução fluente é lida facilmente sem nenhuma interrupção imposta por palavras e sintaxe desconhecidas do público-alvo. Isso não quer dizer que o léxico e sintaxe sejam demasiadamente simplificados. O resultado da tradução fluente é a transparência, ou seja, o tradutor faz com que seu trabalho seja invisível, produzindo um efeito ilusório de transparência. Assim sendo, o texto traduzido se reveste de uma naturalidade aparente, parecendo com um texto nunca traduzido.

A tradução domesticada, ao contrário da tradução facilitada apresentada por Milton (1998), não introduz na cultura da língua-alvo valores que lhes são estranhos. No contexto cultural, esse tipo de tradução busca acentuar os valores e visões da cultura de chegada.

Na tradução estrangeirizada, o tradutor procura recriar o máximo de elementos estrangeiros no texto traduzido, por exemplo, elementos culturais, lingüísticos e nomes próprios usados no texto de partida, como também qualidades acústicas, lexicais e sintáticas da língua estrangeira. O tradutor que segue esse tipo de tradução está convicto de que ele enriquece a literatura e língua nacional por trazer diferentes estéticas e novos vocábulos. Na tradução estrangeirizada, de acordo com Schleiermacher (1813, p. 74, apud VENUTI, 1995, p. 101), “[...] o tradutor deixa o autor em paz tanto quanto possível e leva o leitor a ele [...]”. Nesse tipo de tradução, não apenas a forma é traduzida, mas também o conteúdo característico à cultura de partida.

Com base nos conceitos de tradução domesticada e tradução estrangeirizada, Venuti (2002) apresenta dois tipos de ética na tradução: a ética tradutória de igualdade e a ética da diferença.

A ética tradutória de igualdade é praticada por instituições principalmente acadêmicas e religiosas e procura assegurar seus discursos, cânones, interpretações, pedagogias entre outros. Esse tipo de ética na tradução apresenta uma atitude doméstica e etnocêntrica em relação à cultura estrangeira,

sistematicamente negando a estranheza da obra estrangeira. Como exemplo desse procedimento tradutório, Venuti (2002), apresenta o cânone em língua inglesa da ficção japonesa na tradução dos romances e coleções de contos, focalizando poucos escritores, principalmente Tanizaki Jun'ichiro, Kawabata Yuasunari e Mishima Yukio, nas décadas de 1950 e 1960 e privilegiando um conceito de estrangeiridade nitidamente americano e acadêmico que reflete uma nostalgia doméstica por um Japão pré-guerra exótico.

Já na ética da diferença, o tradutor opta por “[...] redirecionar o movimento etnocêntrico a fim de descentralizar os termos domésticos que um projeto tradutório tem de, inevitavelmente, utilizar [...]” (VENUTI, 2002, p. 157). Realizando uma negação etnocêntrica, a tradução passa a apresentar um diálogo que faz com que a língua e a cultura domésticas passem a registrar a estrangeiridade contida no texto de partida. Como exemplo dessa ética na tradução, Venuti (2002) demonstra as traduções que o especialista em cultura clássica John Jones fez em 1962 das obras aristotélicas, descentralizando as versões acadêmicas predominantes. Segundo esse teórico dos estudos da tradução, esse

[...] projeto era aberto a valores culturais estrangeiros que não eram encontrados na academia de língua inglesa: os traços do texto grego arcaico que foram reprimidos pela ideologia anglo-americana moderna do individualismo tornaram-se visíveis do ponto de vista da filosofia continental moderna do existencialismo, disseminada em tratados filosóficos e textos literários [...]. (VENUTI, 2002, p. 158).

Assim sendo, um projeto de tradução pautado na ética da diferença modifica substancialmente a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes, desarticulando um perfil caricatural das culturas estrangeiras. Tal projeto poderia formar uma identidade cultural crítica que avaliaria firmemente as afinidades entre uma cultura doméstica e as culturas estrangeiras que esta dialoga.

As intensas preocupações com a forma e o conteúdo levaram teóricos da tradução a uma suposta reverbalização do texto de partida em uma língua estrangeira, de modo que o leitor do texto traduzido fosse capaz de compreender o texto fonte como faria o leitor nativo da língua a que pertence o texto em que tinha sido traduzido. Dessa maneira, estudiosos da tradução, tais como Catford e Nida, preconizaram a questão da equivalência e fidelidade em seus estudos a partir da abordagem tradicional da lingüística que impõe uma divisão entre lingüístico e

extralingüístico (SNELL-HORNBY, 1988, p. 39 apud HARIYANTO, 2007) e influenciados pela visão essencialista própria da visão logocêntrica do projeto modernista, ignorando fatores extralingüísticos como o conhecimento de mundo do leitor e seu ambiente sócio-cultural (RODRIGUÊS, 2000).

Opondo-se a essa abordagem lingüístico-estruturalista, surge a visão da tradução como recriação nos estudos descritivos e culturalistas, uma vez que no ato tradutório

[...] pratica-se a diferença entre significante e significado no sentido mais amplo, pois a tradução é uma operação que interpreta significados nas tramas de um tecido diferencial e os reinterpreta como significantes, que fazem parte de um sistema de normas diferente do primeiro sistema e que, por sua vez, interpretar-se-ão na rede de diferenças do significado. O tradutor, ao produzir sua interpretação, não transcende o sistema da linguagem, mas contextualiza os significantes em uma rede de diferenças e de remissões [...] (RODRIGUES, 2000, p. 192).

Desse modo, a tradução apenas poderia ser equivalente e fiel ao original se os significados fossem transcendentais e passíveis de serem transportados sem interferências contextuais. Porém, a significação ocorre dentro de contextos específicos, sendo totalmente impossível um discurso estanque.

Nesse sentido, conceitos como fidelidade e equivalência passam a não ser mais considerados diante das atuais discussões nos estudos da tradução, visto que o processo de (re)criação textual é concebido pelas teorias pós-estruturalistas a partir da “[...] diferença, a saber, *différance*, diríamos como Derrida, como princípio da eterna diferenciação, desvio [...]” (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 58). Nesse sentido, tudo é fugaz e nenhum ponto equivale à origem, restando apenas o deslocamento e o trânsito (PERNIOLA, 2000 apud SELIGMANN-SILVA, 2005). Dessa maneira, a tradução é concebida a partir da diferença e, por conseguinte, da alteridade, visto que o texto traduzido não é igual ao texto de partida, ele é outro, uma vez que se encontra em outro contexto, mantendo, por conseguinte, outras relações com outros textos, em uma determinada cultura.

Em termos gerais, o que podemos observar é que a teoria da tradução tem se desvinculado de uma abordagem formalista e vem atualmente se amparando em questões relacionadas a aspectos sócio-culturais que são contextual e historicamente condicionados. Em outras palavras, a teoria da tradução tem se

desprendido de uma abordagem normativa e passado para uma teoria que não define a tradução a priori, mas através de uma prática tradutória estabelecida em contexto. Sendo assim, esta atividade humana passa a ser concebida como uma prática social que busca enfatizar aspectos da língua e cultura de chegada.

A tradução do texto literário propriamente dita pode ser relacionada com um dos três tipos de tradução apresentada por Jakobson (1995, p. 64-5 apud MELO, 2006, p. 20), sendo categorizada como tradução interlingual<sup>15</sup>, isto é, uma interpretação de determinados signos verbais de uma língua por intermédio de outros signos verbais de outra língua. Esse tipo de tradução é caracterizado como um processo de resignificação textual, cujo objetivo principal é produzir signos que se manifestem como modelos sociais e passem a funcionar dentro de uma dada cultura. Sendo assim, a tradução literária inicia-se por uma leitura interpretativa e criativa do texto de partida, sendo que ela é também determinada tanto pelo sistema de partida como pelo de chegada e depende, sobretudo, de sua função.

Desse modo, uma compreensão dos elementos textuais e contextuais é um dos primeiros passos do processo de tradução do texto literário que não deve ser deixado de lado, pois o tradutor necessariamente tem de perceber que o texto a ser traduzido não é uma categoria estanque. Sendo assim, os tradutores devem compreender que o texto de partida dialoga com outros textos e elementos culturais nas línguas e o mesmo irá ocorrer com o texto traduzido na cultura de chegada.

Os pressupostos teóricos básicos discutidos sucintamente acima deveriam fazer parte da prática de todo tradutor, mas, infelizmente, de acordo com Susan Bassnett (2003, p. 131),

[...] muitos tradutores não percebem que um texto literário se compõe de um complexo conjunto de sistemas que existem em relação dialéctica com outros conjuntos que extravassam as suas fronteiras levou-os frequentemente a concentrar-se em aspectos particulares de um texto em detrimento de outros.

---

<sup>15</sup> Roman Jakobson distingue os três tipos de tradução da seguinte forma:

“1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.” (JAKOBSON, 1995, p. 64-5 apud MELO, 2006, p. 20).

Dito de outra maneira, o tradutor de uma determinada obra literária deve primeiramente ter em mente que a obra a ser traduzida é um todo composta por sistemas (tais como lexical e sintático) e por partes narrativas e estruturais que se relacionam.

Compreendendo a tradução como uma reescritura de sistemas (extra)lingüísticos, Lefevere (1992) apresenta a tradução literária a partir da concepção de literatura como um sistema incrustado em um conglomerado de sistemas conhecido como sociedade e possuindo um mecanismo de controle duplo: um que governa externamente e assegura a relação entre a literatura e seu meio e um outro que mantém uma ordem interna.

Para o primeiro, as palavras-chave são *patrocínio* e *ideologia*. O *patrocínio* se refere “[...] the powers (persons, institutions) that can further or hinder the reading, writing, and rewriting of literature [...]” (LEFEVERE, 1992, p. 15).<sup>16</sup> Como um corpo regulador, tais como indivíduos, grupos, instituições, classes sociais, partidos políticos, editoras, mídia, etc, o *patrocínio* vê que o sistema literário não é uma categoria estanque. Ele está relacionado com os demais elementos da sociedade, consistindo basicamente de três componentes: o *ideológico*, que determina a relação entre a literatura e os demais sistemas sócio-culturais; o *econômico*, que possibilita o patrocinador assegurar a subsistência do escritor; e o *status*, que permite ao patrocinador conferir prestígio e reconhecimento ao trabalho do escritor.

Para o segundo, os termos operantes são *poética* e um grupo conhecido como críticos, acadêmicos e tradutores. Os patrocinadores raramente intervêm no sistema literário, mas delega o controle do sistema para tais grupos operarem, assegurando, dessa forma, as ideologias e poéticas do sistema. A poética é composta por um componente inventário e um funcional. Segundo Lefevere (1992, p. 26), o componente inventário é “[...] an inventory of literary devices, genres, motifs, prototypical characters and situations, and symbols [...]”.<sup>17</sup>, enquanto o

---

<sup>16</sup> “[...] aos poderes (pessoas e instituições) que podem incentivar ou impedir a leitura, escritura e reescritura da literatura [...]” (LEFEVERE, 1992, p. 15). (Tradução nossa).

<sup>17</sup> “[...] um inventário dos elementos literários, gêneros, temas centrais, personagens e situações prototípicas, e símbolos [...]” (LEFEVERE, 1992, p. 26). (Tradução nossa).

componente funcional é "[...] a concept of what the role of literature is, or should be, in the social system as a whole [...]"<sup>18</sup>.

Patrocinadores, críticos literários, ideologia e poética controlam o sistema literário, portanto, a produção e distribuição do texto literário. Não apenas os textos literários são produzidos sob essas restrições, mas também suas traduções. Sendo assim, tudo aquilo que Lefevere (1992) atribui ao termo "reescritura" refere-se a qualquer texto produzido a partir de outro e com a intenção de adaptar aquele texto a um público que possui certa ideologia e poética.

Além dos elementos apresentados acima, Lefevere (1992) introduz ainda outros que são relevantes para a reescritura do texto literário: o *universo do discurso* que se refere ao conteúdo do texto de partida, os objetos e costumes que ele apresenta, que podem ser ofensivos e não aceitáveis pelo público-alvo; e a *língua de partida e de chegada* e diferença entre elas. A falta de conhecimento do universo discursivo e das características inerentes à língua de partida pode levar o tradutor a uma compreensão errônea do texto de partida e, obviamente, apresentar fatos sociais e culturais que não se encontram em nenhum contexto da língua de partida. Um exemplo dessa problemática é a tradução de romances africanos por tradutores europeus que desconhecem os sistemas sócio-culturais a que pertencem esses textos. Segundo Smith (1993), as traduções do romance *L'Enfant Noir* do autor guinês Câmara Laye por James Kirkup e Ernest Jones apresentam compreensões equivocadas da cultura Malinke. De acordo com Hariyanto (2007), uma solução para esse problema seria usar tipo itálico em palavras que não existem na língua de chegada acompanhado de uma explicação em nota de rodapé.

O uso de nota de rodapé é também uma solução apresentada por Arrojo (1997) na tradução do poema "Áporo", de Carlos Drummond de Andrade (1967), do português para o inglês. Esse recurso utilizado pela tradutora faz com que o título do poema adquira o tom poético característico do texto de partida. Na leitura de Arrojo (1997), o título do poema já é uma síntese de todo o texto, pois o ato de cavar desse inseto constitui um problema de difícil solução que é enfatizado, poeticamente, pela forma e conteúdo do poema. Ou seja, seu cavar adquire uma conotação peculiar ao longo do texto: o estado conturbado do Brasil na década de 40. Assim sendo, a

---

<sup>18</sup> "[...] um conceito de qual é ou deve ser a função do sistema literário no sistema social como um todo [...]" (LEFEVERE, 1992, p. 26). (Tradução nossa).

tradutora não apresenta o título, mas acrescenta uma nota de rodapé apresentando os possíveis sentidos de áporo ao logo do poema.

## **2.2. Aportes teóricos para a tradução da ironia**

A tradução da ironia, como a tradução de qualquer texto, é entendida como um ato lingüístico que constitui uma determinada situação sócio-cultural, estando, dessa maneira, em consonância com determinados elementos lingüísticos e sócio-culturais característicos do contexto de produção.

De acordo com Mateo (1995), o que os estudiosos têm escrito até agora sobre a tradução da ironia se refere em sua grande maioria à dificuldade ou facilidade dessa atividade, estabelecendo geralmente níveis de dificuldades com base no tipo de humor presente no texto irônico. No geral, eles afirmam que quanto mais o humor depender de aspectos lingüísticos, mais difícil será sua tradução, sendo que para tradução de piadas baseadas em aspectos culturais, o tradutor precisa ter uma familiaridade cultural ou buscar contacto entre as culturas da língua e cultura de partida e de chegada.

Como a ironia é frequentemente ligada à poesia e à obra de arte, sua tradução requer a subjetividade e as estruturas características da linguagem poética. Além disso, essa ligação também se dá, sobretudo, devido à sua dificuldade de base lingüística ou cultural (MATEO, 1995).

Um outro aspecto a ser considerado na tradução da ironia é o problema do contexto, uma vez que os elementos contextuais, situacionais e culturais exercem um papel preponderante. É sempre necessário o conhecimento sobre os aspectos particulares da cultura e língua de partida e chegada principalmente se a ironia estiver funcionando como elemento satírico ou humorístico. Nesse caso, a tradução dependerá da proximidade de culturas, ou seja,

[...] the more distant the culture, the more difficult the understanding of humour will be. And even if satire is understood, there may not be the same mechanisms to create it in the target language, or the new culture may just not find it funny, since for satire to be humorous it requires some sympathy after the criticism on the part of the reader/listener. It is no wonder then that publishers should generally be wary of translations of satire on the grounds that it is "too local" and that it would need recreation, a technique that some translators

absolutely refuse to adopt and that translation critics often condemn. (MATEO, 1995, p. 174.).<sup>19</sup>

Nesse sentido, a tradução da ironia como elemento satírico e humorístico em contextos situacionais e culturais específicos é um problema a ser resolvido pelo tradutor. Cabe a ele, portanto, escolher como proceder diante de tais casos, se irá fazer uso de notas de rodapé para explicar os elementos culturais próprios de contextos particulares da língua de partida ou procurar recriar situações específicas na cultura da língua de chegada que tenham pelo menos alguns elementos em comum.

A tradução de elementos relacionados ao contexto é responsável pela criação dos efeitos irônicos. Segundo Hutcheon (1994), os elementos circunstanciais, textuais e intertextuais fazem com que o dito entre em relação direta com o não-dito para constituir os efeitos peculiares à ironia. Em outras palavras, os elementos circunstanciais devem ser recriados de forma que a situação enunciativa característica do dito acione o não-dito em potencial, estando toda a estrutura textual organizada como um todo e tendo, por conseguinte, relações intertextuais com outros textos na cultura e língua de chegada.

No processo de tradução da ironia, poderemos perquirir se uma complexidade de fatores faz com que no dito já existam elementos que remetam o intérprete ao não-dito, criando, dessa maneira, uma variedade de interpretações subversivas que constitui, por conseguinte, o efeito irônico. Além disso, tal processo, de acordo com Mateo (1995), requer, como na tradução do humor e da poesia, características próprias da linguagem poética, tais como elementos estruturais, culturais e contextuais específicos. Estruturalmente, o processo de recriação da ironia pressupõe, por exemplo, o uso correto de uma palavra, a alteração da ordem sintática de uma sentença, a escolha incomum de uma colocação entre outros. Já os aspectos culturais e contextuais estão relacionados à situação enunciativa, às intenções do ironista, o conhecimento de mundo do ironista e do intérprete, etc.

---

<sup>19</sup> “[...] enquanto mais distante a cultura, mais difícil será a compreensão do humor. E até mesmo se a sátira é entendida, não podem existir os mesmos mecanismos para criá-la na língua-alvo ou a nova cultura não pode achá-la divertida, visto que para a sátira ser humorística é preciso alguma comunhão perante a crítica na parte do leitor/ouvinte. Não é de se espantar que editores geralmente sejam cautelosos quanto à tradução da sátira devido esta ser “bastante local” e que necessitaria recriação, uma técnica que tradutores absolutamente recusam a adotar e que críticos da tradução frequentemente condenam.” (1969, p. 67-86 apud CHAKHACHIRO, 1997, p. 28-9). (Tradução nossa).

Diante do exposto, podemos analisar as estratégias utilizadas pelos tradutores na tradução da ironia através da utilização de elementos macrotextuais, microtextuais e contextuais. Os elementos contextuais estão relacionados a fatores sócio-culturais do momento em que a tradução foi realizada. Os macrotextuais se referem a aspectos que demonstram como o texto funciona como um todo, isto é, o tipo de texto, como esse texto geralmente funciona, o público ao qual é dirigido, entre outros. Já os elementos microtextuais são os elementos pertencentes a cada uma das sentenças do texto, que se (inter-)relacionam entre si com a finalidade de prover tessitura ao texto. (ALVES, 2003). Além da análise desses elementos na tradução da ironia, faz-se necessário também determinar como a tradução da ironia se insere na literatura destinada ao público-alvo.

Apresentamos a seguir alguns exemplos de tradução da ironia, buscando demonstrar as estratégias utilizadas pelo tradutor, como também discutir questões voltadas para sua inserção na língua e cultura de chegada. Fazemos uso dos termos que identificam os tipos de ironia apresentados na classificação de Muecke (1969, p. 67-86 apud CHAKHACHIRO, 1997, p. 28-9):

### 1. *Má representação ou falsa sentença*

O excerto abaixo se encontra no primeiro capítulo do romance *Pride and Prejudice*, da escritora inglesa Jane Austen (2007): “It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a large fortune must be in want of a wife”<sup>20</sup>. Nessa sentença, uma generalização marcada na materialidade textual pelo advérbio “universally” (“universalmente”) é apresentada como verdade, constituindo, por conseguinte, o dito. Já a contradição entre “single man in possession of a large fortune” (“um homem solteiro possuidor de uma grande fortuna”) e “be in want of a wife” (“esteja querendo uma esposa”) aflora um conteúdo latente que estabelece o não-dito. O dito da narradora se refere ao desejo das mães de terem suas filhas casadas com homens de fortuna. Assim sendo, essa proposição não pode ser caracterizada com uma verdade universal.

Cardoso (1996. p.7) reconstrói a passagem apresentada acima em *Orgulho e Preconceito* da seguinte maneira: “É uma verdade universalmente

---

<sup>20</sup> “É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, esteja querendo uma esposa.” (AUSTEN, 2007). (Tradução Nossa).

conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitando de esposa”. Nessa tradução, os elementos microtextuais que constituem a ironia no texto de partida são traduzidos. Assim sendo, “universally” é traduzido por seu cognato “universalmente”, “single man in possession of a large fortune” por “homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna” e “in want of a wife” por “estar necessitando de esposa”. Dessa maneira, a ironia nessa passagem funciona como um prenúncio do que ocorre no restante do romance, uma vez que todo enredo gira em torno de casamentos por conveniência para os pais das pretendentes.

## 2. Elogiar para culpar

No sétimo capítulo da viagem de Gulliver ao país dos Houyhnhnms, em *Gulliver’s Travels*, de Jonathan Swift (1994, p. 283), os nobres são atacados pela sátira à sua aparência. Conversando livremente com Gulliver, seu mestre afirma:

One day in discourse my master, having heard me mention the nobility of my country, was pleased to make me a compliment which I could not pretend to deserve: that he was sure I must have been born of some noble family, because I far exceed in shape, colour, and cleanliness, all the Yahoos of his nation, although I seemed to fail in strength and agility, which must be imputed to my different way of living from those other brutes; and besides I was not only endowed with the faculty of speech, but likewise with some rudiments of reason, to a degree that, with all his acquaintance, I passed for a prodigy.<sup>21</sup>

Na passagem acima, a ironia é marcada por alguns elementos microtextuais. Seu mestre começa elogiando-o, ao afirmar que ele “must have been born of some noble family”<sup>22</sup>. Em seguida, diz que apesar de falar, Gulliver possui

---

<sup>21</sup> “Um dia meu mestre, tendo me escutado mencionar a grandeza de meu país, ficou satisfeito em me fazer um elogio que eu não poderia fingir merecer: que ele estava certo que eu deveria ter sido nascido de alguma família nobre, porque excedia em excesso de forma, cor e limpeza a todos os Yahoos de sua nação, embora eu parecesse inferior em força e agilidade, o que poderia ser devido a meu diferente modo de vida daqueles outros brutos; e, além disso, eu não somente era dotado de faculdade da fala, como também com algumas noções de razão a um grau, que com todo seu conhecimento, passava por um prodígio.” (SWIFT, 1994, p. 283). (Tradução nossa).

<sup>22</sup> “eu deveria ter sido nascido de alguma família nobre”. (SWIFT, 1994, p. 283). (Tradução nossa).

apenas “some rudiments of reason”<sup>23</sup>. Assim sendo, de acordo com seus conhecimentos, ele é somente um *Yahoo* prodígio. Mesmo que a raça humana, representada pelo narrador-personagem Gulliver, seja superior ao *Yahoos*, apenas possui um grau mínimo de raciocínio, diferenciando-se pouquíssimos dos animais selvagens. Dessa maneira, a ironia, no trecho analisado, de acordo com a classificação apresentada por Muecke (1969, p. 67-86 apud CHAKHACHIRO, 1997), p. 28-9), é constituída a partir de um elogio que tem por objetivo culpar.

Abaixo, apresentamos a tradução dessa ironia realizada por Teixeira (1953, p. 286) em *Viagens de Gulliver*:

Certo dia, meu dono, dirigiu-me um cumprimento que eu não merecia. Como lhe falasse das pessoas de qualidade da Inglaterra, disse-me que me julgava fidalgo, porque era muito mais limpo e mais bem feito do que todos os *Yahus* que viviam no seu país, embora eu lhes fosse muito inferior em força e agilidade; que isso provinha, decerto, da minha diferente maneira de viver e de que não tinha apenas a faculdade de falar, mas possuía ainda alguns lampejos de raciocínio que poderiam aperfeiçoar-se com a continuação das relações que travasse com ele.

Na tradução de Teixeira, os elementos microtextuais que estão no texto fonte são recriados. Dessa maneira, “must have been born of some noble family” é traduzido por “me julgava fidalgo” e “some rudiments of reason” por “alguns lampejos de raciocínio”. Porém, esse tradutor não observa as palavras “brutes” (“brutos”) e “prodigy” (“prodígio”), que no texto de partida enfatizam as semelhanças entre os homens e animais selvagens como os *Yahus*. Além disso, na passagem acima, o cavalo afirma que convivendo com ele, Gulliver poderia aprimorar a sua capacidade de raciocínio. Nesse sentido, podemos afirmar que na recriação de Teixeira os efeitos irônicos são ainda mais enfatizados, pois, mesmo elogiando a pouca superioridade de raciocínio de Gulliver perante os *Yahus*, um cavalo chega a dizer que ele poderia desenvolver suas faculdades mentais ao conviver com um cavalo possuidor de grandes graus de racionalidade.

Na tradução da ironia, a reescritura de elementos na materialidade textual ou no contexto bem como as intenções do ironista, características da vítima, situação enunciativa entre outros levam o intérprete à criação dos efeitos irônicos.

---

<sup>23</sup> “algumas noções de razão”. (SWIFT, 1994, p. 283). (Tradução nossa).

Sendo assim, investigamos a constituição desse procedimento no capítulo a seguir como constituinte da sátira swiftiana ao cientificismo iluminista nas traduções de *Gulliver's Travels* que analisamos.

### 3. A TRADUÇÃO DA IRONIA ACERCA DO CIENTIFICISMO ILUMINISTA EM *GULLIVER'S TRAVELS*

*Gulliver's Travels* é uma obra da literatura mundial lida nas diversas partes do globo terrestre não só no texto de partida, mas em suas várias traduções. No Brasil, há inúmeras traduções para o público infanto-juvenil e adulto. Entre essas analisamos, no presente capítulo, a tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista como procedimento da sátira swiftiana nas traduções de Lopes (2005) e Deutsch (2005). No entanto, antes apresentamos as particularidades do gênero e da composição em *Gulliver's Travels* e como se dá a ironia nessa obra e, especificamente, a ironia acerca do cientificismo iluminista.

#### 3.1. Particularidades do gênero e da composição em *Gulliver's Travels*

*Gulliver's Travels* (1726), obra-prima do escritor irlandês Jonathan Swift (1667-1745), precede o gênero romance, sendo considerada no início do século XVIII uma paródia aos cânones literários. Em outras palavras, essa obra estabelecia um diálogo com o que era popular nessa época: as narrativas de viagens e histórias de aventuras como *Robison Crusoe*. Dessa maneira, críticos como Claude Rawson a considera uma paródia de livros de viagens que não se encaixa em nenhuma classificação literária (VIEIRA, 2004). De acordo com Knowles (1996), essa obra é considerada atualmente pela crítica um romance satírico, como também uma narrativa de viagem ficcional bastante alegórica, fantástica e escrita de modo realístico.

Durante a constituição dessa obra, Swift tinha em mente, além de desmascarar o homem e seus valores falsos, chacotear as narrativas de viagens que eram bastante populares entre os burgueses de sua época, como por exemplo, *New voyage round the world* (1697), de William Dampier, com cinco edições apenas nos primeiros seis anos. (SPATE, 1988, p. 25). Assim sendo, Swift faz uso das convenções da literatura de viagem oitocentista para ridicularizar o gosto europeu.

Para fazer com que a narrativa se pareça com uma história baseada em fatos reais, Swift usa técnicas da autobiografia, isto é, ele descreve e registra os costumes, tradições, instituições políticas e científicas, organizações sociais e

lugares que vê durante suas viagens aventurescas, localiza os países imaginários em mapas apresentados ao longo de sua obra. Assim sendo, *Lilliput* está localizada perto de Sumatra no Oceano Pacífico e *Brobdingnag* perto do Alasca, *Laputa*, *Balnibarbi*, *Glubbdubdrib* e *Luggnagg* estão na Ásia oriental perto do Japão, já o país dos *Houyhnhnms* fica na Austrália ocidental. Com os mesmos propósitos em mente, o autor usa unidade de medidas para se referir aos tamanhos de seres e objetos e escreve numa linguagem direta e simples. Além disso, o narrador, Lemuel Gulliver, é também protagonista do livro, embora ele não seja o autor, pois toda a estória e personagens são ficcionais.

Dessa maneira, apesar da narrativa se passar em países fantásticos e carnavalizados, as quatro viagens que Gulliver empreende coincidem com muitos acontecimentos da época de Swift e adquire um teor universal e atemporal, pois são tratadas, ao longo de toda a narrativa, questões características aos seres humanos, tais como inveja, luxúria e intrigas.

Na primeira viagem, Gulliver percorre um país chamado *Lilliput* onde a altura das pessoas é de duas polegadas e todas as coisas possuem as mesmas proporções. Ele é, então, um gigante chamado de “Man-Mountain” pelos *lilliputians* e pode muito bem simbolizar o poderio inglês diante dos povos colonizados pela Inglaterra na época de Swift.

Um elemento conhecido como *fantástico experimental*<sup>24</sup> é utilizado por Swift, nesta parte de sua obra, para demonstrar a pequenez da raça humana. Os *lilliputians* possuem costumes estranhos que são característicos de todas as suas organizações sociais. Swift faz uso dessa técnica muito utilizada na sátira menipéia ou luciânica<sup>25</sup> para provocar e experimentar o mundo real. O modo como os ministros e altos oficiais lilliputianos são escolhidos é uma alegoria ao sistema

---

<sup>24</sup> O *fantástico experimental* consiste numa observação feita de um ângulo não muito comum, sendo um elemento muito em uso na sátira menipéia. Autores como Luciano, Varro, Rabelais e Voltaire fizeram uso deste elemento em suas obras. Em *Iracomenippo*, de Luciano, e *Endimion*, de Varro, é feita uma reflexão da vida citadina observada do alto (BAKHTIN, 2002).

<sup>25</sup> A sátira menipéia ou luciânica, gênero literário criado por Menipo de Gadara e cultivado por Luciano de Samosata, é um gênero dialógico que nasceu a partir da desintegração do diálogo socrático, conservando algumas de suas características, tais como, a *síncrise* (confrontação de pontos de vistas distintos sobre certo assunto) e a *anácrise* (meios para provocar as palavras do interlocutor). Na sátira menipéia, o teor cômico é mais acentuado do que no diálogo socrático. Talvez, isso ocorra porque ela não está presa a nenhuma exigência de verossimilhança. Ela é um gênero totalmente aberto à invenção e à fantasia. E isso se justifica pelo fato de que sua função primordial é provocar e experimentar a verdade (BAKHTIN, 2002).

político inglês do início do turbulento século XVIII. Os ministros ingleses mantêm sua posição através de acrobacias políticas, enquanto os ministros liliputianos pulam e dão cambalhotas como macacos para continuarem no poder. Nenhum deles consegue seu cargo através de princípios que defendem ou por competência e distinção em suas ações. Em *Lilliput*, qualquer um que demonstre agilidade circense está apto a exercer um alto cargo público, uma vez que a seleção se dá nos moldes de um mundo carnalizado e de acordo com a coroação-destronamento do rei do carnaval:

A ação carnavalesca da coroação-destronamento está repleta, evidentemente, de categorias carnavalescas (da lógica do universo carnavalesco): do livre contato familiar (isto se manifesta de modo muito acentuado no destronamento), das *mésalliances* carnavalescas (escravo-rei), da profanação (jogo com símbolo do poder supremo), etc. (BAKHTIN, 2002, p.125).

Além disso, nesta primeira viagem, também existe outra alegoria política que é constituída pelos partidos políticos liliputianos, os *Low-Heels* e os *High-Heels*, representando, respectivamente, os *Whigs* e os *Tories*, partidos políticos vigorantes na época de Swift<sup>26</sup>. O rei de *Lilliput* é do partido dos *Low-Heels* e representa satírica e mordazmente o cruel, tirano e corrupto rei da Inglaterra George I, que reinou de 1714 a 1727. Já a imperatriz de *Lilliput* representa a rainha Anne, que não concedeu a Swift a Sé de Hereford que ele tanto ambicionava (TURNER, 2005a). Talvez, por isso, Gulliver urina em cima dos aposentos da imperatriz para apagar o incêndio que invadia estes cômodos com o intuito de salvá-la. Porém, ao invés de ser recompensado pelo seu feito, é castigado por desobedecer a uma das leis fundamentais daquele país: não urinar dentro dos limites do palácio.

Uma passagem interessante desta primeira viagem é a que fala sobre a causa da guerra entre *Lilliput* e *Blefuscu*. Esta guerra simboliza a Guerra da Liga de Augsburgo de 1689 a 1697 e a Guerra da Sucessão Espanhola de 1701 a 1713

---

<sup>26</sup> De acordo com Santos (1984), esses partidos políticos travavam acirradas disputas pelo controle da Inglaterra durante sua vigência que vai do final do século XVII à metade do século XIX. De acordo com interesses imediatos, os membros e seguidores desses partidos aderem facilmente a um ou a outro. Como exemplo dessa prática, temos o próprio Swift, que pertencendo ao partido dos whigs, não deixa de se proclamar tory, conseguindo a proteção e simpatia de Robert Harley, que era o representante dos tories moderados, no reinado da rainha Ana, filha de Jaime II. Para o autor de *Gulliver's Travels*, não fazia a mínima diferença ser tory ou whig, visto que tinha a opinião formada de que todos os políticos eram corruptos e incapazes, sendo as suas disputas totalmente inúteis.

entre a Inglaterra (*Lilliput*) e França (*Blefuscu*). Esta é uma sátira corrosiva que conduz o leitor a uma reflexão sobre os motivos que podem levar dois ou mais países a iniciar tais carnificinas que jamais poderão ter justificativas plausíveis:

[...] the two great empires of Lilliput and Blefuscu. Which two mighty powers have, as I was going to tell you, been engaged in a most obstinate war for six and thirty moons past. It began upon the following occasion. It is allowed on all hands, that the primitive way of breaking eggs before we eat them, was upon the larger end: but his present Majesty's grandfather, while he was a boy, going to eat an egg, and breaking it according to the ancient practice, happened to cut one of his fingers. Whereupon the Emperor his father published an edict, commanding all his subjects, upon great penalties, to break the smaller end of their eggs. The people so highly resented this law, that our histories tell us there have been six rebellions raised account; wherein one Emperor lost his life, and another his crown. These civil commotions were constantly fomented by monarchs of Blefuscu; and when they quelled, the exiles always fled for refuge to that empire. It is computed, that eleven thousand persons have, at several times, suffered death, rather than submit to break their eggs at the smaller end. [...] (SWIFT, 1994, p. 43-44).<sup>27</sup>

Gulliver, durante está viagem e em todas as outras, não é um personagem nobre e reconhecido por suas ações como os personagens das epopéias, nem possui um destino a ser traçado como nas tragédias gregas (FACIOLI, 2002, p. 61). A título de exemplificação, em sua visita à academia de *Lagado*, é abraçado por um projetador com as mãos cobertas de sujeira que buscava definir uma metodologia para transformar excremento humano em comida original.

Na segunda viagem, Gulliver vai a um país chamado *Brobdingnag* onde tudo é gigantesco e ele é a criatura menor e mais cruel. Em várias conversas com o rei, ele demonstra que em seu país as mais distintas pessoas, principalmente aquelas que ocupam altos cargos públicos, são escolhidas não por suas qualidades,

---

<sup>27</sup> “[...] os dois impérios de Lilliput e Blefuscu, duas potências poderosas, como eu ia lhe dizer, têm estado engajada na mais obstinada guerra por trinta e seis luas. Isso começou da seguinte forma: todos sabem que a maneira primitiva de quebrar os ovos antes de comê-los era na ponta mais larga, mas o avô da presente Majestade, quando era menino, foi comer um ovo e, quebrando-o de acordo com a prática antiga, cortou um de seus dedos. Devido a esse acontecido, o Imperador, seu pai, publicou um decreto, ordenando a seus súditos, sob rigorosas penalidades, quebrarem a ponta menor de seus ovos. As pessoas ficaram tão ressentidas com essa lei que nossas histórias nos contam que deflagraram seis rebeliões por causa disso; nas quais um Imperador perdeu a vida e outro, a coroa. Essas comoções civis foram constantemente fomentadas pelos monarcas de Blefuscu; e, quando eles as reprimem, os exilados sempre se refugiam naquele império. Calcula-se que onze mil pessoas preferiram, em várias ocasiões, morrer a se submeterem a quebrar seus ovos pela ponta menor [...]” (SWIFT, 1994, p. 43-44). (Tradução nossa).

mas sim por seus vícios. O rei de *Brobdingnag* afirma que “[...] ignorance, idleness, and vice, may be sometimes the only ingredients for qualifying a legislator [...]”. (Swift, 1994, p.139-140)<sup>28</sup>.

Sendo assim, o personagem-narrador se vê sendo destituído de suas qualidades como ser humano, pois apesar dele tentar mencionar, em seu discurso, apenas as virtudes e belezas de seu país, o monarca não vê em seus relatos nada de virtuoso. O seu ego é atacado de forma contundente pelas análises detalhadas de Sua Majestade. Seu país não é considerado de forma alguma modelo para outras nações, visto que possui vários defeitos que são causados pelas imperfeições dos seres humanos.

Nesta viagem, através do *fantástico experimental*, Swift chama a atenção dos leitores para as imperfeições físicas do ser humano, como também, a falta de beleza de nossas necessidades rotineiras vistas através de uma lente de aumento:

[...] I must confess no object ever disgusted me so much as the sight of her monstrous breast, which I cannot tell what to compare with, so as to give the curious reader an idea of its bulk, shape and colour. It stood prominent six foot, and could not be less than sixteen in circumference. The nipple was about half the bigness of my head, and the hue both of that and the dug so verified with spots, pimples and freckles, that nothing could appear more nauseous: for I had a near sight of her, she sitting down the more conveniently to give suck, and I standing on the table. This made me reflect upon the fair skins of our English ladies, who appear so beautiful to us, only because they are of our own size, and their defects not to be seen but through a magnifying glass, where we find by experiment that the smoothest and whitest skins look rough and coarse, and ill coloured. ( SWIFT, 1994, p. 93).<sup>29</sup>

A terceira viagem é uma alegoria das atividades e atitudes científicas do início do século XVIII (TURNER, 2005a). Na ilha de *Laputa*, eles estão sempre

---

<sup>28</sup> “[...] ignorância, preguiça e vício talvez venham a ser, às vezes, os únicos ingredientes para qualificar um legislador [...]”. (Swift, 1994, p.139-140). (Tradução nossa).

<sup>29</sup> “[...] Devo confessar que nenhum objeto já me repugnou tanto quanto a visão de seu seio monstruoso, que eu não sei a que comparar para dar ao leitor uma idéia do seu tamanho, forma e cor. Tinha seis pés de comprimento e não poderia ser menor que dezesseis de circunferência. O bico era aproximadamente a metade do tamanho da minha cabeça e tanto ele quando o resto do seio tinha manchas, espinhas e sardas que não poderiam ser mais nauseante: pois eu tive uma visão aproximada dela, uma vez que estava sentada mais convenientemente para dar o seio e eu estava em pé na mesa. Isso me fez refletir sobre a pele linda das nossas damas inglesas, que nos parecem tão bonita, pois, por ser do nosso tamanho, não vemos seus defeitos, que são vistos somente através de uma lente de aumento. Sabemos por experiência que as peles mais lisas e brancas parecem ásperas, rudes e sem cor. (SWIFT, 1994, p. 93). (Tradução nossa).

preocupados com questões referentes aos planetas e asteróides e deixam de lado assuntos concernentes aos seres humanos. Estão sempre tão absortos em pensamentos sobre astronomia, matemática e música que para despertá-los é necessário alguém bater-lhes com uma bexiga. Nesta viagem, temos uma sátira que “[...] corresponde à de Rabelais no Reino da Enteléquia [...]” (TURNER, 2005a, p. 23). Está é uma sátira corrosiva aos cientistas da Época da Razão, tais como, Esaac Newton e Lavoisier que fizeram várias descobertas, mas nenhuma delas tivera aplicabilidade imediata e trouxeram melhorias para toda a humanidade. A sátira aos cientistas de sua época alcança seu auge quando Gulliver visita a academia de *Lagado*, em *Balnibarbi*, que simboliza a Royal Society. Nesta academia, cientistas bufões se ocupam com experimentos científicas que são totalmente inúteis e sem objetivos práticos (TURNER, 2005a).

Em *Glubbudrib*, os magos convocam várias figuras historicamente importantes, que já haviam morrido a pedido de Gulliver. Após conversar com várias personalidades importantes, Gulliver chega à conclusão de que toda história humana é marcada por crueldades:

I was chiefly disgusted with modern history. For having strictly examined all the persons of great name in the courts of princes for a hundred years past, I found how the world had been misled by prostitute writers, to ascribe to greatest exploits in war to cowards, the wisest counsel to fools, sincerity to flatterers, Roman virtue to betrayers of their country, piety to atheists, chastity to sodomites, truth to informers. How many innocent and excellent persons had been condemned to death or banishment, by the practicing of great ministers upon the corruption of judges, and the malice of factions. How many villains had been exalted to the highest places of trust, power, dignity, and profit [...]. (SWIFT, 1994, p. 218)<sup>30</sup>.

A imortalidade, talvez o maior desejo humano, é apresentada nesta terceira viagem como algo trágico, uma vez que os *Struldbrugs*, uma raça de pessoas que vivem para sempre, são as piores criaturas de *Luggnagg*. Eles não

---

<sup>30</sup> “Estava principalmente enojado com a história moderna. Pois, tendo estritamente examinado todas as pessoas de grande nome nas cortes dos príncipes por um século, descobri como o mundo tinha sido enganado por escritores prostituídos, que atribuíram grandes feitos a covardes na guerra, o conselho mais sábio a tolos, sinceridade a bajuladores, virtudes romanas a traidores, piedade a ateístas, castidade a sodomitas, verdade a delatores. Quantas pessoas inocentes e excelentes tinham sido condenadas à morte e ao banimento pela prática de grandes ministros sobre a corrupção de juízes e maldade das facções. Quantos vilões têm sido dignificados com os mais altos cargos de confiança, poder, dignidade e provento [...]” (SWIFT, 1996, p.218). (Tradução nossa).

vivem a eterna juventude, ao contrário, ficam cada vez mais velhos, débeis, inúteis e miseráveis. Sendo assim, eles são veículos da sátira picante swiftiana ao desejo de imortalidade e medo da morte que são característicos da raça humana. Esta passagem da obra leva o leitor a refletir sobre as últimas questões da condição humana, tais como o que o ser humano pode fazer durante sua curta vida para seu bem e para o bem da humanidade, ou o que poderia acontecer com o mundo se algumas pessoas fossem imortais. Talvez fossem pessoas gananciosas que acumulassem muitas riquezas e poder a ponto de escravizarem os pobres mortais e praticar as mais cruéis atrocidades, uma vez que sabemos o quanto a natureza humana é dotada de vícios. De outra maneira, poderiam, com um menor grau de possibilidade, ser pessoas de boa conduta que governassem a terra de uma maneira conveniente para todos.

Na quarta parte, Gulliver se encontra na terra dos *Houyhnhnms*, que são cavalos totalmente governados pela razão. Eles vivem em plena harmonia, na mais perfeita ordem, e são apenas perturbados pelos *yahoos*, que são seres brutais de aparência humana e simbolizam o que há de ruim na raça: paixão, vícios, luxúria, inveja, ambição, traição, entre outros. Esses animais chegaram a aquelas plagas por acidente, empestando todos os recantos como insetos nocivos. Nesta parte, a sátira de Swift à humanidade atinge o ápice e finaliza com “[...] the most savage onslaught on humanity ever written [...]”. (MARRY, 1970, p. 03 apud PAIJ, 2006) <sup>31</sup>. O ser humano é levado a observar a si mesmo como ser possuidor de características que o tornam imperfeito.

Enfim, *Gulliver's Travels* é uma obra completamente alegórica que ironiza os mais diversificados aspectos da condição humana, além de ridicularizar de forma contundente os principais setores da sociedade inglesa durante as primeiras décadas do século XVIII. Sua composição segue os padrões da sátira menipéia ou luciânica, embora seja também uma paródia dos romances de viagem, pois um dos objetivos de Swift era criticar esse gênero literário muito em voga durante sua época.

A criação de um mundo às avessas, oscilando à beira da desrazão e do amalucamento, é um elemento básico para a elaboração das quatro categorias pertencentes à cosmovisão carnavalesca: *o livre contanto entre os homens, a excentricidade, as mésalliances carnavalescas e a profanação*. Esses elementos

---

<sup>31</sup> “[...] o ataque mais selvagem à humanidade já escrito [...]”. (MARRY, 1970, p.3 apud PERCEPTIONS..., 2004). (Tradução nossa).

próprios dos gêneros do sério-cômico ou cômico-fantástico são usados para estabelecer um ambiente em que todos os personagens tenham plena liberdade para se comunicar de igual para igual com seus interlocutores e, dessa forma, discutir os seus pontos de vista.

Além disso, esse tipo de narrativa oferece ao leitor a oportunidade de comparar os países fantásticos criados pelo autor com os países do mundo real, levando-o a descobrir vários aspectos da realidade que se encontravam encobertos. O modo como o ser humano convive é também questionado ao longo desta narrativa, o que não é algo novo, pois tal atitude é característica dos gêneros satíricos.

### **3.2. A ironia em *Gulliver's Travels***

A ironia presente em *Gulliver's Travels* é um procedimento literário que visa desmistificar as práticas de atividades que, fingindo buscar benefícios para a humanidade, trazem proveitos somente para aqueles que as praticam. Essa ironia é constituída nessa obra através da incongruência estabelecida entre o dito e o não-dito, bem como por intermédio da situação enunciativa, das pretensões do ironista e das características inerentes à vítima.

O dito, em *Gulliver's Travels*, está relacionado a práticas burlescas e de acordo, por conseguinte, com a cosmovisão carnavalesca bakhtiniana. Para Bakhtin (2002), a cosmovisão carnavalesca – as imagens, a ambivalência e o riso do carnaval - quando transplantada para a literatura, manteve as seguintes categorias: o livre contato familiar entre os homens, a excentricidade, as *mésalliances* carnavalescas e a profanação.

O livre contato familiar entre os homens é a categoria carnavalesca que faz vigorar a eliminação de qualquer distância entre estes. Suas palavras, comportamentos e gestos são liberados de todas as posições hierárquicas que determinam a vida no mundo extracarnavalesco. Desse modo, todos entram em contato direto na praça pública.

Já a excentricidade é o resultado da familiarização livre do homem com o mundo, constituindo-se uma oposição à vida cotidiana, uma vez que essa categoria é a responsável pela liberação da natureza humana, fazendo com que todos aqueles aspectos encobertos dos indivíduos passem a ser livremente expressos.

Enquanto as *mésalliances* carnavalescas estão relacionadas com a distensão do livre contato familiar entre os homens, uma vez que as combinações carnavalescas aproximam, celebram e reúnem o sagrado com o profano, o alto com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, entre outros.

Com relação à profanação, está é formada pelos sacrilégios e indecências carnavalescas que se relacionam com a força produtora da terra e do corpo, e pelas paródias carnavalescas dos textos sagrados e sentenças bíblicas, possuindo, por conseguinte, um caráter deturpador, capaz de dissolver os limites entre o sagrado e o profano.

Na ironia em *Gulliver's Travels*, essas categorias constituem explicitamente o dito, sendo usadas para estabelecer uma situação em que todos os personagens tenham plena liberdade para se comunicar de igual para igual com seus interlocutores e, dessa forma, discutir os seus pontos de vista. Além disso, podemos afirmar que essas categorias fazem com que os seres que habitam os países visitados por Gulliver se apresentem como bufões que profanam todo o caráter de seriedade do qual os fazeres dos seres humanos em suas diversas instituições são revestidos.

Já o não-dito se apresenta implicitamente como um conteúdo latente, referindo-se às instituições sociais inglesas e aos vícios humanos. Sendo assim, toda a narrativa está repleta de ataques alusivos, sobretudo, à política, religião e ciência. Muitos monarcas, religiosos e cientistas são ridicularizados por seus vícios e tramóias ao longo dessa narrativa de quase três séculos que continua sendo lida pelo mundo todo através, principalmente, de traduções.

No dito é criada uma situação enunciativa que aciona o não-dito e produz os efeitos irônicos, ou seja, Swift, enquanto ironista, e fazendo uso do personagem-narrador Gulliver, desmascara a verdadeira face do ser humano que se diz racional, mas que incongruente nunca deixa de lado seus instintos naturais negativos, tais como ganância, luxúria e glória.

Como instrumento da sátira swiftiana, a ironia em *Gulliver's Travels* se dá com a ida de Gulliver a países fantásticos nos quais ele se defrontara com seres e situações inimagináveis no mundo real. Essa confrontação de Gulliver com situações bizarras, de acordo com Donoghue (1989), é a primeira ironia da obra, pois a sua mente não está preparada para lidar com monstros. Em outras palavras, Gulliver é um estereótipo inglês e, por conseguinte, um exemplo ideal de cidadão

pertencente a uma determinada nacionalidade, que “[...] has been brainwashed to become what he is [...]”. (DONOGHUE, 1989, p. 91)<sup>32</sup>. No entanto, em suas viagens, ele vai mudando seus pontos de vista com relação ao seu país e a humanidade em geral. Ou seja, antes de suas viagens, ele simboliza o cidadão simples que forma o povo inglês e, por que não dizer, todo o povo europeu. Já depois do contato com indivíduos de outros países, ele passa a ter uma visão mais aguçada da natureza dos comportamentos e atitudes dos seres humanos.

### 3.3. O cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*

Embasado no que anteriormente delineamos, a ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* se constitui a partir da incongruência entre o dito e não-dito. A conjunção do dito com o não-dito molda os efeitos de sentido irônico, caracterizando, dessa maneira, a ironia como um procedimento literário que visa desvelar determinadas realidades (RAMOS-DE-OLIVEIRA, 2004). Assim sendo, o intérprete é levado a observar que o dito implicitamente o conduz a uma pluralidade de significados que busca desmistificar uma determinada prática.

O dito, em *Gulliver's Travels*, está relacionado a uma prática cientificista amalucada e de acordo, por conseguinte, com a cosmovisão carnavalesca bakhtiniana. Na ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*, essas categorias constituem explicitamente o dito. Ou seja, os cientistas bufões são seres excêntricos que profanam todo o caráter de seriedade do qual a ciência na Europa é revestida.

Já o não-dito se apresenta implicitamente como um conteúdo latente relativo ao cientificismo iluminista reinante na época de Swift. O cientificismo iluminista se dá pela crença à ciência enquanto salvadora de todos os problemas da humanidade, valorizando exclusivamente a racionalidade científica que é desenvolvida a partir do uso da razão. Esta última é definida como algo universal e atemporalmente correto e verdadeiro.

Nesse sentido, o cientificismo iluminista presente em *Gulliver's Travels* pode ser definido como “[...] crença infundada de que a ciência pode e deve

---

<sup>32</sup> “[...] passa por uma lavagem cerebral para se tornar o que é [...]”. (DONOGHUE, 1989, p. 91). (Tradução nossa).

conhecer tudo e é a explicação causal das leis da realidade tal como esta é em si mesma” (CHAUÍ, 2003, p. 235). Dessa forma, os pseudocientistas põem total confiança na ciência, valorizando unicamente uma racionalidade científicista carnalizada como única forma de solucionar os problemas que são apresentados nessa obra.

Além disso, devemos salientar que a racionalidade científica que teve seu auge no século XVIII com o Iluminismo, marcando o desenvolvimento científico e técnico dos tempos modernos (ARANHA; MARTINS, 1992), é apresentada em *Gulliver's Travels* a partir da perspectiva de uma *razão louca*<sup>33</sup> que vai contra as convenções do mundo oficial por constituir um mundo às avessas, extravagante e, por conseguinte, cômico. Essa razão, de acordo com Rouanet (2004), conduz em nome da razão científica um irracionalismo que usurpa as prerrogativas da *razão sábia* que é em si a verdadeira razão que liberta o homem das trevas. Em outras palavras, a *razão instrumental* jamais assegurará a felicidade geral das massas através de um progresso social realizado pela ciência, pois esta razão mascara suas verdadeiras pretensões.

Sendo assim, podemos afirmar que a ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* se apresenta como um elemento satírico a serviço da *razão sábia*, tendo por objetivo desvelar a *razão instrumental* que fundamenta o pensamento ocidental clássico e moderno, também compreendida como “[...] logos [a razão, a palavra de Deus, a fala, o discurso], em especial a significação de verdade [...]”. (FELISBINO, 2001).

Dessa maneira, os pseudocientistas nesta obra são meros bufões usados por Swift para ridicularizar os cientistas de sua época, pois ele achava a atividade deles cômica em si, uma vez que não trazia nenhum benefício para a humanidade, ou seja, eles não estavam preocupados em solucionar os problemas humanos (TURNER, 2005a).

Indo a países fantásticos e carnalizados, Gulliver se defronta com práticas sociais que lhe são estranhas e as compara com aquelas de seu mundo extracarnavalesco. Isso faz com que o leitor possa fazer uma experimentação das

---

<sup>33</sup> A *razão louca* é, para Araújo e Martins (1992), o mesmo que *razão instrumental*, ou seja, a razão utilizada para o desenvolvimento técnico. Esta razão se opõe ao conceito de *razão sábia* ou *razão vital*, através da qual o ser humano torna-se capaz de entender a situação na qual vive.

“últimas questões” concernentes à natureza humana e desnudar a realidade que se encontrava camuflada. Isto é possível graças à criação de um mundo às avessas que coloca elementos antagônicos em perfeita harmonia, o que é próprio da sátira menipéica ou luciânica.

Dessa maneira, a ironia acerca do cientificismo iluminista é construída em *Gulliver's Travels* através da apresentação de idéias e invenções que recebem um tratamento sério-cômico, pois a ida de Gulliver a outros países é um meio utilizado por Swift para colocá-lo em um mundo fantástico e carnavalizado. Esse mundo carnavalizado, onde tudo pode acontecer, é confrontado com o mundo extracarnavalesco e, dessa forma, a ironia, que é um veículo de constituição da sátira swiftiana, é criada. Em outras palavras, podemos dizer que a ironia acerca do cientificismo iluminista se dá, principalmente, pela confrontação entre a prática cientificista dos pseudocientistas presentes em *Gulliver's Travels*, sobretudo aqueles da ilha voadora de *Laputa* e da academia de *Lagado*, e os indivíduos que se dizem cientistas no mundo extracarnavalesco.

### **3.4. A ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* e sua tradução**

Nesse item, analisamos a ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels*, edição publicada pela Peguin, Londres, 1994, bem como as traduções de Cláudia Lopes, publicada pela Scipione, São Paulo, 2005, e de Therezinha Monteiro Deutsch, publicada pela L&PM Pocket, Porto Alegre, 2005. As passagens analisadas são especificamente as viagens de Gulliver na ilha voadora de *Laputa*, *Balnibarbi* e na ilha de *Glubdubdribb*, uma vez que a ironia que estamos analisando se dá nessas passagens.

#### **3.4.1. Na ilha voadora de *Laputa***

De acordo com Turner (2005b, p. 387-8), a palavra *Laputa* deriva-se da expressão *La Puta*<sup>34</sup> que se refere “[...] a um provérbio no dicionário espanhol de

---

<sup>34</sup> *La Puta*, de acordo com Pereira (2002, p. 311), significa “puta, rameira, meretriz, prostituta”.

Swift, “Cuidado com a puta, que lhe deixa a bolsa vazia” [...]”. Essa expressão também é uma alusão à pobreza na Irlanda causada pela exploração da Inglaterra para manter sua corte luxuosa. Além disso, é também uma sátira aos cientistas e intelectuais no geral, podendo “[...] ser ao mesmo tempo interpretada como “o país dos pensadores” derivando do latim *puto*”. (SERONSY, 1957, p. 471 apud TURNER, 2005b, p. 388).

Em *Laputa*, Gulliver é apresentado a uma raça de seres excêntricos que fazem uso dessa ilha voadora como palácio imperial. Essas estranhas criaturas governam as terras sobre onde a ilha voa. Gulliver descreve tais seres da seguinte maneira:

[...] never till then seen a race of mortals, so singular in their shapes, habits, and countenances. Their heads were all reclined either to the right or to the left; one of their eyes turned inward, and the other directly up to the zenith. Their outwards garments were adorned with figures of suns, moons, and stars, interwoven with those of fiddles, flutes, harps, trumpets, guitars, harpsichords, and many other instruments of music, unknown to us in Europe [...]. (p. 171)<sup>35</sup>.

A descrição de Gulliver de tais seres parece muitíssimo com “[...] uma imagem emblemática de “Matemática” nos *Icones Symbolicae*, de C. Giarda (1626), que [...] usa uma túnica com padrão de compassos, estrelas, números e notações musicais. Carrega instrumentos geométricos e [...] uma pálpebra está fechada, enquanto o outro olho volta-se diretamente para cima” (WILLIAMS, 1963, 216 apud TURNER, 2005b. p. 389). Ao fazer uma associação da descrição de Gulliver com essa imagem, podemos ter um efeito irônico, ou seja, aqueles que são apenas cientistas bufões, que têm a matemática e a música como bases para suas especulações<sup>36</sup>, passam a ter uma relação íntima com uma dada realidade, uma vez que podemos comparar tais seres carnavalescos com os cientistas que praticam o

---

<sup>35</sup> “[...] nunca desde então tinha visto uma raça de mortais tão singulares em suas formas, hábitos e feições. Suas cabeças estavam todas inclinadas, ou para a direita, ou para a esquerda; um de seus olhos voltava-se para dentro e outro diretamente para o zênite. Suas vestimentas exteriores eram adornadas com figuras de sóis, luas e estrelas, entremeadas com violinos, flautas, harpas, trombetas, guitarras, cravos e muitos outros instrumentos musicais, desconhecidos por nós na Europa [...]” (p. 171). (Tradução nossa).

<sup>36</sup> De acordo com McNeil (2007), Swift pode ter se baseado em Huygens ao fundir matemática e música como a base para toda a pseudociência dos cientistas bufões de *Laputa*, já que este cientista afirmava que a música e geometria eram sempre imutáveis em qualquer tempo e lugar.

cientificismo iluminista no mundo oficial. Dessa forma, a ironia passa a ser um meio de desmistificação de uma dada realidade.

Além disso, essas pessoas, que são consideradas como as mais bem capacitadas intelectualmente nesse reino, não são capazes nem mesmo de sobreviverem sozinhas e executarem seus afazeres quanto mais empreenderem um experimento científico. Elas são acompanhadas a todo tempo por servos que carregam em suas mãos bexigas cheias de ar e amarradas a pequenos bastões, pois eles estão sempre ocupados em raciocínios intensos e nem podem falar, nem ouvir sem serem despertados por algum toque externo nos órgãos da fala e audição. Essas características dos pseudocientistas como seres que pairam, sendo, portanto, diferentes do homem comum, fortalece ainda mais essa ironia a aqueles que praticam o cientificismo regido por uma razão louca carnalizada de caráter autoritário e não-científico.

Em *Laputa*, tudo é baseado em formas geométricas. As medidas são tiradas por meio de quadrante, régua e compasso. A comida é exageradamente medida e cortada geometricamente e as roupas também apresentam nessa ilha formas de figuras geométricas. Como Gulliver não estava vestido com roupas que foram confeccionadas seguindo os métodos daquele local, eles acharam que ele não estava vestido adequadamente e necessitava de novas roupas. Assim sendo,

Those to whom the King had entrusted me, observing how ill I was clad, ordered a tailor to come next morning, and take my measure for suit of clothes. This operator did just his office after a different manner from those of his trade in Europe. He first took my altitude by a quadrant, and then with a rule and compasses described the dimensions and outlines of my whole body, all which he entered upon paper, and in six days brought my clothes very ill made, and quite out of shape, by happening a mistake a figure in calculation. But my comfort was, that I observed such accidents very frequent, and little regarded. [...] (p. 175)<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> “Aqueles a quem me confiara o Rei, observando que eu estava mal vestido, ordenaram que viesse um alfaiate na manhã seguinte e tirasse minhas medidas para fazer um traje. Esse operário executou seu ofício de uma maneira diferente daqueles com a mesma profissão na Europa. Ele primeiro mediu minha altura por um quadrante e, depois, com uma régua e compassos, descreveu as dimensões e contornos de todo meu corpo, passando tudo para o papel; e em seis dias trouxe minhas roupas muito malfeitas e completamente desformes, pois houve um erro de um algarismo durante o cálculo. Porém, eu estava consolado, visto que tais acidentes eram muito freqüentes e davam-lhes pouca importância. [...]” (p. 175). (Tradução nossa).

Apesar das roupas não darem certo devido a um erro de cálculo ninguém se importa com isso, pois isso é muito comum nessa ilha de cientistas bufões. Todos esses cálculos para fazer uma simples vestimenta são totalmente desnecessários e gasta muito tempo. Além disso, quem poderia comprovar que esse método estaria certo? Não seria mais simples apenas tirar as medidas das partes que as roupas cobrem ao invés de medir a altura e contornos do corpo da pessoa? Procurar elaborar uma figura geométrica apenas com esses dados que sirva de roupa para uma pessoa não é uma maneira prática de fazer roupas, mas sim uma maneira inútil de aplicação de cálculos. Forçar a aplicação da matemática e música a todas as atividades de uma corte real é um absurdo, pois não se tem nenhuma vantagem prática com isso. Tal atitude só poderia vir de seres bufões que buscam modificar grotescamente as atividades das pessoas comuns.

Tudo naquela ilha é projetado pelos pseudocientistas e executado por pessoas comuns que não compreendem os projetos. Por isso, como podemos observar na passagem abaixo, nada é bem construído:

Their house are very ill built, the walls bevil, without one right angle in any apartment; and this defect arises from the contempt they bear to practical geometry, which they despise as vulgar and mechanic; those instructions they give being too refined for the intellects of their workmen, which occasions perpetual mistakes. And although they are dexterous enough upon a piece of paper, in the management of the rule, the pencil, and the divider, yet in the common actions and behaviour of life, I have not seen a more clumsy, awkward, and unhandy people, nor so slow and perplexed in their conceptions upon all other subjects, except those of mathematics and music. They are very bad reasoners, and vehemently given to opposition, unless when they happen to be of the right opinion, which is seldom their case. Imagination, fancy, and invention, they are wholly strangers to, nor have any words in their language, by which those ideas can be expressed; the whole compass of their thoughts and mind being shut up within the two forementioned sciences. (p. 176-7<sup>38</sup>).

---

<sup>38</sup> “Suas casas são muito mal construídas, as paredes inclinadas sem um ângulo reto em nenhum lugar; e esses defeitos provêm do desprezo que eles têm por geometria prática, que consideram vulgar e mecânica; as instruções que dão são demasiadamente refinadas para seus operários, o que ocasiona erros perpétuos. E embora eles sejam bastante habilidosos com um pedaço de papel, no manejo da régua, lápis e compasso, nunca vi, nas ações comuns e estilo de vida, um povo mais desengonçado, desajeitado e infeliz, nem tão vagaroso e perplexo em suas concepções a respeito de todos os outros assuntos, exceto aqueles relacionados à matemática e à música. Eles são péssimos raciocinadores e veementemente dados a oposição, a não ser quando sustentam uma opinião verdadeira, o que é um caso raro. Imaginação, fantasia e invenção são totalmente desconhecidas por eles, não existindo nem palavras em sua língua que possam expressar tais idéias; toda a extensão de seus pensamentos e de suas mentes limita-se a essas duas ciências já mencionadas.” (p. 176-7). (Tradução nossa).

A partir da citação acima podemos perceber que seres sem imaginação não conseguem governar bem uma nação, seus conhecimentos apenas em matemática e música não são suficientes para solucionarem questões práticas. Ironicamente, refinamento para os intelectuais não resulta de nenhuma maneira em desenvolvimento quando aqueles que executam os projetos não são preparados.

Uma passagem interessante que demonstra que os pseudocientistas são indivíduos mesquinhos que buscam tão-somente ascender ao poder, valendo-se da ciência como veículo legitimador de suas imposições, é quando Gulliver tece alguns comentários sobre aqueles que dizem tratar apenas de questões voltadas para a matemática e música:

[...] what I chiefly admired, and though altogether unaccountable, was the strong disposition I observed in them towards news and politics, perpetually enquiring into public affairs, giving their judgments in matter of state, and passionately disputing every inch of a party opinion. I have indeed observed the same disposition among most other mathematicians I have known in Europe, although I could never discover the least analogy between the two sciences [...]. (p. 177)<sup>39</sup>.

A citação acima estabelece uma relação direta com o mundo às avessas e o mundo oficial. No momento de confluência entre esses dois mundos é formada uma sátira aos principais matemáticos da época de Swift que se envolviam com questões políticas, tais como Newton e Leibniz. Tal sátira é constituída por intermédio da ironia que se dá quando Gulliver apresenta uma explicação a respeito dos interesses dos matemáticos por áreas que não lhes são afins. Como eles podem ter vez e voz em áreas que não possuem a mínima afinidade? A resposta dada por Gulliver é irônica, pois ele não vê a menor semelhança entre matemática e política:

[...] unless those people suppose, that because the smallest circle hath many degrees as the largest, therefore the regulation and

---

<sup>39</sup> “[...] o que eu principalmente admirei e embora julgasse completamente inexplicável era sua pujante disposição que neles observei em novidades e assuntos políticos, perpetuamente perquirindo assuntos públicos, dando seus julgamentos em questões de estado e apaixonadamente disputando cada polegada da opinião do partido. Verdadeiramente, tenho observado a mesma disposição entre a maioria dos outros matemáticos que conheci na Europa, embora eu nunca fosse capaz de descobrir a menor analogia entre as duas ciências [...]”. (p. 177). (Tradução nossa).

management of the world require no more abilities than the handling and turning of a globe [...]. (p. 177)<sup>40</sup>.

A ironia é constituída nesse trecho pela palavra “unless” (“ao não ser”) e a expressão “no more than” (“maiores (habilidades) do que”) que são usadas para tentar estabelecer uma analogia entre a matemática e a política já malograda no momento de sua constituição. Em outras palavras, Gulliver inicia sua explanação para a solução de tal contradição pela palavra “unless” e a simplifica através da expressão “no more than”.

Os pseudocientistas estão sempre tão preocupados com o que vai ocorrer com os corpos celestes<sup>41</sup> que não conseguem dormir a noite, nem ver suas mulheres os traindo e afirmam que não perdem tempo com meros caprichos:

The wives and daughters lament their confinement to the island, although I think it the most delicious spot of ground in the world; and although they live here in the greatest plenty and magnificence, and are allowed to do whatever they please, they long to see the world, and take the diversions of the metropolis, which they are not allowed to do without a particular licence from the King; and this is not easy to obtained, because the people of quality have found by frequent experience how hard it is to persuade their women to return from below [...]. (p. 179)<sup>42</sup>.

Julgando-se possuidores de habilidades intelectuais especiais, os cientistas bufões estão sempre absortos e altamente preocupados com questões

---

<sup>40</sup> “[...] ao não ser que essas pessoas suponham que, tendo o menor dos círculos o mesmo número de graus que o maior, regular e governar o mundo não demandam maiores habilidades do que manejar e girar um globo [...]. (p. 177). (Tradução nossa).

<sup>41</sup> Segundo McNeil (2007), o receio que os liliputianos tinham do sol e dos cometas era baseado numa ansiedade bastante real na Inglaterra do fim do século XVII e início do século XVIII. Temiam que a terra fosse engolida pelo sol ou que o sol se consumisse. Até mesmo Newton, em sua obra-prima *Philosophiae naturalis principia mathematica* (1687), percebeu que o balanço entre a velocidade orbital da terra e a sua queda em direção ao sol era extremamente delicada. Qualquer alteração seria um desastre. Já o temor de um cometa atingir a superfície terrestre tinha uma fonte genuína. Fazendo uso da teoria da gravitação universal newtoniana, Edmundo Harley previu que o cometa, conhecido atualmente como cometa Halley, que passou perto da terra em 1682, retornaria em 1758. Esse cometa, realmente, retornou no ano previsto, o que fortaleceu demasiadamente a exatidão da ciência newtoniana.

<sup>42</sup> “As esposas e filhas lamentam seu confinamento na ilha, embora eu ache o ponto da terra mais delicioso do mundo; e embora elas vivam aqui na maior abundância e magnificência e lhes sejam permitidas fazer tudo o que lhes aprouver, elas desejam ver o mundo e desfrutarem as diversões da metrópole, o que não é permitido fazer sem uma licença particular do Rei, e não é fácil obtê-la, porque as pessoas de qualidade descobriram através da experiência, que é difícil persuadirem suas mulheres a retornarem de baixo [...]”. (p. 179). (Tradução nossa).

que não afetam as pessoas normais, comportando-se dessa maneira todos os dias e noites, não cuidando de sua família, principalmente das mulheres e filhas que, mesmo no mais alto conforto, se sentem como se estivessem em uma prisão governada por loucos. Por isso, procurando sempre fazer as coisas que as pessoas normais fazem, envolvem-se com os estrangeiros que aparecem na ilha e se forem a *Balnibarbi* não querem de nenhuma maneira retornar às privações que passam na corte.

#### 3.4.1.1. Por Cláudia Lopes

Na tradução de Lopes (2005), temos a descrição dos pseudocientistas da ilha de *Laputa*<sup>43</sup> feita de modo muito peculiar. Os cientistas estão com a cabeça virada ou para a esquerda ou para direita, ou seja, eles não olham nem para dentro ou para baixo com um dos olhos, nem para cima ou para o zênite com o outro como podemos ver no trecho abaixo:

[...] as pessoas, lá aglomeradas à minha espera, eram esquisitas: tinham a cabeça inclinada para a direita ou para a esquerda. Era como se aquela gente estivesse com torcicolo. Tinham também um dos olhos virado para dentro e o outro para cima, sempre olhando o céu. E as roupas eram enfeitadas com figuras de sóis, luas, estrelas, ou então de violinos, flautas, harpas e outros instrumentos musicais desconhecidos. (p. 82).

Outro aspecto inovador, nessa tradução, é a comparação feita de suas posições anormais da cabeça como uma doença muito conhecida no Brasil: a torcicolo. Além disso, os instrumentos musicais que estão desenhados nas vestes dessas estranhas criaturas não são desconhecidos apenas na Europa como está escrito no texto de partida. Essas pequenas mudanças na microestrutura textual fazem com que seja criada outra estrutura a nível macro, visto que o universo discursivo passa a ser outro como podemos observar no restante da recriação de Lopes. Ou seja, a tradutora ressignifica o texto de partida, criando signos que funcionam em outra cultura.

---

<sup>43</sup> É de importância fundamental salientar que Lopes (2005), assim como também Deutsche (2005), não recria, nas passagens que analisamos, substantivos próprios, tais como *Laputa*, *Balnibarbi* e *Glubbudrib*. Essa é uma estratégia própria da tradução estrangeirizada proposta por Venuti (1995).

Podemos observar que Lopes, durante sua tradução, tem a preocupação de adequar sua obra às normas de seu público receptor. Sobretudo, procurando agradar o gosto dos críticos (professores do ensino fundamental e médio, pais de alunos, diretores de escola, editoras, mídia, etc.).

Já a linguagem utilizada pela tradutora está, também, em consonância com seu público-alvo, pois ela usa um léxico e uma sintaxe em uso pelo público infanto-juvenil. Podemos corroborar as afirmações acima pela utilização de palavras tais como “esquisita”, “gente” e “céu”, respectivamente “singular”, “race” e “zenith” no texto de partida e estrutura sintáticas simplificadas, como por exemplo, “Tinham também um dos olhos virado para dentro e o outro para cima, sempre olhando para o céu”, no texto fonte “one of their eyes turned inward, and the other directly up the zenith”<sup>44</sup> (p. 171). Em outras palavras, essas estratégias de tradução fazem com que não haja nenhum tipo de estranheza durante a leitura do texto, o que faz com que, de acordo Venuti (1995), a tradução se revista de uma naturalidade aparente.

Como a tradução de Lopes é muito condensada, ela não apresenta em seu texto a descrição de Gulliver a respeito da confecção de suas novas roupas de acordo com os modos de se vestir da ilha.

Na tradução do trecho abaixo, tudo é baseado em formas geométricas, matemática e música, tendo os pseudocientistas dessa ilha, semelhantemente ao texto de partida, desapego pela geometria prática. Dessa forma, suas construções são desastrosas:

[...] suas casas eram malfeitas, com as paredes meio tortas, sem nenhum ângulo correto... Concluí que este defeito era provocado pelo extremo desprezo que tinham pela geometria prática, a qual consideravam vulgar e mecânica. Como pensavam que seus conhecimentos eram muito refinados para o intelecto dos pedreiros, nunca os instruíam devidamente. Resultado: tudo o que era construído na ilha parecia que estava prestes a desabar. Embora fossem muito ágeis no manuseio de papel, régua, lápis e compasso, nas ações comuns do cotidiano eram desajeitados e desastrados. A imaginação, a fantasia e a invenção eram coisas totalmente estranhas para eles. Dedicavam-se aos cálculos e à música. O fanatismo por essas áreas do conhecimento tornava-os cada vez mais despreparados para as outras coisas da vida. Não tinham tempo para mais nada. (p. 84-5).

---

<sup>44</sup> “um de seus olhos voltava-se para dentro e outro diretamente para o zênite.” (p. 171). (Tradução nossa).

No excerto acima, a tradutora segue a seqüência narrativa do texto de partida, porém há cortes e acréscimos de palavras e períodos inteiros. Logo no início, a palavra “very” (“muito”) é cortada. Desse modo, ao invés de “suas casas eram muito malfeitas”, temos “suas casas eram malfeitas”, o que diminui a imagem negativa das construções dos habitantes dessa ilha flutuante. No texto de partida, as instruções que os cientistas bufões davam aos trabalhadores eram demasiadamente refinadas para o intelecto deles (“those instructions they give being too refined for the intellects of their workmen” <sup>45</sup> (p. 176)), já no texto traduzido é acrescentado que esses trabalhadores nunca eram instruídos corretamente (“nunca os instruíam devidamente” (p. 85)). Com relação aos resultados obtidos por esses operários, no texto fonte, sempre havia erros (“which occasions perpetual mistakes” <sup>46</sup> (p.176)), enquanto no texto traduzido, essa oração se converte em um longo período, explicitando claramente o resultado dessa falta de diálogo entre os pseudocientistas e seus empregados (“Resultado: tudo o que era construído na ilha parecia que estava prestes a desabar.” (p.85)).

No segundo parágrafo dessa passagem não são traduzidas as palavras “I have not seen a more” <sup>47</sup> (p. 177), nem o período “They are very bad reasoners, and vehemently given to opposition, unless when they happen to be of the right opinion, which is seldom their case” <sup>48</sup> (p.177) e nem as seguintes orações: “nor have any words in their language, by which those ideas can be expressed” <sup>49</sup> (p. 177). Além disso, Lopes traduz o último período de forma minuciosa, demonstrando explicitamente para seus leitores o fanatismo que os cientistas bufões de *Laputa* tinham por essas duas ciências.

Ainda com relação a essa passagem, a sétima pergunta (“Por que as casas dos habitantes de Laputa eram malconstruídas?”) contida na ficha de leitura (ANEXO A) que acompanha essa obra chama a atenção do leitor para que ele

---

<sup>45</sup> “as instruções que dão são demasiadamente refinadas para seus operários” (p. 176). (Tradução nossa).

<sup>46</sup> “o que ocasiona erros perpétuos” (p. 176). (Tradução nossa).

<sup>47</sup> “nunca vi [...] um [...] mais” (p. 177). (Tradução nossa).

<sup>48</sup> “Eles são péssimos raciocinadores e veementemente dados a oposição, a não ser quando sustentam uma opinião verdadeira, o que é um caso raro” (p. 177). (Tradução nossa).

<sup>49</sup> “não existindo palavras em sua língua que possam expressar tais idéias” (p. 177). (Tradução nossa).

busque refletir sobre as causas que fazem com que as construções em *Laputa* sejam mal construídas. Esse questionamento ativa mais ainda a percepção do leitor para a ironia acerca do cientificismo iluminista como elemento da sátira swiftiana na tradução do Lopes.

Nessa tradução de *Gulliver's Travels*, a analogia feita entre os matemáticos europeus e os pseudocientistas da academia de *Lagado* também não é observada. Tais fatos ocorrem, como somos cientes, em virtude do processo de condensação de obras traduzidas principalmente para o público infanto-juvenil. Como o tradutor faz escolhas durante o processo de tradução, semelhantes casos também podem ocorrer nas traduções para o público adulto, apesar de não serem tão comuns como nas traduções para o público infanto-juvenil. Sendo assim, ao longo de nossa análise, poderemos nos deparar com vários cortes semelhantes a esses.

Na recriação de Lopes, os cientistas bufões também estão sempre aflitos com o que poderá ocorrer com os corpos celestes que nem sequer conseguem dar atenção a suas esposas e filhas:

Quanto às mulheres, só posso dizer que viviam se lamentando. Como não possuíam as idéias fixas dos homens, não temiam que o Sol se apagasse ou qualquer coisa assim, achavam muito aborrecida a rotina da ilha.

Tudo o que desejavam era uma permissão para descer às cidades que ficavam em terra firme. Mas essa licença, concedida pelo rei, era muito difícil de se obter: contavam que, há muito tempo, algumas poucas mulheres haviam saído de Laputa em viagem de férias e nunca mais tinham voltado... (p. 87).

Como podemos perceber na tradução do trecho acima, Gulliver não diz, como no texto de partida, que *Laputa* é o lugar mais delicioso da terra (“the most delicious spot of ground in the world”<sup>50</sup> (p. 179)), nem que as mulheres vivem na maior abundância e grandeza (“they live here in the greatest plenty and magnificence”<sup>51</sup> (p. 179)). Como no texto fonte, as mulheres não têm as idéias burlescas dos homens e vivem se lamentando de seu confinamento naquela ilha, porém as mulheres que conseguiram ir para o continente não foram através do consentimento de seus maridos, mas sim durante uma viagem de férias. No texto de

<sup>50</sup> “o ponto da terra mais delicioso do mundo” (p. 179). (Tradução nossa).

<sup>51</sup> “elas vivem aqui na maior abundância e magnificência”. (p. 179). (Tradução nossa).

partida, não temos nenhuma ocorrência da palavra “férias” e os maridos dizem que é muito difícil convencer as suas esposas a retornarem a ilha, já na tradução de Lopes, elas nem sequer retornaram.

#### 3.4.1.2. Por Therezinha Monteiro Deutsch

A ironia à prática cientificista na viagem de Gulliver a *Laputa*, na tradução de Therezinha Monteiro Deutsch (2005), apresenta a descrição dos bufões muito semelhante ao texto fonte:

[...] nunca tinha visto uma raça de mortais tão singulares quanto a formas, hábitos e feições. Suas cabeças inclinavam-se ou para a direita ou para a esquerda; um dos olhos para dentro e o outro para o zênite. Seus trajes eram adornados com figuras de sóis, luas e estrelas, entremeadas com flautas, harpas, trompetes, violões, espinetas e muitos outros instrumentos de música que eram desconhecidos por nós na Europa. (p. 201).

Podemos notar que a tradutora procura observar quase todas as palavras do texto de partida e faz uso das palavras cognatas como, por exemplo, “zênite” (“zenith”), “singulares” (“singular”), “adornados” (“adorned”) entre outras. Nessa passagem, ao observar elementos característicos do léxico do texto de partida, Deutsch passa a não simplificar seu texto, realizando, dessa forma, uma tradução pautada na ética da diferença, pois ela registra a estrangeiridade contida no texto fonte ao traduzir as palavras cognatas por suas correspondentes em Português, uma vez que a língua de chegada permite que a tradutora siga essa concepção tradutória defendida metodicamente por Venuti (2002).

Nessa tradução, os pseudocientistas se apresentam à semelhança do texto de partida como seres guiados por servos, que vivem absortos, apenas tentando resolver problemas relacionados à matemática e à música. Tudo também nessa tradução é baseado em figuras geométricas que são medidas por quadrante, régua e compasso, como podemos atestar pela passagem abaixo:

Aqueles aos quais o rei me confiara, notando que eu estava mal vestido, ordenaram a um alfaiate que viesse na manhã seguinte para tirar minhas medidas. Este profissional faz seu trabalho de uma forma diferente da adotada por aqueles que realizam o mesmo

trabalho na Europa. Primeiro, registrou minha altitude com um quadrante, em seguida, usando réguas e compassos, fez um levantamento das dimensões e contornos de todo meu corpo, os quais anotou em um papel, e em seis dias trouxe-me roupas muito mal feitas e que não eram do meu tamanho, porque conseguira uma figura diferente ao errar os cálculos. Meu consolo foi que vi os resultados de semelhantes acidentes com frequência e ninguém parecia importar-se com isso. [...] (p. 204-5).

Na tradução do trecho acima, ora a tradutora faz uso das palavras cognatas ora não. Ela traduz “order”, “different”, “altitude”, “quadrant”, “compasses”, “dimensions”, “figure”, “calculation” e “accidents” por seus respectivos cognatos “ordenaram”, “diferente”, “altitude”, “quadrante”, “compassos”, “dimensões”, “figura”, “cálculos” e “acidentes”, enquanto com “observing” (“notando”), “operator” (“profissional”), “office” (“trabalho”), “manner” (“forma”), “described” (“fez um levantamento”), e “observed” (“vi”) ela não segue o mesmo procedimento tradutório que poderia se adequar ao texto sem causar estranhamento. Além disso, Deutsch não especifica que roupa eles iriam fazer para Gulliver, apesar de ficar implícito que seria um terno completo. No texto de partida, as medidas foram tiradas para que o alfaiate fizesse um terno completo (“take my measure for a suit of clothes”<sup>52</sup> (p. 175)). Vale apenas salientar que no texto fonte ocorre um erro no cálculo em virtude do cientista bufão se enganar com um algarismo (“by happening a mistake a figure in calculation”<sup>53</sup> (p. 175)), já nessa tradução fica claro que o erro não foi em algarismo e sim na figura devido a um erro durante os cálculos. Apesar dessa diferença de interpretação, não há mudanças bruscas no resultado final da tradução.

A descrição da construção das casas nessa ilha é outra passagem que acentua a ironia à prática cientificista guiada por um excesso racionalista carnavalizado em uma corte bufa na recriação de Deutsch. Essa passagem é toda traduzida pela tradutora:

As casas deles são muito mal construídas, com muros desencontrados, sem ângulo reto em qualquer lugar, e este defeito derivava do desprezo que eles têm pela geometria aplicada, que consideram vulgar e mecânica; as instruções que dão aos seus trabalhadores são refinadas demais para o intelecto deles, o que causa erros constantes. Apesar de serem destros o bastante com papel e no manuseio de réguas, lápis e divisor, nas ações comuns e

<sup>52</sup> “tirasse minhas medidas para fazer um traje” (p. 175). (Tradução nossa).

<sup>53</sup> “houve um erro de um algarismo durante o cálculo” (p. 175). (Tradução nossa).

comportamentos da vida nunca vi um povo mais desajeitado, estranho e incompetente, nem tão lento e perplexo nos conceitos sobre os demais assuntos, exceto matemática e música. São péssimos em raciocínio prático e veementemente inclinados à oposição, a não ser quando são da opinião certa, o que raramente acontece. Imaginação, invenção e fantasia são coisas tão desconhecidas para eles que nem mesmo existem palavras em sua língua para expressar estas idéias; todo ritmo de suas mentes e pensamentos não combina com nada que não seja voltado para as duas ciências já mencionadas. (p. 206).

As principais sentenças no trecho acima que fazem com que a ironia seja traduzida são o estado das construções e o ponto de vista dos pseudocientistas quanto à geometria prática. São frases como “As casas são muito mal construídas, com muros desencontrados, sem ângulo reto em qualquer lugar” (no texto de partida “The houses are very ill built, the walls bevil, without one right angle in any apartment”<sup>54</sup> (p. 176)), “este defeito derivava do desprezo que eles têm pela geometria aplicada, que consideram vulgar e mecânica” (no texto fonte “this defect arises from the contempt they bear to practical geometry, which they despise as vulgar and mechanic”<sup>55</sup> (p. 176)) e “as instruções que dão aos seus trabalhadores são refinadas demais para o intelecto deles” (no texto de partida “those instructions they give being too refined for the intellects of their workmen”<sup>56</sup> (p.176)) que sustentam os efeitos irônicos responsáveis pelo estabelecimento da sátira swiftiana na tradução de Deutsch.

A ironia estabelecida através do interesse dos matemáticos europeus por assuntos políticos está também presente na tradução de Deutsch:

[...] o que eu admirei e até considerei inacreditável foi a imensa disposição que observei neles no que diz respeito a notícias e política, perpetuamente questionando os negócios públicos, dando suas opiniões nas questões de Estado e discutindo de forma apaixonada cada ponto numa questão sobre partidos. Também observei a mesma disposição entre os matemáticos que conheci na Europa, apesar de nunca ter descoberto a menor analogia entre as duas ciências [...] (p. 206-207).

---

<sup>54</sup> “Suas casas são muito mal construídas, as paredes inclinadas sem um ângulo reto em nenhum lugar”. (p. 176). (Tradução nossa).

<sup>55</sup> “esses defeitos provem do desprezo que eles têm por geometria prática, que desprezam como vulgar e mecânica”. (p. 166). (Tradução nossa).

<sup>56</sup> “as instruções que dão são demasiadamente refinadas para seus operários”. (p. 166). (Tradução nossa).

Na passagem acima, a tradutora busca apresentar toda a seqüência narrativa. No entanto, ela não traduz as palavras “most other” (“a maioria dos outros”). Sendo assim, ao invés de “entre a maioria dos outros matemáticos que conheci na Europa”, temos apenas “entre os matemáticos que conheci na Europa”. Sem a tradução dessas palavras os efeitos irônicos nessa tradução desse trecho são mais enfatizados, uma vez que não é a maioria dos matemáticos europeus que se intromete em assuntos políticos e sim todos os matemáticos que Gulliver conheceu na Europa.

Além disso, o ponto de vista sobre os matemáticos europeus é enfatizado pela analogia de cunho irônico, traduzida por Deutsch, entre a quantidade de graus dos círculos e a administração de qualquer governo:

[...] a menos que essas pessoas pensem que por ter o círculo pequeno tantos graus quanto o grande, do mesmo modo o regulamento e administração do mundo não requerem mais habilidades a não ser as de manejar e fazer girar um globo [...] (p. 207).

Deutsch também traduz como as mulheres e suas filhas se sentem na corte de bufões em *Laputa*, sem diversão alguma, já que os homens apenas lidam com assuntos referentes à matemática, música e astronomia:

As esposas e filhas lamentam o confinamento à ilha, apesar de eu acreditar que se trata do local mais delicioso do mundo. Mesmo vivendo lá na maior abundância e magnificência, e podendo fazer o que bem querem, anseiam por ver o mundo e aproveitar as diversões da metrópole, o que não podem fazer sem uma licença particular do rei, e isso não é fácil de conseguir, porque os cavalheiros de qualidade descobriram, através de freqüente experiência, que é muito difícil persuadir suas mulheres a retornarem para a ilha. (p. 208-9).

No excerto acima, podemos observar algumas peculiaridades da tradução de Deutsch na estrutura microtextual. Ela não traduz a palavra “here” por “aqui”, mas sim por “lá” como se o narrador-personagem estivesse escrevendo sua história em outro local e não em *Laputa*. Além disso, “to return from below”, não é traduzido por “retornarem de baixo” e sim por “a retornarem para a ilha”. Apesar dessas pequenas

diferenças entre o texto de partida e o de chegada, a ironia no geral não é comprometida.

### 3.4.2. Na Academia de *Lagado*

Em *Balnibarbi*, Gulliver conhece a academia de *Lagado*, fundada após a visita de algumas pessoas a *Laputa*. Nessa academia, novas teorias são criadas e pesquisas são desenvolvidas<sup>57</sup> para melhorar a vida dos habitantes daquele país. Entretanto, nenhuma dessas teorias e pesquisas produzem algum resultado proveitoso para o povo de *Balnibarbi*, uma vez que as novas técnicas advindas delas e aplicadas principalmente na agricultura e construção, deixam o país em ruínas. O resultado desastroso do uso pretensioso da “ciência” naquele país deve-se ao fato dos cientistas da academia de *Lagado* serem meros bufões, impondo o uso de um cientificismo excêntrico.

Os projetos da Academia de *Lagado* criados em um mundo carnalizado são cômicos em si. Eles não têm nenhuma utilidade prática e servem somente para criar um efeito irônico que satiriza a ciência no mundo oficial.

A ironia acerca do cientificismo iluminista, em *Balnibarbi*, é constituída durante a visita de Gulliver a academia de *Lagado*, quando ele visita os vários projetadores dessa academia. As instalações dessa academia eram aproximadamente quinhentas salas localizadas em várias casas. Possivelmente, Swift busca na descrição dessa academia manter algumas semelhanças com a Royal Society que em 1710 se “[...] mudou para duas casas na Crane Street, Fleet St., e em 1724 adquiriu várias outras propriedades, incluindo duas casas na Coleman St.” (NICHOLSON; MOHLER, 1962, p. 137 apud TURNER 2005b, p. 398). Além disso, podemos dizer que Swift procurava, satiricamente, elaborar uma descrição futura para a Royal Society, com vários projetos “ambiciosos”, já que essa academia tentava expandir suas instalações. Gulliver descreve vários projetos em áreas que conhecemos atualmente como ciências exatas, estudos especulativos e políticos.

---

<sup>57</sup> Para McNeil (2007), a maioria das idéias apresentadas na terceira parte de *Gulliver's Travels* é baseada em experimentos reais relatados na literatura da época de Swift, principalmente os relatórios publicados no *Philosophical transactions of the Royal Society* (*Transações filosóficas da Academia Real*).

Nessa academia, Gulliver visita, primeiramente, vários projetos que podemos perceber que têm relação com as ciências exatas atuais, tais como Química e Física. São eles: projeto para extrair raios do sol, projeto para transformar dejetos humanos em comida, projeto para calcinar gelo e transformá-lo em pólvora, projeto para construir casas como as abelhas e aranhas, projeto para distinguir as cores através do tato e olfato, projeto para arar a terra fazendo uso de porcos, projeto para as aranhas fazerem seda, projeto para detectar os movimentos acidentais do vento, projeto para curar doenças através de ação contrária e vários projetos para melhorar a vida humana. Dentre esses diversos projetos, escolhemos o projeto para arar a terra por meio de porcos e os vários projetos para melhorar a vida humana como exemplos dos projetos desenvolvidos nessa área, uma vez que todos os projetos dessa academia são muito semelhantes pela excentricidade dos métodos, objetivos e insucesso nos resultados.

Gulliver, ironicamente, afirma que ficou altamente agradado com o projetador que descobriu um modo de arar a terra utilizando porcos de forma bastante econômica:

In another apartment I was highly pleased with a projector who has found a device of ploughing the ground with hogs, to save the charges of ploughs, cattle, and labour. The method is this: in an acre of ground you bury, at six inches distance and eight deep, a quantity of acorns, dates, chestnuts, and other mast or vegetables, whereof these animals are fondest; then you drive six hundred or more of them into the field, where, in a few days, they will root up the whole ground in search of their food, and make it fit for sowing, at the same time manuring it with their dung: it is true, upon experiment, they found the charge and trouble very great, and they had little or no crop. However it is not doubted, that this invention may be capable of great improvement. (p. 197-8)<sup>58</sup>.

Porém, não havia nada de econômico nesse método, os gastos eram imensos e a produção menor. Apesar disso, o projetador dizia, sem nenhuma

---

<sup>58</sup> “Em outra sala, fiquei altamente agradado com um projetador que tinha encontrado um meio de arar a terra com porcos para reduzir as despesas com arado, gado e trabalho. O método é assim: em um acre de terra você enterra, a seis polegadas de distância e oito de fundura, uma quantidade de bolotas de carvalho, tâmaras, castanhas e outros frutos ou vegetais que esses animais adoram; então, você solta seiscentos ou mais deles no campo e em poucos dias eles terão removido toda a terra em busca de comida e preparado-a para a semeadura ao mesmo tempo em que a adubam com seus excrementos. É verdade, com base em experimentos, que descobriram que as despesas e o trabalho são muito grandes e as colheitas poucas ou nenhuma. Contudo, não se duvida que essa invenção seja passível de grande melhoria.” (p. 197-8). (Tradução nossa).

explicação consistente, que com a evolução desse método indubitavelmente o povo de *Balnibarbi* teria muito a ganhar.

Entrando numa sala, Gulliver encontra uma “illustrious person” (“pessoa ilustre”) que os membros da academia, ironicamente, chamam de “*the universal artist*” (“o artista universal”). Esse projetador

I had hitherto seen only one side of the Academy, the other being appropriated to the advances of speculative learning, of whom I shall say something when I have mentioned one illustrious person more, who is called among them the *universal artist*. He told us he had been thirty years employing his thoughts for the improvement of human life. He had two large rooms full of wonderful curiosities, and fifty men at work. Some were condensing air into a dry tangible substance, by extracting the nitre, and letting the aqueous or fluid particles percolate; others softening marble, for pillows and pin-cushions; others petrifying the hoofs of a living horse, to preserve them from foundering. The artist himself was at that time busy upon two great designs; the first, to sow land with chaff, wherein he affirmed the true seminal virtue to be contained, as he demonstrates by several experiments, which I was not skilful enough to comprehend. The other was, by a certain composition of gums, minerals, and vegetables, outwardly applies, to prevent the growth of wool upon two young lambs; and he hoped, in reasonable time to propagate the breed of naked sheep, all over the kingdom. (p. 199-200)<sup>59</sup>.

Esses projetos formam uma unidade que garante o tom irônico à obra. Ou seja, não são necessários esforços para perceber que é um absurdo tentar utilizá-los em qualquer local do mundo. Sendo assim, podemos afirmar que a criação desse mundo onde a ciência é carnavalizada serve tão-somente como elemento estético para a constituição da sátira swiftiana.

---

<sup>59</sup> “Tinha até agora visto apenas um lado da Academia, o outro lado sendo apropriado aos estudos especulativos avançados, dos quais devo dizer algo mais tarde depois de mencionar uma ilustre pessoa, que é conhecida entre eles como o *artista universal*. Ele nos contou que tem ocupado seus pensamentos há trinta anos no melhoramento da vida humana. Ele tinha duas salas grandes repletas de curiosidades maravilhosas e cinqüenta homens trabalhando. Alguns condensavam o ar em uma substância tangível e seca, extraíndo o nitrato e filtrando as partículas aquosas e fluidas; outros amaciavam o mármore para fazer travesseiros e almofadas para alfinetes; outros petrificavam os cascos de um cavalo vivo para evitar doença nos cascos. O próprio artista estava, no momento, ocupado com dois projetos; o primeiro, para semear a terra com restos de cereais, onde afirmava estar a verdadeira virtude seminal como demonstrava por meio de vários experimentos, o que eu não era habilidoso o bastante para compreender. O outro, por uma certa composição de gomas, minerais e vegetais, que aplicada externamente, procurava evitar o crescimento de lã em dois pequenos carneiros; e esperava, em tempo razoável, propagar uma raça de ovelhas peladas por todo reino.” (p. 199-200). (Tradução nossa).

Após visitar esses projetos, Gulliver vai para o outro lado da academia que era dedicado a estudos especulativos avançados, afirmando que não vai incomodar o leitor, descrevendo minuciosamente tudo o que observou. Nesse lado da academia, ele visita os projetos seguintes: projeto para produzir um tratado completo de todas as ciências e artes, projetos para melhorar a comunicação e projeto para memorizar proposições matemáticas. Como exemplos desses projetos escolhem o projeto para produzir um tratado completo de todas as ciências e artes e o projeto para memorizar proposições matemáticas.

A ironia ganha auge, sobretudo, quando ele conhece um dos projetadores que trabalha com o conhecimento especulativo. Esse projetador diz que sua invenção produzirá um tratado completo de todas as ciências e artes. Esse equipamento é composto de um quadro com a superfície formada com muitos pedaços de madeira em forma de dado. Cada pedaço tem uma palavra escrita, sendo que ao longo de todo o quadro todas as palavras de sua língua se encontram escritas. Ao acionar algumas alavancas, as palavras ficam em certa disposição e são compiladas pelos discípulos deste Projetador. O apanhado de todas essas compilações dará um tratado sobre todas as ciências e artes. Gulliver, que representa o povo europeu, ingenuamente elogia a invenção e promete levá-la para seu país, defendendo a patente de seu verdadeiro inventor:

The first professor I saw in a very large room, with forty pupils about him. After salutation, observing me to look earnestly upon a frame, which took up the greatest part of both the length and breadth of the room, he said perhaps I might wonder to see him employed in a project for improving speculative knowledge by practical and mechanical operations. But the world would soon be sensible of its usefulness, and he flattered himself that a more noble exalted thought never sprang in any other man's head. Every one knew how laborious the usual method is of attaining to arts and sciences; where by his contrivance the most ignorant person at a reasonable charge, and with a little bodily labour, may write books in philosophy, poetry, politics, law mathematics, and theology, without the least assistance from genius or study. He then led me to the frame, about the sides whereof all his pupils stood in ranks. It was twenty foot square, placed in the middle of the room. The superficies was composed of several bits of wood, about the bigness of a die, but some larger than others. They were all linked together by slender wires. These bits of wood were covered on every square with paper pasted on them, and on these papers were written all the words of their language, in their several moods, tenses, and declensions, but without any order. The professor then desired me to observe, for he was going to set his

engine at work. The pupils at his command took each of them hold of an iron handle, whereof there were forty fixed round the edges of the frame, and giving them a sudden turn, the whole disposition of the words was entirely changed. He then commanded six to thirty of the lads to read the several lines softly as they appeared upon the frame; and where they found three or four words together that make part of a sentence, they dictated to the four remaining boys who were scribes. This work was repeated three or four times, and every turn the engine was so contrived that the words shifted into new places, as the square bits of wood moved upside down.

Six hours a day the young students were employed in this labor, and the professor showed me several volumes in large folio already collected, of broken sentences, which he intended to piece together, and out of those rich materials to give the world a complete body of all arts and sciences; which however might be still improved, and much expedited, if the public would raise a fund for making and employing five hundred such frames in Lagado, and oblige the managers to contribute in common their several collections.

He assured me, that this invention had employed all his thoughts from his youth, that he had emptied the whole vocabulary into his frame, and made the strictest computation of general proportion there is in books between the numbers of particles, nouns, and verbs, and other parts of speech.

I made my humblest acknowledgment to this illustrious person, for his great communicativeness; and promised, if ever I had the good fortune to return to my native country, that I would do him justice, as the sole inventor of this wonderful machine; the form and contrivance of which I desired leave to delineate on paper, as in the figure here annexed. I told him, although it were the custom of our learned in Europe to steal inventions from each other, who had thereby at least this advantage, that it became a controversy which was the right owner; yet I would take such caution, that he should have the honour entire, without a rival. (p. 200-3)<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> “Expressei meu humilde reconhecimento a esta ilustre pessoa por sua grande capacidade de se comunicar e prometi que se tivesse a grande felicidade de retornar ao meu país natal o faria justiça, como sendo o único inventor dessa máquina maravilhosa, cuja forma e ajustes desenhei no papel como na figura anexa. Disse-lhe que, embora houvesse na Europa o costume de entre nossos sábios roubarem as invenções uns dos outros, o que pelos menos tinha a vantagem de provocar uma controvérsia sobre quem era o verdadeiro dono, teria precaução para que ele tivesse toda a honra, sem rival.

O primeiro professor que vi lecionava numa sala muito grande com quarenta discípulos. Depois dos cumprimentos, notando que eu olhava um quadro que ocupava a maior parte no comprimento e largura da sala, ele disse que talvez eu ficasse admirado de vê-lo trabalhando em um projeto para desenvolver o conhecimento especulativo através de operações práticas e mecânicas, porém logo o mundo seria capaz de perceber a utilidade desse projeto. Sentia-se orgulhoso por um pensamento tão nobre quanto esse jamais ter passado na cabeça de outro homem. Todos sabem como é trabalhoso o método comum de relacionar as artes com as ciências, pois com o seu método a pessoa mais ignorante, por um razoável custo e com pouco esforço braçal, poderia escrever livros de filosofia, poesia, política, leis, matemática e teologia sem a menor assistência de um gênio ou necessidade de estudo. Então, ele me levou até o quadro, em cujos lados os estudantes encontravam-se de pé, em filas. O quadro tinha sessenta metros quadrados e estava posto no meio da sala. Sua superfície era constituída de muitos pedaços de madeira, com formato de um dado, alguns maiores do que os outros. Estavam todos ligados por fios finos. Esses pequenos pedaços de madeira tinham um papel posto em cada uma de seus lados e nesses papéis estavam escritas, em

Na passagem acima, temos uma ironia sarcástica ou satírica que se constitui, retoricamente, por intermédio de um elogio. Ou seja, o ironista suaviza sua crítica pesada através de um elogio que visa ridicularizar sua vítima (ANOLLI et al, 2001). Os alvos da ironia aqui são os cientistas do mundo extracarnavalesco, visto que Gulliver propõe levar essa invenção burlesca para seu país.

Essa ironia é estabelecida pelo uso que Swift faz de seu personagem principal para satirizar uma prática científicista que é absurda em si. Essa utilização do personagem pelo autor para ironizar essa prática se dá através do distanciamento irônico que é usado como tática de ação.

Também, podemos afirmar que a ironia presente na citação acima é, materialmente, marcada por certas palavras e expressões que conduzem o interpretador a um não-dito em potencial. Adjetivos, tais como “illustrious” (“ilustre”) e “wonderful” (“maravilhosa”), qualificam o que claramente podemos ver que não têm qualidade alguma, pois nem o pseudocientista é ilustre, nem a máquina é maravilhosa. Além disso, os adjetivos “humblest”, (“humildes”) “great” (“enorme”), “good” (“boa”), “right” (“verdadeiro”) e “entire” (“inteira”) qualificam substantivos positivamente, acentuando ainda mais a incongruência de se elogiar uma invenção

---

ordem, todas as palavras da língua deles, em seus vários modos, tempos e declinações, mas sem nenhuma ordem. O professor, então, quis que eu observasse, pois ia fazer a engenhoca funcionar. Ao seu comando, os alunos pegaram em manivelas de metal, das quais havia quarenta fixadas nas bordas laterais do quadro; quando elas eram giradas imediatamente, toda a ordem das palavras era alterada por completo. Em seguida, ele ordenou que trinta e seis dos jovens lessem várias linhas suavemente à medida que surgiam no quadro; em caso de haver três ou quatro palavras juntas que podiam fazer parte de uma frase, eles a ditavam para os quatro garotos restantes, que eram os escribas. Este trabalho foi repetido três ou quatro vezes e a cada volta da engenhoca as palavras se colocavam em nova ordem, à medida que os pedaços de madeira eram movimentados ao contrário. Durante seis horas, todos os dias, os jovens estudantes ficavam ocupados com este trabalho, e o professor mostrou-me vários volumes grandes já coletados em grandes fólios com frases quebradas, que pretendia unir. Desse rico material, ele proporcionaria ao mundo um tratado completo de todas as artes e ciências, que, entretanto, ainda poderia ser melhorado e muito mais rápido se o público contribuísse com um fundo para que fossem feitos e usados quinhentos daqueles quadros em Lagado, obrigando os administradores a contribuírem em comum com suas várias coletas. Ele garantiu-me que essa invenção utilizara todos os seus pensamentos, desde a juventude; que inserira o vocabulário completo naquele quadro e fizera o mais estrito cálculo da proporção geral que existia nos livros entre as quantidades de partículas, substantivos, verbos e outros termos da fala. Expressei meus humildes agradecimentos a esta ilustre pessoa por sua enorme capacidade de se comunicar e prometi que se fosse boa sorte de retornar ao meu país natal o faria justiça, como sendo o único inventor dessa máquina maravilhosa, cuja forma e ajustes desenhei no papel como na figura delineada no papel. Disse-lhe que, embora houvesse na Europa o costume de entre nossos cientistas roubarem as invenções uns dos outros, o que pelos menos tinha a vantagem de provocar uma controvérsia sobre quem era o verdadeiro dono, teria precaução para que ele tivesse a inteira honra, sem rival.” (p. 200-3). (Tradução nossa).

criada por um bufão. Palavras como essas, de acordo com Donogheu (1989), enfatizam a constituição da ironia em Swift.

O roubo de patente é outro fator que nos ajuda a fazer uma comparação entre o comportamento dos cientistas bufões de *Balnibarbi* e os cientistas no mundo real. Isto é, a prática científica nunca é imparcial como muitos pretendem que seja, pois sempre haverá algum interesse em seus resultados por parte daqueles que a fazem não importa qual seja.

Em outras palavras, o efeito irônico aqui é constituído pela incongruência entre o dito e não-dito. Quando Gulliver elogia a invenção bufa e diz que vai levá-la para seu país e que irá ter precauções para que seu verdadeiro inventor não tenha sua invenção roubada pelos cientistas europeus (dito), pressupomos de imediato, através de marcas textuais e contextuais deixadas pelo ironista, que essa invenção grotesca irá ser bem aceita na Europa (não-dito). A configuração desses dois contextos diferentes, que apresentam dois mundos, um carnavalesco referente ao país fantástico onde Gulliver se encontra e o outro extracarnavalesco de onde Gulliver partiu e irá retornar, produz a ironia. Ou seja, a partir da junção desses dois sentidos, percebemos que o ironista quer nos demonstrar que, na verdade, não há tantas diferenças entre os cientistas bufões e os cientistas europeus.

Indo à escola de matemática da academia, Gulliver se depara com o projeto para memorizar proposições matemáticas. Esse era um projeto muito peculiar e demasiadamente simplista que toda pessoa em seu senso comum sabe por intuição que jamais teria algum efeito na realidade. Logo abaixo, segue-se a descrição feita por Gulliver desse projeto sem credibilidade:

I was at the mathematical school, where the master taught his pupils after a method scarce imaginable to us in Europe. The proposition, and demonstration, were fairly written on a thin wafer, with ink composed of a cephalic tincture. This, the student was to swallow upon a fasting stomach, and for three days following, eat nothing but bread and water. As the wafer digested, the tincture mounted to his brain, bearing the proposition along with it. But the success has not hitherto been answerable, partly by some error in the quantum or composition, and partly by the perverseness of lads, to whom this bolus is so nauseous, that they generally steal aside, and discharge it upwards, before it can operate; neither have they been yet persuaded to use so long abstinence, as the prescription requires. (p. 204-5)<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> “Estava na escola de matemática, onde o mestre ensinava seus alunos por meio de um método escassamente imaginável para nós na Europa. A proposição e a demonstração eram claramente

Um projeto como esse busca, por intermédio da ironia como tática de ação, satirizar a falta de objetivos práticos que tinham os membros da Real Society. Engolir uma proposição escrita com tintura cefálica não é um meio de transferir fórmulas matemáticas para o cérebro, pois o ser humano não é uma máquina ou tábula rasa onde se depositam dados. Em outras palavras, é totalmente impossível para o homem obter conhecimentos sem esforço e raciocínio.

Descrevendo a sua ida à escola de projetadores políticos, Gulliver começa relatando sobre a péssima aparência daquelas infelizes criaturas que propunham modificações que, segundo eles, melhorariam o sistema político:

[...] I was but ill entertained; the professors appearing, in my judgment, wholly out of their senses, which is a scene that never fails to make me melancholy. These unhappy people were proposing schemes for persuading monarchs to choose favourites upon the score of their wisdom, capacity, and virtue; of teaching ministers to consult the public good; of rewarding merit, great abilities, eminent services; of instructing princes to know their true interest, by placing it on the same foundation with that of their people; of choosing for employments persons qualified to exercise them, with many other wild, impossible chimeras, that never entered before into the heart of man to conceive [...]. (p. 205)<sup>62</sup>.

A melancolia desses pseudocientistas refletia a falta de perspectivas que tinham os seus projetos, pois o que deve ser feito para o bem do povo os governantes geralmente não têm o mínimo interesse em realizar. Sendo assim, esses projetos eram meras quimeras que provavelmente jamais seriam realizadas. Além disso, suas propostas soaram tão estranhas para Gulliver que ele achou que

---

escritas numa fina hóstia com tinta composta de uma tintura cefálica que o estudante engolia em jejum e por três dias seguidos, não comia nada exceto pão e água. Quando a hóstia era digerida, a tintura subia para seu cérebro, conduzindo a proposição com ela. Mas o sucesso até o momento não fora comprovado, em parte devido a algum erro no quantum ou composição, em parte pela perversidade dos garotos para os quais tal bolo é tão nauseante que geralmente o lançam para fora antes que possa fazer algum efeito; nem eles têm sido ainda persuadidos a ter uma abstinência tão longa como a requerida pela prescrição.” (p. 230-1). (Tradução nossa).

<sup>62</sup> “Eu tive um momento ruim; parecendo os professores, no meu julgamento, totalmente fora si, o que é uma cena que nunca falha para fazer-me melancólico. Essas pessoas infelizes propunham esquemas para persuadir monarcas a escolherem favoritos a partir do escore da sabedoria, capacidade e virtude de cada um; para ensinar os ministros a consultarem o bem público; para recompensar méritos, grandes habilidades e serviços eminentes; para instruir príncipes a conhecer seu verdadeiro interesse, colocando-o na mesma posição do seu povo; para escolher para os cargos pessoas qualificadas para exercê-los. Além de muitas outras quimeras impossíveis e naturais, que nunca antes passaram pela cabeça de um homem [...]”. (p. 205). (Tradução nossa).

esses professores estavam totalmente fora de si e não poderiam criar algo que trouxesse melhorias para a política, afirmando que ao ver esses indivíduos, confirmou “[...] the old observation, “that there is nothing so extravagant and irrational, which some philosophers have not maintained for truth.””<sup>63</sup>(p. 205).

Nessa escola, Gulliver visita os seguintes projetos: projeto para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções, métodos para arrecadar dinheiro, proposta para manter os senadores sob o controle da coroa e instruções para descobrirem planos e conspirações contra o governo. Entre esses vários projetos, escolhemos o projeto para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções e as instruções para descobrirem planos e conspirações contra o governo como exemplos.

Percorrendo essa parte da academia, Gulliver conta que conheceu um doutor que não era tão excêntrico como os outros:

But however I shall so far do justice to this part of the Academy, as to acknowledge that all of them were so visionary. There was a most ingenious doctor, who seemed to be perfectly versed in the whole nature and system of government. This illustrious person had very usefully employed his studies, in finding out effectual remedies for all diseases and corruptions to which the several kinds of public administration are subject, by the vices or infirmities of those who govern, as well as by the licentiousness of those who are to obey. For instance: whereas all writers and reasoners have agreed, that there is a strict universal resemblance between the natural and the political body; can there be any thing more evident, than that the health of both must be preserved, and the diseases cured, by the same prescriptions? It is allowed, that senates and great councils are often troubled with redundant, ebullient, and other peccant humours; with many diseases of the head, and more of the heart; with strong convulsions, with grievous contractions of the nerves and sinews in both hands, but especially the right; with spleen, flatus, vertigos, and deliriums; with scrofulous tumours, full of foetid virulent matter; with sour frothy ructations: with canine appetites, and crudeness of digestion, besides many others, needless to mention. This doctor therefore proposed, “that upon the meeting of the senate, certain physicians should attend it the three first days of their sitting, and at the close of each day’s debate feel the pulses of every senator; after which, having maturely considered and consulted upon the nature of the several maladies, and the methods of cure, they should on the fourth day return to the senate house, attended by their apothecaries stored with proper medicines; and before the members sat, administer to each of them lenitives, aperitives, abstersives, corrosives,

---

<sup>63</sup> “o velho ditado, “que não há nada tão extravagante e irracional que alguns filósofos não tenham tido como verdade.”” (p 205). (Tradução nossa).

restringents, palliatives, laxatives, cephalalgics, icterics, apophlegmatics, acoustics, as their several cases required; and, according as these medicines should operate, repeat, alter, or omit them, at the next meeting.” (p. 205-6).<sup>64</sup>

Podemos perceber que as expressões “most ingenious” (“engenhosíssimo”) e “illustrious person” (“pessoa ilustre”) que qualificam o doutor estabelecem uma ironia satírica, pois este indivíduo, de acordo com Gulliver, apenas parecia ter conhecimento sobre a natureza e o sistema de governo. Ironicamente, ele não se diferencia em nada dos outros seus colegas desta escola, uma vez que seu projeto é tão visionário quanto os dos outros. Para enfatizar cada vez mais essa passagem, Gulliver demonstra acreditar nos efeitos que o método desse cientista bufão proporcionaria, fazendo o seguinte comentário:

This project could not be of any great expense to the public; and might in my poor opinion, be of much use for the despatch of business, in those countries where senates have any share in the legislative power; beget unanimity, shorten debates, open a few mouths which are now closed, and close many more which are now open; curb the petulance of the young, and correct the positiveness of the old; rouse the stupid, and damp the pert. (p. 206-7).<sup>65</sup>

---

<sup>64</sup> “No entanto, devo ser justo para com essa parte da Academia, pois nem todos eram tão visionários. Havia um doutor engenhosíssimo que parecia ser perfeitamente versado na própria natureza e arte de governar. Esta pessoa ilustre empregara com muita utilidade seus estudos para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções, aos quais diversos tipos de administração pública estão sujeitos por causa de vícios ou enfermidades daqueles que governam como também às licenciosidades daqueles que se supõem a obediência. Por exemplo: todos os escritores e pensadores concordam que há uma semelhança estrita e universal entre o corpo natural e o político; pode existir alguma coisa mais evidente do que a idéia de que a saúde de ambos deve ser preservada e as doenças curadas através das mesmas prescrições? Sabemos que senadores e grandes conselheiros são freqüentemente alterados por humores redundantes, ebulientes e por outras causas pecaminosas; com muitas doenças da cabeça e mais do coração; com grandes convulsões; com grandes contrações dos nervos e tendões em ambas as mãos, mas especialmente a direita: por melancolia, flatos, vertigens e delírios; com tumores escrofulosos cheios de matéria fétida e com pus; por azedas e espumosas eructações; por apetites caninos e crueza da digestão, além de muitas outras que não é preciso mencionar. Esse doutor, portanto, propôs que, na reunião do senado, certos médicos escolhidos deveriam estar presentes nos três primeiros dias de sessões no encerramento dos debates de cada dia e medir a pulsação de todos os senadores; depois de ter amadurecido suas considerações e consultado a natureza dos vários males e os métodos de cura, no quarto dia voltariam ao senado levando seus boticários com os remédios adequados e, antes que os membros se sentassem, administrariam a cada um deles lenitivos, aperitivos, abstergentes, corrosivos, restringentes, paliativos, laxativos, cefalálgicos, ictericos, apofleumáticos, acústicos, como os vários casos demandam, e de acordo como esses remédios deveriam agir, repetindo-os, alterando-os ou omitindo-os na reunião seguinte.” (p. 205-6). (Tradução nossa).

<sup>65</sup> “Este projeto não poderia custar muito caro para o público; e poderia em minha humilde opinião ser de grande utilidade para o despacho dos negócios naqueles países onde os senadores partilhassem o poder legislativo; chegaria à unanimidade, encurtaria debates, abriria algumas bocas que agora estão fechadas e fecharia muito mais aquelas que agora estão abertas; diminuiria a petulância dos

Dando continuidade à apresentação desse projeto, o doutor apresenta em detalhes como este deve ser implantado:

Again: because it is a general complaint, that the favourites of princes are troubled with short and weak memories; the same doctor proposed, that whoever attended a first minister, after having told his business, with the utmost brevity and in the plainest words, should, at his departure, give the said minister a tweak by the nose, or kick in the belly, or tread on his corns, or lug him thrice by both ears, or run a pin into his breech; or pinch his arm black and blue, to prevent forgetfulness; and at every levee day, repeat the same operation, till the business were done, or absolutely refused.

He likewise directed, that every senator in the great council of a nation, after he had delivered his opinion, and argued in the defence of it, should be obliged to give his vote directly contrary, because if that were done, the result would infallibly terminate in the good of the public.

When parties in a state are violent, he offered a wonderful contrivance to reconcile them. The method is this: You take a hundred leaders of each party; you dispose them into couples of such whose heads are nearest of a size; then let two nice operators saw off the occiput of each couple at the same time, in such a manner that the brain may be equally divided. Let the occiputs, thus cut off, be interchanged, applying each to the head of opposite party-man. It seems indeed to be a work that requires some exactness, but the professor assured us, that if it were dexterously performed, the cure would be infallible. For he argued thus: “that the two half brains being left to debate the matter between themselves within the space of one skull, would soon come to a good understanding, and produce that moderation, as well as regularity of thinking, so much to be wished for in the heads of those, who imagine they come into the world only to watch and govern its motion: and as to the difference of brains, in quantity or quality, among those who are directors in faction, the doctor assured us, from his own knowledge, that it was a perfect trifle. (p. 207-8).<sup>66</sup>

---

jovens e corrigiria a positividade dos velhos; despertaria os estúpidos e desanimaria os impertinentes.” (p. 206-7). (Tradução nossa).

<sup>66</sup> “Mais ainda: porque há uma reclamação geral de que os favoritos dos príncipes têm memória curta e fraca; o mesmo doutor propôs que qualquer pessoa que visitasse um primeiro-ministro, depois de ter falado sobre seu negócio com a maior brevidade e com as palavras mais claras, deveria, na sua despedida, dar uma torção no nariz do dito ministro, ou dar-lhe um chute na barriga, ou pisar em seus calos, puxar três vezes suas orelhas, ou beliscar seu braço até ficar azul, para evitar esquecimento; e, todos os dias, repetir a mesma operação até o negócio ser aceito ou totalmente recusado.

Da mesma forma, instruía que todo senador do grande conselho do senado de uma nação, depois de ter apresentado sua opinião e argumentado em sua defesa, deveria ser obrigado a se voltar contra ela, porque se isso fosse feito, o resultado infalivelmente seria para o bem público.

Quando os partidos políticos eram violentos, ele ofertava um maravilhoso invento para reconciliá-los. O método é esse: pega-se cem líderes de cada partido; dispõe-se ao pares de modo que aqueles cujas cabeças são quase do mesmo tamanho fiquem juntos; então, deixamos que dois bons cirurgiões serrem os occipitais de cada par ao mesmo tempo, de tal modo que os cérebros sejam igualmente divididos. Deixa-se então os occipitais serrados interagirem, aplicando cada um à cabeça

Podemos logo perceber que esse doutor não se comporta como um cientista do mundo oficial, pois ele propõe métodos que jamais os políticos europeus poderiam aceitar sem colocar suas vidas em perigo, já que as garantias dos pseudocientistas não eram confiáveis. Além disso, como cientista ele precisaria de fundos para financiar sua pesquisa e não seria fácil consegui-lo indo contra os políticos. Contudo, nesse mundo carnavalesco tudo seria possível e qualquer um poderia sofrer as conseqüências dessas invenções e idéias burlescas. Os políticos não poderiam nem sequer se opor à implantação desse projeto, já que o rei de *Balnibarbi* era o rei dos cientistas bufões e com certeza apoiaria qualquer invenção por mais aberrante que fosse.

Um outro professor dessa escola carnavalizada faz uma exposição de seus métodos para descobrir tramóias contra o governo de uma maneira que exporia os suspeitos completamente a uma situação absurda:

Another professor showed me a large paper of instruction for discovering plots and conspiracies against the government. He advised great statesmen to examine into the diet of all suspected persons; their times of eating; upon which side they lay in bed; with which hand they wipe their posteriors; take a strict view of their excrements, and, from the colour, the odour, the taste, the consistence, the crudeness of maturity of digestion, form a judgment of their thoughts and designs; because men are never so serious, thoughtful, and intent, as when they are at stool, which he found by frequent experiment; for, in such conjunctures, when he used, merely as a trial, to consider which was the best way of murdering the king, his ordure would have a tincture of green; but quite different, when he thought only of raising an insurrection, or burning the metropolis.

The whole discourse was written with great acuteness, containing many observations both curious and useful for politicians, but as I conceived not altogether complete. This I ventured to tell the author, and offered, if he pleased, to supply him with some additions. He received my proposition with more compliance than is usual among

---

do adversário de partido. Realmente, parece ser um trabalho que exige alguma exatidão, mas o professor nos assegurou que, se for executado com habilidade, a cura é infalível. Pois ele afirmava que, se as duas metades do cérebro discutissem sozinhas o assunto no espaço de um crânio só, poderiam logo chegar a um bom entendimento e produziram aquela moderação como também uma regularidade no pensar, tão desejáveis na cabeça dos que imaginam ter vindo ao mundo apenas para vigiar e governar os movimentos; e, no que diz respeito à diferença de cérebros, em quantidade e qualidade, entre aqueles que são dirigentes de facção, o doutor nos assegurou que, de acordo com seus conhecimentos, era absolutamente insignificante.” (p. 206-7). (Tradução nossa).

writers, especially those of the projecting species, professing he would be glad to receive further information.

I told him, that in the kingdom of Tribnia, by natives called Langdon, where I had sojourned some time in my travels, the bulk of the people consist in a manner wholly of discoverers, witnesses, informers, accusers, prosecutors, evidences, swearers, together with their several subservient and subaltern instruments, all under the colours, the conduct, and the pay of ministers of state, and their deputies. The plots, in that kingdom, are usually the workmanship of those persons who desire to raise their own characters of profound politicians; to restore new vigour to crazy administration; to stifle or divert general discontents; to fill their coffers with forfeitures; and raise, or sink the opinion of public credit, as either shall best answer their private advantage. It is first agreed and settled among them, what suspected persons shall be accused of a plot; then, effectual care is taken to secure all their letters and papers, and put the owners in chains. These papers are delivered to a set of artists, very dexterous in finding out the mysterious meanings of words, syllables, and letters: for instance, they can discover a close stool, to signify a privy council; a flock of geese, a senate; a lame dog, an invader; a codshead, a \_\_\_; the plague, a standing army; a buzzard, a prime minister; the gout, a high priest; a gibbet, a secretary of state; a chamber pot, a committee of grandees; a sieve, a court lady; a broom, a revolution; a mouse-trap, an employment, a bottomless pit, a treasury; a sink, a court; a cap and bells, a favourite; a broken reed, a court of justice; an empty tun, a general; a running sore, the administration.

When this method fails, they have two others more effectual, which the learned among call acrostics and anagrams. First, they can decipher all initial letters into political meanings. Thus *N*, shall signify a plot; *B*, a regiment of horse; *L*, a fleet at sea; or secondly by transposing the letters of the alphabet in any suspected paper, they can discover the deepest designs of a discontented party. So, for example, if I should say, in a letter to a friend, *Our brother Tom has just got the piles*, a skilful decipherer would discover, that same letters which compose that sentence, may be analysed into the following words, *Resist, a plot is brought home: The tour*. And this is the anagrammatic method.

The professor made me great acknowledgments for communicating these observations, and promised to make honourable mention of me in his treatise. (p. 209-11).<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> “Um outro professor mostrou-me um grande documento contendo instruções para descobrirem tramas e conspirações contra o governo. Ele aconselhava aos grandes estadistas a examinarem a dieta de todos os indivíduos suspeitos; seus horários de alimentação; o lado em que se deitavam na cama; com que mão limpavam o traseiro; que estudassem de forma pormenorizada os excrementos, pois a partir da cor, cheiro, gosto, consistência e crueza de maturidade da digestão, formava-se um julgamento de seus pensamentos e planos; uma vez que os homens nunca se mostram mais sérios, reflexivos e compenetrados do que quando estão em cima da privada, o que ele descobriu mediante freqüentes experimentos; pois nessas circunstâncias, quando costumava, somente por experiência, pensar na melhor maneira de assassinar um rei, os excrementos poderiam sair com uma cor esverdeada, mas um tanto diferente, quando somente pensava em criar uma insurreição e pôr fogo nas metrópoles.

O discurso completo era escrito com grande acuidade, contendo muitas observações, curiosas e úteis para políticos; mas, como eu imaginei, incompleto no geral. Isso eu me aventurei a dizer ao autor, me ofereci, se o agradasse, a fornecer-lhe algumas informações adicionais. Ele recebeu minhas

Qualquer suspeito de conspiração contra o governo sofreria, quando da utilização desse método, uma série de maus tratos e seus hábitos alimentares, bem como a maneira como dormia e defecava seriam investigados grotescamente, pois as provas de sua traição seriam ridiculamente obtidas através do exame, principalmente, de seus excrementos e da maneira como se comportava no vaso sanitário. Esse método, sendo imposto dessa maneira, levaria qualquer pessoa tida como suspeita a ser condenada só porque suas fezes tinham tal coloração, odor, gosto e consistência.

A exposição completa desse assunto por esse professor bufão era ironicamente “[...] written with great acuteness, containing many observations, both curious and useful for politicians; but, as I conceived, not altogether complete.”<sup>68</sup> (p. 209). Essa incompletude se dá em virtude de no mundo carnavalesco tudo estar em

---

propostas com mais complacência do que é comum entre os escritores, especialmente entre os da espécie dos projetadores; declarando que ficaria agradecido em receber mais informações.

Contei-lhe que no reino da Tríbia, chamado pelos nativos de Langen, onde fiquei algum tempo durante a minha viagem, a maior parte do povo consiste de certa maneira de espíões, testemunhas, informantes, acusadores, promotores, juradores, com os seus vários instrumentos subalternos e subservientes, e todos por baixo das cores, do comportamento e do pagamento dos ministros e seus deputados. As conspirações, nesse reino, são geralmente obras dessas pessoas que desejam aumentar o próprio carácter de político profundo; reestabelecer novo vigor para uma administração louca; sufocar ou divertir descontentamentos gerais; abarrotar os cofres através de confiscos; e elevar ou abafar a opinião de crédito público, de acordo com a conveniência dos seus interesses particulares. Primeiro entre eles entram-se em acordo e determinam que pessoas suspeitas devem ser acusadas de uma conspiração; então, cuidado especial é tomado para obter todos seus documentos e cartas e põem os donos a ferro. Esses documentos são entregues a um grupo de artistas que são muito hábeis em descobrir o significado misterioso das palavras, sílabas e letras: por exemplo, eles podem descobrir que latrina significa um conselho privado; rebanho de gansos, um senado; cachorro manco, um invasor; um beócio, um (a) \_\_\_; a peste, um exército regular; um urubu, primeiro ministro; a gota, um sumo sacerdote; um patíbulo, um secretário de estado; um urinol, uma comissão de fidalgos; uma peneira, uma dama do paço; uma vassoura, uma revolução; uma ratoeira, um empregado; um poço sem fundo, um tesouro; uma pia, uma corte; um barrete de bobo, um favorito; uma gaita quebrada, um tribunal de justiça; um tonel vazio, um general; uma ferida supurada, a administração.

Quando esse método falha, eles têm outros dois mais eficientes, que os eruditos chamam acrósticos e anagramas. Em primeiro lugar, eles são capazes de decifrar o significado político de todas as iniciais. Sendo assim, *N* pode significar uma conspiração; *B*, um regimento de cavalaria; *L*, uma esquadra no mar; ou em segundo lugar, através da transposição das letras do alfabeto em qualquer documento suspeito, eles podem descobrir os planos mais detalhados de um partido descontente. Então, se, por exemplo, eu escrevesse uma carta para um amigo, *Nosso Irmão Tom acaba de receber as estacas*, um decifrador habilidoso descobriria que as mesmas letras que compõem essa frase podem formar as seguintes palavras, *Resista, uma conspiração ira ocorrer: A viagem*. E esse é o método anagramático.

O professor me agradeceu muitíssimo por eu ter feito essas observações e prometeu fazer uma honrosa menção a meu respeito em seu tratado.” (p. 209-11). (Tradução nossa).

<sup>68</sup> “[...] escrito com grande acuidade, contendo muitas observações, curiosas e úteis para políticos; mas, como imaginei, incompleto no geral.” (p. 209). (Tradução nossa).

constante mudança (BAKHTIN, 2002). Estando nesse mundo guiado por uma cosmovisão carnavalesca, Gulliver sente-se à vontade para interagir com esses cientistas bufões. Essa interação de igual para igual com o professor bufão parte da categoria carnavalesca chamada por Bakhtin de livre contato familiar. Essa conversa, dessa forma, não existiria no mundo oficial já que Gulliver não é um cientista, mas sim um representante do povo bastante ingênuo nessa parte da obra. Dessa maneira, ele diz “He received my proposition with more compliance than is usual among writers, especially those of the projecting species, professing, he would be glad to receive further information [...]”.<sup>69</sup> (p. 209-10).

O reino descrito por Gulliver, nessa passagem, é na verdade uma alegoria à Inglaterra, uma vez que a palavra Tribnia é anagrama de Britain e Langden de England. Assim sendo, ele apresenta a Inglaterra como um país cujos políticos estão constantemente tramando para conseguir meios para roubarem cada vez mais, não importando as formas utilizadas. Eles acusam as pessoas simplesmente para tomarem seus bens através de acusações mirabolantes que são ironicamente confirmadas por artistas bufões através de interpretações burlescas.

#### 3.4.2.1. Por Cláudia Lopes

Em *Viagens de Gulliver*, de Lopes, não são traduzidos todos os projetos, uma vez que essa obra, como já explicado anteriormente, sendo destinada ao público infanto-juvenil, é condensada. Sendo assim, a academia de *Lagado* não é descrita nos capítulos cinco e seis como no original, mas na segunda metade do capítulo quatro, que tem como título *A ameaça dos projetos absurdos*.

A academia de *Lagado* é chamada nessa obra de Academia de Projetos. Antes da apresentação dos projetos, Lopes, na sua tradução, deixa bem claro que toda a *Balnibarbi*, com exceção das propriedades de Munodi, se encontra em total miséria devido à falta de aperfeiçoamento dos projetos. Gulliver não entende o motivo daquele povo tão trabalhador passar fome numa terra tão fértil. Ele apenas compreende quando visita essa academia truanesca: “Durante vários dias visitei os prédios em que os estudiosos trabalhavam. Eram mais de 500 salas, onde

---

<sup>69</sup> “Ele recebeu minhas propostas com mais complacência do que é comum entre os escritores, especialmente entre os da espécie dos projetadores, declarando que ficaria agradecido em receber mais informações.” (p. 209-10). (Tradução nossa).

incontáveis pessoas pesquisavam. Imediatamente entendi a escassez de comida...” (p.93).

Os projetos desses cientistas bufões, nas mais diversas áreas do conhecimento humano, apenas arruinavam aqueles que os implantavam na prática. Tal fato é explorado ainda mais na ficha de leitura (ANEXO A), chamando a atenção dos possíveis leitores dessa obra para o porquê desses pseudocientistas levarem avante essas pesquisas truanescas com a seguinte questão: “Qual a razão de os projetos pesquisados na Academia de Lagado nunca darem certo?”.

A tradutora reconstrói os seguintes projetos que conhecemos atualmente como ciências exatas, tais como os relacionados à Química e Física: projeto para arar a terra fazendo uso de porcos, projetos para construir casas como as abelhas e aranhas, projeto para as aranhas fazerem seda e os vários projetos. Entre esses projetos, analisamos apenas os que foram analisados no item anterior, ou seja, o projeto para arar a terra fazendo uso de porcos e os vários projetos para melhorar a vida humana.

Durante a tradução do projeto para arar a terra fazendo uso de porcos, a tradutora faz algumas adaptações, procurando adequar a obra ao público infanto-juvenil brasileiro:

O projeto para o cultivo da terra seguia uma estranha técnica: o solo deveria ser lavrado com a ajuda de porcos, para economizar os gastos feitos com arados, gado e mão-de-obra. O método era o seguinte: enterravam-se, a espaços regulares, castanhas, amêndoas e outras guloseimas que esses animais adoram. Depois, soltavam-se uns 600 porcos pelo campo de maneira que, ao procurarem o alimento, escavassem todo o solo, deixando-o pronto para a semeadura. É claro que, durante a experiência, descobriram que o custo e o trabalho eram bem maiores e a colheita, quase nula. Mas resolveram insistir na substituição do velho método por outro novo. E, enquanto pesquisavam, o povo quase morria de fome. (p. 93).

Lopes traduz todo o projeto seguindo apenas a seqüência narrativa do texto de partida, mas fazendo muitas alterações nas sentenças, eliminando as referências a elementos escatológicos e acrescentando algumas sentenças. Em sua tradução, os porcos não deixam o terreno adubado com seus dejetos, nem há a possibilidade de evolução desse projeto bufa. Por outro lado, há uma ênfase no sofrimento das pessoas, enquanto esse projeto truanesco é implementado. Além

disso, a tradutora não apresenta “a quantity of acorn”<sup>70</sup> (p. 197), visto que no Brasil esse tipo fruto não é comumente consumido e substitui “dates” (“tâmaras”) por “amêndoas” provavelmente pelo mesmo motivo. Já as palavras “other mast or vegetables”<sup>71</sup> (p. 197) são substituídas por “guloseimas”, uma vez que essa palavra se adapta melhor ao seu público-alvo.

Para finalizar a apresentação dos projetos da primeira parte da academia que Gulliver visita e não encompridar muito a sua narrativa, a tradutora reúne vários projetos que no texto de partida são descritos em vários parágrafos, como podemos observar abaixo:

Cheguei a ver um dos sábios tentando transformar o gelo em pólvora e um outro procurando extrair raios solares de pepinos, além de presenciar muitas outras experiências bastante extravagantes. Encontrei um grupo, comandado por um grande artista, que pretendia amolecer o mármore para fazer travesseiros. E um outro que estava inventando uma composição de minerais e vegetais que, dada às ovelhas, faria com que gerassem carneirinhos pelados. A finalidade da experiência era a propagação de uma raça de ovelhas sem lã. (p. 94).

Na passagem acima, podemos perceber que Lopes reúne dois projetos apresentados por Gulliver na academia de Lagado e depois acrescenta alguns dos vários projetos para melhorar a vida humana. Os projetos que primeiramente são apresentados nesse trecho são o primeiro (projeto para extrair raios do sol) e terceiro (projeto para calcinar gelo e transformá-lo em pólvora) na ordem de apresentação do texto de partida, a tradutora não cita o segundo projeto (projeto para transformar dejetos humanos em comida) talvez porque este é composto por palavras que se referem à escatologia, tais como “filth” (“imundície”) e “excrement” (“excremento”), sendo, por conseguinte, importante salientar que especificamente nessa tradução Gulliver afirma que presenciou “muitas outras experiências bastante extravagantes” (p. 94). Depois ela descreve os vários projetos para melhorar a vida humana, deixando de expor em sua tradução os projetos para condensar o ar, petrificar cascos de um cavalo vivo e semear a terra com restos de cereais.

Após apresentar os projetos relacionados atualmente às ciências exatas, Lopes passa a traduzir, semelhantemente ao texto de partida, os projetos

---

<sup>70</sup> “uma quantidade de bolotas de carvalho”. (p.197). (Tradução nossa).

<sup>71</sup> “outros frutos secos ou vegetais”. (p. 197). (Tradução nossa).

concernentes aos estudos especulativos avançados. Ela traduz apenas os projetos para melhorar a comunicação e o projeto para memorizar proposições matemáticas. Iremos apenas analisar o projeto para memorizar proposições matemáticas de acordo com a escolha que fizemos no item anterior.

A tradutora reconstrói o projeto para memorizar proposições matemáticas fazendo adaptações para o seu público-alvo. Além disso, ela não o descreve de forma tão esmiuçada como no texto de partida, como podemos observar abaixo:

Quanto ao ensino da matemática, descobriram que, se o aluno engolisse um bolinho feito com tintura cefálica, em que estivesse escrito, por exemplo, um teorema, e não comesse outra coisa durante três dias, a tintura subiria a seu cérebro, levando junto o teorema.

– Mas, infelizmente, este projeto não está tendo muito sucesso – contou-me triste o químico-matemático-cozinheiro. – A teimosia das crianças é um absurdo. Recusam-se a engolir o bolo e, quando as obrigamos, estragam todo o processo, porque não querem fazer o jejum de três dias. Assim é impossível! (p. 96).

No trecho acima, a tradutora enfatiza a dieta da proposição matemática escrita com tintura cefálica, pois, no texto fonte, os estudantes podiam comê-la a pão e água. Além disso, no texto origem, os estudantes não são especificados como sendo crianças, nem o matemático é apresentado como químico e cozinheiro, como também os estudantes não se recusam a engolir os bolinhos, mas sim os estudantes não respeitam os três dias de dieta por não acreditarem na eficácia desse método truanesco.

#### **3.4.2.2 Por Therezinha Monteiro Deutsch**

Em *As Viagens de Gulliver*, de Deutsch, são traduzidos os vários projetos da academia de *Lagado* que estão em *Gulliver's Travels* na mesma seqüência narrativa e nos mesmos capítulos, como podemos observar na nossa análise, levando-se em conta as escolhas feitas pela tradutora no momento da tradução desta ironia.

Nessa versão, a visita de Gulliver a academia de *Lagado* inicia-se, como no texto de partida, no capítulo cinco. A tradutora inclusive apresenta a descrição

deste capítulo, buscando conservar todas as sentenças e mantendo toda descrição em itálico: “*Ao autor é permitido conhecer a grande academia de Lagado. A academia é largamente descrita. As artes das quais os professores se ocupam.*”<sup>72</sup> (p. 223). Podemos claramente perceber que no texto de chegada somente a palavra “*Lagado*” se mantém com a primeira letra maiúscula, mas no texto de partida toda ela se encontra destacada em caixa alta e sem ser em itálico, sendo, por conseguinte, a palavra que se encontra em maior destaque. Assim sendo, na tradução, essa academia passa a ser desvalorizada, pois no texto de partida além dela estar em destaque o adjetivo “*Grand*” (“*grande*”) que a qualifica, as palavras “*Academy*” (“*academia*”) e “*Art*” (“*artes*”) começam com letras maiúsculas. Talvez esse recurso seja utilizado para dar mais autoridade e importância científica a essa academia grotesca. Dessa forma, ao não destacar essas palavras Deutsch passa a expressar um desprestígio para com essa “academia” composta de indivíduos excêntricos. No texto de partida, também há uma valorização do nome “diretor” (“*Warden*”) que começa também com letra maiúscula. Toda essa estratégia de destacar estes nomes, no texto fonte, parece ser utilizada à maneira dos romances de viagens da época, para que os leitores sejam levados a entender que tudo o que está contido na obra seja a mais absoluta verdade. No entanto, o grotesco apresentado nos projetos leva os leitores a perceberem que a unidade da obra se encontra no teor de sua sátira que é constituída através da ironia.

Passaremos a seguir a analisar a ironia acerca do cientificismo iluminista no decorrer da tradução dos projetos realizados nesta academia carnalizada a partir dos exemplos que analisamos no texto de partida. Assim sendo, investigamos, na seqüência que se segue, os projetos relacionados às ciências exatas (projeto para arar a terra fazendo uso de porcos e vários projetos para melhorar a vida humana), aos estudos especulativos avançados (projeto para produzir um tratado completo de todas as ciências e projetos para memorizar proposições matemáticas) e aos estudos políticos na escola de projetadores políticos (projeto para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções e as instruções para descobrirem planos e conspirações contra o governo.).

A tradutora descreve o projeto para arar a terra usando porcos seguindo a seqüência narrativa que se encontra no texto de partida:

---

<sup>72</sup> No texto de partida temos: “*The Author permitted to see the Grand Academy of LAGADO. The Academy largely described. The Arts wherein the professors employ themselves*”. (p. 196).

Em outra sala fiquei maravilhado com um Projetador que inventara um modo de arar a terra por meio de porcos, de forma a economizar o trabalho com arados, gado e trabalhadores. O método era o seguinte: em um acre de terreno você enterra, a cada dezoito centímetros de distância e vinte e três de profundidade, uma quantidade de bolotas de carvalho, tâmaras, amêndoas e outros frutos secos ou vegetais que esses animais adoram; então, você leva seiscentos ou mais porcos para o terreno e em alguns dias eles terão revolvido toda a terra à procura da comida, deixando-a pronta para plantar e, ao mesmo tempo, adubando-a com seus dejetos. É verdade que durante a experiência foi verificado que o custo e trabalho desse método eram imensos e que a colheita era muito pequena, quando havia. No entanto, não há dúvidas quanto á possibilidade de evolução desta invenção. (p.225).

No excerto acima, as recriações da tradutora se encontram nos elementos microtextuais. Dessa forma, “pleased” é traduzido por “maravilhado” ao invés de “satisfeito, contente” (MICHAELIS, 2003, p. 248) e “labour” por “trabalhadores” ao invés de “trabalho, mão-de-obra” (MICHAELIS, 2003, p. 198) e “they had little or no crop” por “a colheita era muito pequena, quando havia” em vez de uma tradução com uma sintaxe mais aproximada do texto de partida como “eles tinham pouca ou nenhuma colheita”. Além disso, “six inches” é recriado por “dezoito centímetros” e “eight” por “vinte e três”, ou seja, já que a polegada não é usada em nosso país como medida, a tradutora transforma as polegadas em centímetros através de um cálculo mental aproximado, uma vez que seis polegadas equivalem a quinze ponto vinte e quatro centímetros e oito polegadas é igual a vinte ponto trinta e dois centímetros. Diante do exposto, podemos afirmar que Deutsch traduz essa passagem buscando adequar a linguagem a seu público-alvo e sem se preocupar em manter a estrutura lexical e sintática do texto de partida, pois ela só faz uso das palavras cognatas quando é apropriado e não segue modelos sintáticos do texto de partida provavelmente para não causar estranhamento ao seu leitor.

Na tradução dos vários projetos para melhorar a vida humana, como podemos observar na passagem abaixo, a tradutora reescreve as palavras que fundamentam a ironia acerca do cientificismo iluminista nessa obra:

Tinha visto apenas um lado da academia, já que o outro era adequado ao curso avançado de estudos especulativos, dos quais falarei mais tarde, depois de mencionar uma ilustre pessoa, que é chamada entre eles de o *artista universal*.

Ele nos disse que estava há trinta anos empregando seus pensamentos para a melhoria da vida humana. Tinha duas grandes salas cheias de maravilhosas curiosidades e cinquenta homens trabalhando. Alguns condensavam o ar em uma substância seca e tangível, extraindo o nitro e coando as partículas aquosas ou fluidas; um grupo suavizava o mármore para fazer travesseiros e almofadas; outro petrificava os cascos de um cavalo vivo para torná-lo mais resistente. No momento, o artista em si estava ocupado com dois grandes projetos: o primeiro, semear a terra com alimpadura que, afirmava ele, era onde estava a virtude seminal verdadeira, como demonstrara através de vários experimentos, os quais eu não era instruído e culto o bastante para compreender. O outro era impedir o crescimento de lã em dois jovens carneiros através de uma certa composição de gomas, minerais e vegetais conhecidos. Ele esperava que em pouco tempo estivesse propagada a criação de ovelhas nuas por todo o reino. (p. 227).

As palavras “ilustre” e “maravilhosas” (no texto de partida “illustrious” e “wonderful”) que qualificam ironicamente o cientista bufão e os objetos que estavam em sua sala são traduzidas nessa passagem como partes do dito que implicitamente sinalizam para o não-dito e criam, dessa maneira, o efeito irônico.

Deutsch descreve o projeto para produzir um tratado completo de todas as ciências e artes com seu instrumento como está no texto de partida, mas faz algumas adaptações necessárias para que a tradução esteja em consonância com a linguagem utilizada no Brasil:

O primeiro professor que vi lecionava numa sala imensa para quarenta discípulos. Depois dos cumprimentos, percebendo que eu olhava um quadro que ocupava a maior parte tanto no comprimento quanto largura da sala, ele disse que talvez eu ficasse admirado de vê-lo empregado em um projeto para desenvolver o conhecimento especulativo através de operações práticas e mecânicas, mas logo o mundo perceberia a utilidade desse projeto. Mostrava-se orgulhoso por um pensamento tão nobre quanto esse jamais ter ocorrido a outro homem. Todos sabem como é custoso o método usual de ligar artes e ciências, ao passo que com o método dele a pessoa mais ignorante, por um preço razoável e com pouco esforço corpóreo, poderia escrever livros de filosofia, poesia, política, leis, matemática e teologia sem a menor assistência de um gênio ou necessidade de estudo. Então, ele me levou até o quadro, de cujos lados os estudantes encontravam-se de pé, em fileiras. O quadro tinha sessenta metros quadrados e estava colocado no meio da sala. Sua superfície era composta de muitos pedaços de madeira, com formato de um dado, alguns maiores do que os outros. Estavam todos ligados por fios finos. Esses pedacinhos de madeira tinham um papel colado em cada uma de suas faces e nesses papéis estavam escritas, em ordem, todas as palavras da língua deles. O professor, então, pediu-me que eu observasse, pois ia fazer o

engelho funcionar. Ao seu comando, os alunos seguraram manivelas de metal, das quais havia quarenta fixadas nas beiradas laterais do quadro; quando elas eram giradas subitamente, toda a disposição das palavras era alterada por completo. A seguir, ele comandou que trinta e seis dos jovens lessem várias linhas suavemente à medida que apareciam no quadro; no caso de haver três ou quatro palavras juntas que podiam fazer parte de uma sentença, eles a ditavam para os quatro estudantes restantes, que eram os escribas. Este trabalho foi repetido três ou quatro vezes e a cada volta do engenho as palavras se ajeitavam em nova ordem, à medida que os pedaços de madeira eram movimentados.

Por seis horas, todos os dias, os jovens estudantes realizavam este trabalho, e o professor mostrou-me vários volumes grandes já preenchidos com sentenças quebradas, que pretendia juntar. Desse rico material ele daria ao mundo um tratado completo de todas as artes e ciências, que, no entanto, ainda poderia ser melhorado e muito mais depressa se o público reunisse um fundo para que fossem feitos e usados quinhentos daqueles quadros em *Lagado*, obrigando-se os administradores a contribuírem em comum com suas várias arrecadações e cobranças.

Ele garantiu-me que essa invenção utilizara todos os seus pensamentos, desde a juventude; que inserira o vocabulário completo naquele quadro e fizera o mais estrito cálculo da proporção geral que existia nos livros entre as quantidades de partículas, substantivos, verbos e outros termos da fala.

Dediquei meus modestos elogios a esta ilustre pessoa por sua grande capacidade de comunicação e prometi que se tivesse a felicidade de conseguir retornar ao meu país nativo faria justiça a ele, como o único inventor daquela maravilhosa máquina, cuja forma desenhei no papel obtendo a figura anexa. Disse-lhe que como havia o costume, entre nós, na Europa, de uns roubar as invenções dos outros, sempre se tornava muito difícil determinar quem era o inventor verdadeiro, mas eu teria o cuidado de fazer com que ele recebesse toda a honra, sem rival. (p. 227-8).

A tradutora deixa de observar algumas partes que não acometem o sentido geral dessa passagem. Em sua tradução, os pedaços de madeira apenas se movimentavam, ou seja, ela não descreve o modo como eles se movimentavam (“upside down” (“ao contrário”)) e não diz que os grandes volumes estavam escritos em grandes fólhos (“in large folio”). Além disso, ela recria “in common their several collection” por “em comum com suas várias arrecadações e cobranças”, ao invés de “em comum com suas várias coletas”. Em outras palavras, a tradutora enfatiza a contribuição que os administradores têm de fazer para a realização desse projeto em toda *Lagado*. No texto de partida, as palavras não são organizadas como aqui numa ordem que a tradutora não especifica, mas sem nenhuma ordem “in their

several moods, tenses, and declensions; but without any order”<sup>73</sup> (p. 200). Além disso, na passagem traduzida acima, as medidas são descritas em “metros quadrados”, medida usada em nosso país e não em pés quadrados (“feet square”).

Os termos que são usados na criação da ironia são também observados nesse texto de chegada. Dessa forma, “ilustre pessoa”, “maravilhosa máquina”, “modestos elogios”, “grande capacidade de comunicação”, “inventor verdadeiro” e “toda a honra” (no texto fonte “illustrious person”, “wonderful machine”, “humblest acknowledgment”, “great communicativeness”, “right owner” e “honour entire”) levam o leitor implicitamente ao não-dito que forma juntamente com o que está claramente dito, a ironia.

Durante a tradução do projeto para memorizar proposições matemáticas, a tradutora apresenta todas as partes que estão no texto fonte com suas várias particularidades como podemos observar no excerto abaixo:

Eu estava na escola de matemática, onde o mestre ensinava seus pupilos com um método escassamente imaginável para nós na Europa. A proposição e demonstração eram escritas numa fina hóstia com tinta composta por tintura cefálica. O estudante engolia essa hóstia de estomago vazio e durante três dias a seguir nada ingeria a não ser pão e água. Quando a hóstia era digerida, a tintura subia para o cérebro dele, levando a proposição até lá. Mas o sucesso desse método ainda não fora comprovado, em parte por causa de algum erro quantum ou composição, em parte por causa dos estudantes para os quais tal alimento era tão nauseante que geralmente o colocavam para fora antes de a operação terminar; além disso, eles ainda não se tinham convencido a respeitar a longa abstinência que a prescrição requeria. (p. 230-1).

Deutsch faz uso de palavras cognatas para traduzir partes desse trecho que é de fundamental importância para a manifestação da ironia swiftiana tais como “um método escassamente imaginável” (no texto fonte “method scarce imaginable”) e mantém a palavra “quantum” da forma como está no texto fonte. No entanto, ela não traduz a palavra “perverseness” (“perversidade”) juntamente com o restante do período, alterando, sobremaneira, o sentido do texto de partida. Ou seja, no texto de partida os estudantes, de acordo com o narrador, perversamente fingem que engoliam a hóstia. Apesar disso, o teor irônico é mantido, pois os estudantes não são convencidos da eficácia desse método que é inconcebível no mundo oficial.

---

<sup>73</sup> “em seus vários modos, tempos e declinações, mas sem nenhuma ordem”. (p. 200). (Tradução nossa).

A descrição da aparência dos projetadores da escola de projetadores políticos é realizada seguindo-se a seqüência narrativa descrita no texto fonte como podemos atestar na análise do fragmento abaixo:

[...] eu realmente me senti muito mal; os professores pareceram-me completamente fora de si, e esta é uma constatação que sempre me faz ficar melancólico. Aquelas infelizes pessoas propunham esquemas para persuadir monarcas a escolher favoritos a partir de uma avaliação de sabedoria, capacidade e virtude; para ensinar os ministros a consultar a vontade pública; para recompensar méritos, grandes habilidades e bons serviços prestados; para instruir príncipes na maneira de conhecer seu verdadeiro interesse, colocando-o no mesmo nível de base do seu povo; para escolher as pessoas qualificadas na execução de determinados trabalhos. Isso e muitas outras quimeras impossíveis, que nunca antes apareceram na mente de um homem [...] (p. 231-2).

Logo no início dessa passagem, o personagem-narrador afirma explicitamente que se sentiu muito mal nessa escola. Lendo o texto de partida, percebemos que Gulliver não se sente muito bem quando entra nesse ambiente ao se depreender com o estado dos projetadores, pois ele afirma que estava mal entretido (“I was but ill entertained”<sup>74</sup> (p. 230)). Assim sendo, a situação em que Gulliver se encontra é muito mais estarecedora nessa tradução do que no texto fonte.

No restante desse trecho, as passagens que compõe o dito no texto fonte são todas traduzidas, ou seja, as pretensões absurdas desses pseudocientista que não ocorrem no mundo oficial, tais como persuadir os monarcas a escolher as pessoas bem habilitadas para seu governo e igualar os interesses dos príncipes ao do povo.

Deutsch apresenta o projeto para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções seguindo a seqüência narrativa e as expressões que formam a ironia no texto fonte:

Devo, no entanto, ser justo para com esta parte da academia, reconhecendo que nem todos eram assim tão visionários. Havia um doutor muito engenhoso que parecia ser versado sobre a perfeição na própria natureza e sistema de governo. Esta pessoa ilustre empregara de forma muito útil seus estudos para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções, aos quais vários tipos de administração pública estão sujeitos, devido aos vícios e doenças

---

<sup>74</sup> “Eu tive um momento ruim”. (p. 230). (Tradução nossa).

daqueles que governam, assim como às licenciosidades daqueles que devem obedecer.

Por exemplo: naquilo em que todos os escritores e raciocinadores concordam, ou seja, que há uma semelhança estrita e universal entre o corpo natural e o político, donde, portanto, pode haver algo mais evidente do que saber que a saúde de ambos deve ser mantida e que as doenças devem ser curadas segundo as mesmas prescrições? É aceito que senadores e grandes conselhos são costumeiramente perturbados por humores redundantes, ebulientes e por outros motivos pecaminosos; pelas muitas doenças da cabeça e ainda pelas do coração; tendões de ambas as mãos, especialmente a direita: por melancolia, flatos, vertigens e delírios; por tumores escrofulosos cheios de matéria fétida e purulenta; por azedas e espumantes eructações; por apetites caninos e crueza da digestão, além de muitas outras que não precisam ser mencionadas. Esse doutor, então, propôs que, durante cada reunião de um senado, médicos escolhidos deveriam comparecer nos três primeiros dias de sessões no momento do encerramento dos debates de cada dia e medir a pulsação de cada um dos senadores; depois de considerações maduras, consultas sobre a natureza de várias doenças e os métodos de cura, deveriam no quarto dia voltar à câmara do senado levando para todos os participantes os remédios adequados aos seus males, e, antes que os membros se sentassem, administrariam a cada um deles os medicamentos lenitivos, aperitivos, abstersivos, corrosivos, restringentes, paliativos, laxativos, cefalálgicos, ictéricos, apofleumáticos, acústicos, segundo cada um dos vários casos requeresse, e deveriam também agir de acordo com os efeitos dos remédios, repetindo, alterando ou omitindo as doses na reunião seguinte. (p. 232-3)

No texto de partida, o trecho acima, que contém três parágrafos, se encontra em apenas um. Essa divisão torna a leitura menos pesada, pois o leitor passa a ter mais oportunidade para parar, vislumbrar e formar opiniões sobre a excentricidade desse projeto. Essa é a única diferença mais aparente que podemos de imediato perceber, já que o dito que conduz o interpretador ao implícito da ironia é todo trazido, como por exemplo, as expressões, “nem todos eram assim tão visionários”, “um doutor muito engenhoso” e “pessoa ilustre” (no texto de partida “all of them were not so visionary”, “a most ingenious doctor” e “illustrious person”).

O parágrafo que enfatiza mais ainda a ironia nessa passagem, ao demonstrar que o personagem-narrador crê verdadeiramente nesse projeto bufão, é também traduzido:

Este projeto não seria caro para o público e poderia, em minha pobre opinião, ser de muita utilidade no despacho das questões naqueles países em que os senadores têm alguma parcela do poder legislativo: poderia gerar unanimidade, encurtar debates, abrir

algumas bocas que estão agora fechadas e fechar muitas que estão agora abertas; poderia controlar a petulância dos jovens e corrigir a convicção dos velhos; melhorar os estúpidos e retrain os atrevidos. (p.233).

Nessa tradução, em que todo esse projeto é apresentado, levando em conta a seqüência narrativa do texto fonte, temos por último a apresentação detalhada do projetador de como esse projeto deve ser implantado:

E ainda mais: como há uma reclamação geral de que os favoritos do príncipe são perturbados por memórias fracas e curtas, o mesmo doutor propôs o seguinte: sempre que um primeiro-ministro se pronunciasse, após ter falado com a maior brevidade e com as palavras mais simples, ao retirar-se o dito ministro deveria receber uma torção do nariz, se não um chute na barriga, um soco na testa, três tapas em cada ouvido, levar uma alfinetada nas nádegas ou ser beliscado no braço até que ficasse negro e azul, para prevenir o esquecimento. E a cada nova reunião a mesma operação deveria ser repetida até que a proposta fosse aceita ou totalmente recusada. Ele dizia que cada senador do grande conselho de uma nação, depois de ter dado sua opinião e argumentado em defesa dela, deveria ser obrigado a dar um voto contrário de maneira direta, porque se isso fosse feito o resultado iria infalivelmente determinar o bem do público.

Para o caso de os partidos de um Estado serem violentos, ele oferecia uma maravilhosa saída a fim de reconciliá-los. Trata-se do seguinte método: pegue uma centena de líderes de cada partido, separe-os em duplas, procurando igualar as alturas; então, dois bons cirurgiões devem serrar o occipital de cada dupla ao mesmo tempo, de tal modo que o cérebro seja dividido por igual. Os occipitais assim cortados devem ser trocados, aplicando-se a metade da cabeça de cada homem à metade da cabeça do homem do outro partido. Parece realmente um trabalho que requer grande exatidão, mas o professor garantiu-nos que se fosse realizado com destreza a cura seria infalível, pois ele argumentava que se as duas metades de cérebro fossem deixadas a debater o assunto entre si no espaço restrito do crânio, logo chegariam a um entendimento e produziram a moderação, assim como regularidade de pensamento, coisas que todos devem desejar que existam nas cabeças daqueles que imaginam que vieram ao mundo apenas para vigiar e governar seu movimento. Quanto à diferença de cérebros em quantidade ou qualidade, o doutor garantiu que, segundo seu conhecimento, eram perfeitas insignificâncias entre aqueles que são líderes de facções. (p. 233-4).

O fragmento acima descreve de uma maneira bem clara para a língua de chegada os métodos inimagináveis que resolveriam os problemas de memória dos políticos e as disputas violentas entre os partidos políticos nesse mundo carnavalizado, garantindo a tradução da ironia que constitui a sátira swiftiana.

A tradutora demonstra a parte concernente aos métodos que solucionariam os problemas de perturbações e fraquezas de memória dos “favoritos dos príncipes” de uma forma muito peculiar. Algumas das propostas dos pseudocientista são traduzidas de forma diferenciada do texto de partida. Sendo assim, “lug him thrice by both ears” é traduzido por “três tapas em cada ouvido”, em vez de “puxar-lhe três vezes ambas as orelhas”, “tread on his corns” por “um soco na testa” ao invés de “pisar em seus calos” e “black and blue” por “negro e azul” ao invés de “cheio de contusões” ou “azul”, visto que “black and blue” significa, de acordo com Gomes (2003, p. 32), “com enquimoses, cheios de contusões”. Essas recriações não alteram o sentido global da passagem que se tem no texto fonte, pois há apenas a troca de algumas propostas por outras. Já “ficar com o braço negro e azul” soa um tanto estranho, uma vez que a expressão “negro e azul” não existe no português de uso corrente em nosso país. Sendo assim, “negro e azul” é apenas uma tradução ao pé da letra de “black and blue”.

Na tradução das instruções para descobrirem planos e conspirações contra o governo, temos a tradução de todos os detalhes das instruções amalucadas de um dos professores bufões dessa escola carnavalesca, como poderemos observar abaixo:

Outro professor mostrou-me um papel com instruções para descobrir planos e conspirações contra o governo. Ele aconselhava os grandes estadistas a examinar a dieta de todas as pessoas suspeitas, o horário em que comiam, sobre que lado do corpo deitavam-se na cama para dormir, com que mão limpavam seus traseiros e a dar uma boa olhada em seus excrementos; a partir da cor, odor, gosto, consistência, crueza ou maturidade da digestão, deveriam formar um julgamento dos pensamentos e desígnios dos donos dos dejetos examinados. Isso porque os homens nunca são mais sérios, pensativos e cheios de intenções do que quando estão sentados na privada, coisa que ele descobriu através de freqüentes experiências, pois em tais conjunções, quando ele costumava, apenas como teste, ficar imaginando qual seria o melhor modo de matar um rei, suas fezes adquiriam uma coloração esverdeada e eram completamente diferentes quando pensava apenas em provocar uma insurreição ou em queimar a metrópole. A exposição inteira do assunto era escrita com grande acuidade e continha muitas observações tanto curiosas quanto úteis para políticos, mas não creio que fossem completas. Aventurei-me a dizer isso ao autor e dei-lhe a entender que, se desejasse, eu lhe forneceria algumas informações. Ele recebeu minha proposta com mais condescendência do que é comum entre escritores, especialmente os da espécie dos projetadores, professando que ficaria muito feliz em receber mais informações.

Eu contei-lhe, então, que no reino de Tribnia, que os nativos chamavam de Langden, onde eu estivera por longo tempo o povo todo consiste de descobridores, testemunhas, informantes, acusadores, promotores públicos, depoentes e acusadores; entre eles, existiam muito instrumentos subservientes e subalternos; todos sob as cores, a conduta e o pagamento dos ministros e seus deputados. Que as tramas naquele reino são geralmente trabalhos muito habilidosos das pessoas que desejam elevar suas próprias características de políticos profundos, restaurar um novo vigor numa administração maluca, sufocar ou fazer divergir os descontentamentos em geral, encher seus cofres à custa de confiscos e criar ou destruir a opinião de crédito público de uma forma que lhes confira mais vantagens pessoais. Em primeiro lugar, é estabelecido e determinado entre eles que as pessoas suspeitas devem ser acusadas de conspiração: então, são tomadas providências efetivas para apreender todas as suas cartas e outros documentos, depois colocam os proprietários a ferros. Esses documentos são entregues a um grupo de artistas muito hábeis em encontrar os significados misteriosos das palavras, sílabas e letras. Por sinal, eles podem decifrar que banheiro privativo quer dizer conselho privado; bando de gansos, um senado; cachorro manco, um invasor; Praga significa um exército a postos; bûtio, um ministro; gota, um alto sacerdote; forca, um secretário de Estado; urinol, um comitê de políticos importantes; peneira, uma dama da corte; vassoura, uma revolução; ratoeira, um emprego; poço sem fundo, o Tesouro; pia, a c\_\_e; quepe e sinos, um favorito; junco quebrado, a corte de justiça; barril vazio, um general; aflição sem fim, a administração.

Quando este método falha, há dois outros bem mais eficientes, denominados de acróstico e de anagrama pelo perito que há entre eles. *Primeiro*, através de todas as letras iniciais de um escrito ele pode decifrar significados políticos: assim, *N* pode significar uma trama; *B* um regimento de cavalaria; *L* uma frota no mar. Ou, *segundo*, a transposição das letras do alfabeto existentes em um documento suspeito pode revelar os desígnios mais profundos de um elemento descontente. Assim, por exemplo, se numa carta para um amigo eu escrever *Nossa irmão Tom acaba de receber as pilastras*, um homem habilidoso nesta arte iria descobrir que as letras que compõem esta sentença poderiam perfeitamente ser organizadas de maneira a formar as seguintes palavras: *Resista – há uma conspiração em casa – A Torre*. E este é o método anagramático.

O professor elogiou-me muito por comunicar-lhe essas observações e prometeu fazer uma honrosa menção de meu nome em seu tratado. (p. 236-7).

Como já verificamos anteriormente nos diversos trechos analisados, a tradutora procura apresentar também na passagem acima toda a seqüência narrativa dessas instruções para descobrirem planos e conspirações contra o governo com certas peculiaridades características de sua tradução, pois esse é mais um dos vários projetos inaceitáveis que constituem a ironia acerca do cientificismo

iluminista como um dos procedimentos de constituição da sátira swiftiana nessa obra-prima.

As partes dessa tradução que diferem do texto de partida são aquelas que se referem à maneira como lidar com as pessoas acusadas de traição e sobre a metodologia desajuizada que é utilizada pelos peritos bufões para buscar pistas nos documentos das pessoas acusadas. Dessa maneira, “what suspected persons shall be accused of a plot” (p. 210) é traduzido por “que as pessoas suspeitas devem ser acusadas de conspiração” (p. 236), ao invés de “quais pessoas devem ser acusadas de uma conspiração”. Essa tradução enfatiza ainda mais a ironia, pois não há uma seleção de quais pessoas devem ser denunciadas. Além disso, durante a descrição da metodologia amalucada “a codshed, a \_\_\_\_”<sup>75</sup> (p. 210) não é traduzido e “a sink, the court”<sup>76</sup> (p. 210) é traduzido por “pia, a c\_\_\_e” (p. 236). Talvez Deutsch não tenha traduzido “codshed” por não encontrar nenhuma palavra que a traduzisse, uma vez que *cod* e *shed* significam, de acordo com o Michaelis (2003), respectivamente, “bacalhau” e “abrigo, telhado, barracão, coberta, choupana, galpão”. Já a tradução de “a sink, the court” por “pia, a c\_\_\_e” é, provavelmente, uma maneira de compensar a supressão de “a codshed, a \_\_\_\_”.

Além disso, os substantivos próprios “Tribia”, “Langden” e “Tom” são mantidos e os advérbios “first”<sup>77</sup> (p. 211) e “secondly”<sup>78</sup> (p. 211) não estão em tipo itálico no texto de partida. Provavelmente, por meio dessa escolha durante a tradução, Deutsch procura enfatizar a atenção do leitor para os métodos chamados de acróstico e anagrama. Já a palavra “*Tour*” (p. 211) é traduzido por “*Torre*”, ao invés de “viagem” ou “turno” (MICHAELIS, 2003, p. 370).

### 3.4.3. Em *Glubbudrib*

Em *Glubbudrib*, a ilha dos feiticeiros ou magos, o governador permitiu que Gulliver chamasse pelo nome qualquer pessoa que quisesse entre os mortos desde o começo do mundo até o presente momento. As perguntas deveriam ser

---

<sup>75</sup> “um Boécio, um(a)” (p. 210). (Tradução nossa).

<sup>76</sup> “uma pia, a corte” (p. 210). (Tradução nossa).

<sup>77</sup> “em primeiro lugar” (p. 211). (Tradução nossa).

<sup>78</sup> “em segundo lugar” (p. 211). (Tradução nossa).

apenas sobre o período em que cada um deles viveu. Saliendo que confiase inteiramente no que eles diriam, uma vez que a mentira era um estratagemma sem utilidade após a morte. Alguns desses mortos que Gulliver pede ao governador para serem chamados são personalidades conhecidas mundialmente por seus feitos e conhecimentos científicos tais como Aristóteles, Descartes e Gassendi:

Having a desire to see those ancients who were most renowned for wit and learning, I set apart one day on purpose. I proposed that Homer and Aristotle might appear at the head of all their commentators; but these were so numerous, that some hundreds were forced to attend in the court, and outwards rooms of the palace. I knew and could distinguish those two heroes, at first sight, not only from the crowd, but from each other. Homer was taller and comelier person of the two, walked very erect for one of his age, and his eyes were most quick and piercing I ever beheld. Aristotle stooped much, and made use of a staff. His visage was meager, his hair lank and this, and his voice hollow. I soon discovered that both of them were perfect strangers to the rest of the company, and had never seen or heard of them before; and I had a whisper from a ghost, who shall be nameless, that these commentators always kept in the most distant quarters from their principles, in the lower world, through a consciousness of shame and guilt, because they had so horribly misrepresented the meaning of those authors to posterity. I introduced Didymus and Eustathius to Homer, and prevailed on him to treat them better than perhaps they deserved, for he soon found they wanted a genius to enter into the spirit of a poet. But Aristotle was out of all patience with the account I gave him of Scotus and Ramus, as I presented them to him; and asked them, whether the rest of the tribe were as great dunce as themselves.

I then desired the Governor to call up Descartes and Gassendi, with whom I prevailed to explain their systems to Aristotle. This great philosopher freely acknowledged his own mistakes in natural philosophy, because he proceeded in many things upon conjecture, as all men must do; and he found that Gassendi, who had made the doctrine of Epicurus as palatable as he could, and the *vortices* of Descartes, were equally to be exploded. He predicted the same fate to *attraction*, whereof the present learned are such zealous asserters. He said that new systems of nature were but new fashions, which would vary in every age; and even those, who pretend to demonstrate them from mathematical principles, would flourish but a short period of time, and be out of vogue when that was determined. (p. 216-7).<sup>79</sup>

---

<sup>79</sup> “Desejando ver os antigos mais renomados pelo espírito e saber, escolhi um dia especial para esse propósito. Propus que Homero e Aristóteles aparecessem em frente de todos seus críticos; mas eles eram tão numerosos que algumas centenas foram forçados a esperar na corte e nas salas exteriores do palácio. Conheci e distingui aqueles dois heróis a primeira vista, não somente entre a multidão, mas um e outro. Homero era o mais alto e mais agradável dos dois, andava muito ereto para um homem de sua idade e seus olhos eram os mais rápidos e penetrantes que já vi. Aristóteles se curvava muito e usava um cajado. Seu rosto era magro, os cabelos lisos e finos e a voz carvenosa. Logo descobri que ambos eram totalmente estranhos para o resto da companhia, que nunca tinham visto ou conhecido até então; e um fantasma cujo nome não direi me disse, sussurrando que esses

O interessante na primeira parte da citação acima é que nenhum dos comentadores reconhece Homero e Aristóteles, mas Gulliver, que nunca fez nenhuma especulação sobre seus trabalhos, facilmente reconhece as duas personalidades. Isso não se deve simplesmente ao fato de que eles no mundo inferior não se vêem, pois apesar de todas as circunstâncias adversas Gulliver tem conhecimento sobre as características físicas de ambos. Assim sendo, a falta de conhecimento sobre as aparências físicas dos dois gregos da Antigüidade, possivelmente, é usada pelo ironista para satirizar a falta de conhecimento dos comentadores desses eruditos.

Já no segundo parágrafo da citação, há uma sátira mordaz à prática científica no mundo oficial constituída através da ironia. Quando Gulliver pede ao governador para convocar Descartes e Gassendi para apresentarem suas teorias sobre o universo a Aristóteles, este reconhece seu erro afirmando que trabalhava com conjecturas, como a grande maioria dos cientistas faz. Seu trabalho, como o de qualquer outro, está sujeito a erros, pois são apenas teorias características de certa época. Comparando as teorias de Descartes e Gassendi, ele se refere ironicamente à teoria da gravitação universal de Isaac Newton, afirmando que aqueles que buscam explicar o universo matematicamente terão suas teorias aceitas apenas durante certo período de tempo. Realmente, depois da prevalência da teoria de Isaac Newton, surgiu a teoria da relatividade de Albert Einstein, seguida pela mecânica quântica e, atualmente, está em desenvolvimento a teoria das cordas ou supercordas (DUFFY, 2007). Em outras palavras, o homem é incapaz de acessar a verdade dos fenômenos, as certezas da física newtoniana foram abaladas pela

---

críticos sempre ficam nos locais mais distantes dos criticados, no mundo inferior, sentindo-se envergonhados e culpados, por terem interpretado mal a intenção desses autores para a posteridade. Eu apresentei Dídimos e Eustácio a Homero, e o persuadei de tratá-los talvez melhor do que mereciam, embora ele não demorou a descobrir que eles queriam introduzir um gênio no espírito do poeta. Aristóteles, no entanto, perdeu a paciência com a descrição que fiz de Escoto e Ramus, quando os apresentei; e os perguntou se o resto da sua tribo era composta de pessoas tão burras quanto eles. Desejei então que o governador convocasse Descartes e Gassendi, pedindo-os que explicassem seus sistemas a Aristóteles. Esse grande filósofo abertamente reconheceu seus próprios erros em filosofia natural, pois em muitas questões ele procedeu através de conjecturas, como todo homem deve fazer; e achou que Gassendi, que fez com que a doutrina de Epicuro fosse mais saborosa quanto possível, e o *vortex* de Descartes, iriam igualmente cair por terra. Prediseu o mesmo destino para *attraction*, para o qual os presentes sábios são tão zelosos defensores. Disse que os novos sistemas naturais eram apenas modas novas, que variaria em cada época; e mesmos aqueles que aspiram demonstrá-los por princípios matemáticos, floresceriam por um curto espaço de tempo, e ficariam fora de moda quando chegasse a hora.” (p. 216-7). (Tradução nossa).

teoria quântica e pela teoria da relatividade. Atualmente, na pós-modernidade, uma teoria nunca pode ser considerada totalmente irrefutável. Desse modo, exige-se hoje um tratamento holístico, havendo, por conseguinte, uma interação entre as ciências (FRÓIS, 2004).

#### **3.4.3.1. Por Cláudia Lopes**

A tradução de Lopes do encontro que Gulliver teve com Homero, Aristóteles e seus críticos em *Glubbudubdríd* é bastante criativa. Ela cria detalhes que não se encontram no texto de partida e não traduz todas suas partes:

[...] com o auxílio do governador – desde que eu, sozinho, não possuía o poder nem de chamar minha mulher Mary, bem viva, lá em Londres –, tive uma longa conversa com Homero e Aristóteles. Ah! Agora eu poderia desbancar um número incontável de críticos que haviam deturpado muito suas obras com interpretações errôneas e pretensiosas. (p. 99).

No trecho acima, podemos observar os vários cortes e acréscimos que não se encontram no texto de partida. A tradutora não descreve as características físicas de Homero e Aristóteles, nem apresenta o confronto deles com alguns de seus comentadores, como também não apresenta o comentário que Aristóteles faz a Descartes e Gassendi sobre suas teorias do universo e qualquer teoria baseada em princípios matemáticos (referindo-se implicitamente a Isaac Newton). No entanto, ela acrescenta que Gulliver, após ter uma conversa com Homero e Aristóteles, estaria preparado para desmentir qualquer um dos críticos desses autores.

#### **3.4.3.2. Por Therezinha Monteiro Deutsch**

Deutsch traduz o encontro que Gulliver teve com Homero, Aristóteles e seus críticos, bem como o encontro de Aristóteles com Descartes e Gassendi na seqüência narrativa do texto de partida:

Como queria muito ver os antigos que eram renomados por sua sagacidade e conhecimento, escolhi um dia para realizar esse propósito. Propus que Homero e Aristóteles deveriam aparecer diante de seus comentadores; mas estes eram tão numerosos que algumas centenas foram forçados a ficar na corte e salas externas

do palácio. Eu os conhecia e pude reconhecer esses dois heróis à primeira vista, não só destacando-os da multidão, mas também distinguindo-os entre eles mesmos. Homero era o mais alto e o mais bonito dos dois, caminhava com o corpo muito ereto para alguém com sua idade e seus olhos eram os mais rápidos e penetrantes que já vi. Aristóteles estava com a espinha muito curvada e apoiava-se em um cajado. Era magro, de cabelos lisos, finos, e tinha a voz carvenosa.

Logo percebi que ambos eram completos estranhos para o resto do grupo, que ninguém os havia visto nem ouvido falar sobre eles. E eu tinha a informação dada por um certo fantasma, que ficará sem nome, de que no mundo inferior os comentadores eram sempre mantidos nas áreas mais distantes de seus comentados, devido a uma consciência de vergonha e culpa por terem interpretado para a posteridade as intenções daqueles autores de forma tão errônea.

Apresentei Dídimo e Eustácio a Homero e consegui fazer com que os tratasse de forma bem melhor do que eles talvez merecessem: pois ele logo descobriu que os dois haviam tentando introduzir um gênio no espírito de um poeta. Mas Aristóteles não tardou a perder a paciência diante do que lhe contei a respeito de Scoto e Ramus, então, quando os apresentei, perguntou se o resto de suas tribos era composto de grandes ignorantes como eles.

A seguir solicitei ao governador que chamasse Descartes e Gassendi, pedindo-lhes que explicasse seus sistemas a Aristóteles, e o grande filósofo reconheceu abertamente seus erros na filosofia natural, porque realizara muitas coisas através da conjectura, como a grande maioria dos homens costuma fazer, e achou que foi Gassendi quem tornara a doutrina de Epicuro tão saborosa quanto podia, e que o *Vórtices* de Descartes também tinha sido igualmente arrasado. Ele predisse o mesmo destino para *Attraction*, da qual os atuais instruídos são tão zelosos defensores. Disse que os novos sistemas da natureza não são mais que modas novas que variam em cada época e que todos aqueles que pretenderem demonstrá-las com princípios matemáticos irão florescer apenas por um curto período de tempo, depois sairão de moda quando chegar o momento determinado. (p. 242-3).

Na tradução do excerto acima, a tradutora reconstrói as sentenças procurando adequar a linguagem ao português comumente em uso no Brasil, buscando não criar estranhamentos lingüísticos. Ela não realiza uma tradução pautada nas características próprias do texto de partida. Dessa maneira, ela traduz “Having a desire to see those ancients ”(p. 216) por “Como queria muito ver os antigos” (p. 242) ao invés de “Desejando ver aqueles antigos” (p. 216) (Tradução nossa) e “Aristotle stooped much, and made use of a staff” (p. 216) por “Aristóteles estava com a espinha muito curvada e apoiava-se em um cajado” (p. 242) ao invés de “Aristóteles curvava-se muito e usava um cajado” (p. 242) (Tradução nossa).

Apesar do modo peculiar como a passagem acima é traduzida, a ironia acerca do cientificismo é destacada. Sendo assim, Gulliver ironicamente é também o

único que reconhece os dois gregos da Antigüidade e Aristóteles afirma que as teorias do universo são meras modas características de determinadas épocas, reforçando implicitamente que outra teoria iria tomar o lugar da de Isaac Newton.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ironia acerca do cientificismo iluminista em *Gulliver's Travels* ocorre exclusivamente na terceira parte dessa obra. É nas viagens de Gulliver à *Laputa*, *Balnibarbi* e *Glubbdubdrid* que a ironia funciona como procedimento da sátira swiftiana, desacralizando o fazer cientificista que, revestindo-se de uma racionalidade de caráter universal e atemporal, se apresenta como verdade incontestável no mundo oficial. Nesse espaço carnavalizado, Gulliver entra em contato com cientistas bufões, na ilha voadora de *Laputa* e na academia de *Lagado* em *Balnibarbi*, que possuem comportamentos estranhos e desenvolvem pesquisas que seriam inconcebíveis para os cientistas do mundo oficial, apesar de muitas dessas pesquisas terem bases reais na época de Swift como, por exemplo, o projeto para distinguir as cores através do tato e olfato e o projeto para calcinar gelo e transformá-lo em pólvora (MCNEIL, 2007). Já em *Glubbdubdrid*, a ilha dos feiticeiros ou magos, as teorias sobre o universo criadas por Descartes, Gassendi e Newton são ironicamente satirizadas por Aristóteles que afirma que as teorias a respeito do universo são acolhidas somente durante certo período de tempo.

Semelhantemente à ironia no texto de partida, as traduções de Lopes e Deutsch se dão através da incongruência de um dito referente à prática cientificista exercida por pseudocientistas que ocorre em um mundo carnavalizado e as práticas cientificistas exercidas por aqueles que se dizem cientistas no mundo oficial. Evidentemente, as traduções são produzidas em contextos diferenciados e sofrem, por esse motivo, coerções sócio-culturais específicas de seu contexto de produção.

Durante a tradução dessa ironia, uma complexidade de fatores faz com que no dito já existam elementos tais como intenções do ironista, aspectos culturais e contextuais relacionados à situação enunciativa, conhecimento de mundo do intérprete, etc., que façam com que o leitor infira por meio do dito o não-dito e crie interpretações subversivas que constituem os efeitos irônicos. Assim sendo, nos trechos analisados, o ironista se apresenta implicitamente por trás do narrador-personagem e da narrativa em si para satirizar a prática cientificista no mundo oficial. Ou seja, Gulliver é usado como veículo da ironia, pois ele é um personagem que, por exemplo, ingenuamente acredita que as invenções dos cientistas bufões da academia de *Lagado* dêem certo. Já os outros elementos da narrativa, como o

enredo, os demais personagens, tempo e espaço dão uma configuração carnavalizada ao romance.

Além dos aspectos contextuais e, por conseguinte, sócio-culturais, outros elementos que investigamos na tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista nas traduções analisadas são os macrotextuais e microtextuais. A análise desses elementos é crucial para a averiguação das estratégias utilizadas pelas tradutoras.

No que se refere aos aspectos contextuais, observamos que as traduções são direcionadas para o público brasileiro infanto-juvenil e adulto. Especificamente, a tradução de Lopes pertencente à *Série Reencontro*, publicada pela editora Scipione, que tem o objetivo principal de familiarizar os estudantes das últimas séries do ensino fundamental e início do ensino médio com os clássicos da literatura mundial. Já a tradução de Deustch, publicada pela primeira vez pela Nova Cultural, na coleção *Imortais da Literatura Universal*, possui uma linguagem adequada ao público adulto brasileiro acostumado a ler traduções completas de obras clássicas da literatura mundial. Podemos afirmar que as tradutoras não tiveram dificuldades com relação à tradução de elementos culturais, pois o texto de partida não apresenta objetos e costumes estranhos específicos a determinadas culturas e que possam ser inaceitáveis e ofensivos ao público-alvo. Ou seja, visto que o texto de partida se dá em um ambiente carnavalizado, não são apresentados elementos sócio-culturais difíceis de serem interpretados por qualquer leitor engajado com a cultura ocidental.

Com relação aos elementos macrotextuais, podemos afirmar que as tradutoras recriam a ironia swiftiana ao fazer com que os leitores infiram, através da narrativa, que aquilo que se apresenta como dito traz consigo um não-dito em potencial responsável pela criação da incongruência característica à configuração dos efeitos irônicos. Apesar do texto de Lopes conter uma série de cortes e acréscimos, a estrutura geral da narrativa não difere muito do texto de partida. Como é uma tradução condensada e para o público infanto-juvenil, a descrição dos cientistas bufões da ilha de *Laputa* é reduzida, muitos dos projetos da academia de *Lagado* não são traduzidos, outros são apenas citados rapidamente, e os perfis físicos de Homero e Aristóteles não são descritos em *Glubbudubdrib*, nem o confronto desses gregos da antiguidade com seus principais críticos e as observações que Aristóteles faz das teorias sobre o universo. Além disso, as referências escatológicas não são ressaltadas, pois os projetos para transformar dejetos humanos em comida original, o projeto para curar doenças através de ação

contrária, o projeto para descobrir remédios para todas as doenças e corrupções propostos na academia de *Lagado*, não são traduzidos e no projeto para arar a terra fazendo uso de porcos as referências ao modo como a terra era adubada também não é traduzido. Na tradução de Deutsch, não há cortes de partes da narrativa e as referências escatológicas são observadas, uma vez que esta é uma tradução completa do texto de partida direcionado ao público adulto.

Concernente aos elementos microtextuais, observamos que as tradutoras fazem uso de vocábulos, colocações e estruturas sintáticas características do português culto, uma vez que não há o uso de gírias, ditos e expressões idiomáticas entre outros elementos lingüísticos peculiares a certas partes de nosso país. Na tradução de Lopes, o léxico e a sintaxe estão de acordo com a linguagem utilizada comumente pelo público infanto-juvenil que frequenta as escolas brasileiras. Assim sendo, temos o uso de palavras tais como “esquisitas” e “guloseimas” e as estruturas sintáticas, além de não serem tão complexas, estão de acordo com o português padrão. Já na tradução de Deutsch, a linguagem utilizada é mais sofisticada do que a usada por Lopes, pois essa tradutora não se preocupa em adequar a linguagem ao público infanto-juvenil. Assim sendo, ela traduz, quando possível, certos vocábulos por seus respectivos cognatos em português, tais como “zênite” (“zenith”) e “adornados” (“adorned”). Ao nível sintático, Deutsch não segue as estruturas do texto de partida, preferindo uma recriação sintática que não defira da utilizada na língua portuguesa em uso no Brasil, provavelmente para não causar estranhamento ao seu leitor.

No geral, em *(As) Viagens de Gulliver* analisadas, a ironia acerca do cientificismo iluminista como procedimento da sátira swiftiana é traduzida, embora com algumas peculiaridades próprias do momento de produção de cada uma, pois, como exemplo, a imagem dos cientistas bufões, apesar do acréscimo de alguns detalhes por Lopes, continua sendo semelhante ao texto de partida bem como suas pretensões. Além disso, podemos perceber que o texto de Lopes, por ser escrito para o público infanto-juvenil brasileiro, procura não se restringir apenas ao costumes e modo de vida do povo europeu. Sendo assim, na tradução de Lopes, por exemplo, os instrumentos musicais dos bufões da ilha de *Laputa* não são desconhecidos apenas pelos europeus. Já na tradução de Deutsch, os aspectos culturais europeus são mantidos por ser um texto que busca traduzir todas as partes

da narrativa do texto de partida de um modo mais aproximado, apesar de não apresentar uma linguagem que cause estranheza ao leitor brasileiro.

Vale a pena salientar que este estudo deixa margens para uma pesquisa nos moldes dos estudos descritivos a respeito das estratégias da tradução da ironia acerca do cientificismo iluminista como procedimento satírico nas demais traduções de *Gulliver's Travels* por tradutores brasileiros, a fim de verificar se existe uma norma tradutória que as rege.

## REFERÊNCIAS

### 1. Fontes primárias

SWIFT, Jonathan. *Gulliver's Travels*. London: Penguin, 1994.

\_\_\_\_\_. *As Viagens de Gulliver*. Tradução de Cláudia Lopes. 14° ed. São Paulo: Scipione, 2005.

\_\_\_\_\_. *As Viagens de Gulliver*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005.

### 2. Fontes secundárias

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967.

ALVES, Fábio et al. *Traduzir com autonomia para o tradutor em formação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ANOLLI, L.; CICERI, R.; RIVA, G. *Say not to say : new perspective on miscommunication*. IOS Press, 2001. Disponível em: <[http://www.vepsy.com/communication/book3/3CHAPT\\_06.PDF](http://www.vepsy.com/communication/book3/3CHAPT_06.PDF)> Acesso em: 26 de ago. de 2006.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Temas de filosofia*. São Paulo: Moderna, 1992.

ARROJO, Rosemary (org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas/SP: Pontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

AUSTEN, Jane. *Pride and Prejudice*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb000001.pdf>>. Acesso em: 06 mar. de 2007.

\_\_\_\_\_. *Sense and Sensibility*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb000001.pdf>>. Acesso em: 06 mar. de 2007.

\_\_\_\_\_. *Orgulho e Preconceito*. Tradução de Lúcio Cardoso. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

CASTRO, Maria Lília Dias de. *As articulações da ironia nas máximas/mínimas do Barão do Itararé*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 1990.

CHAKHACHIRO, Raymond. *Translation of irony in Australian political commentary texts from English into Arabic*. Tese de doutorado, University of Western Sydney Macarther, 1997. Disponível em: <[library.uws.edu.au/adt-NUWS/public/adt-NUWS20030715.161818/-9k](http://library.uws.edu.au/adt-NUWS/public/adt-NUWS20030715.161818/-9k)>. Acesso em: 20 de jul. de 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COLEBROOK, Claire. *Irony lecture: Quiltian, Paul de Man*. Disponível em: <[http://www.englit.ed.ac.uk/studying/undergrd/english\\_lit\\_2/Handouts/cmc\\_irony.htm](http://www.englit.ed.ac.uk/studying/undergrd/english_lit_2/Handouts/cmc_irony.htm)> Acesso em: 22 de out. de 2006.

DONOGHUE, Denis. *Swift and the association of ideas*. In: DONOGHUE, Denis. *England, their England: commentaries on English language and literature*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1989. p. 79-100.

DUFFY, Dave. *The theory of universe*. Disponível em: <<http://www.backwoodshome.com/articles/duffy66.htm>> Acesso em: 20 de set. 2007.

FACIOLI, Valentin. A ironia como tática de ação. In: FACIOLI, Valentin. *Um defunto estrambótico*. São Paulo: Nankin, 2002. p. 112-116.

FELISBINO, Albertina. *A desconstrução do sentido e a formação do humor em Jô Soares*. In: Revista Linguagem (Dis)curso, v.1, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/04.htm>> Acesso em: 20 de nov. 2007.

FRÓIS, Katja Plotz. *Uma breve história do fim das certezas ou o paradoxo de Janus*. In: Cardenos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas, Florianópolis, n. 63, dezembro, 2004. Disponível em: <[www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno63.pdf](http://www.cfh.ufsc.br/~dich/TextoCaderno63.pdf)>. Acesso em: 14 de out. de 2006.

GOMES, Luiz Lugani. *Novo dicionário de expressões idiomáticas americanas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GRICE, H. Paul. *Logic and conversation*. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L (ed.). *Syntax and semantics*, Vol. 3, Speech Acts. New York: Academic Press, 1975, 45-47. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/~jeffpell/Cogs300/GriceLogicConvers75.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2007.

HUTCHEON, Linda. *Irony's edge: the theory and politics of irony*. London/New York: Routledge, 1994.

HARIYANTO, Sugeng. *The implication of culture on translation theory and practice*. Disponível em: < <http://www.translationdirectory.com/article634.htm>>. Acesso em: 21 de jun. de 2007.

JOHNSTON, Ian. *LBST: Lecture on Swift*. Disponível em: <[www.uta.bc.ca/~mcneil/m2lec/3a.htm](http://www.uta.bc.ca/~mcneil/m2lec/3a.htm)>. Acesso em: 25 de set. de 2002.

KATO, Mary. *A natureza da leitura e da escritura*. In: KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva pscolingüística*. São Paulo: Ática, 2002, p. 42-97.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. 2. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: 2005.

KNOX, Norman D. Irony. In: *Dictionary of the History of Ideas*. New York: Philip P. Wiener, 1973, vol. II, p. 626-634. Disponível em: < [www.etext.lib.virginia.edu/cgi-local/DHI/dhi.cgi?id=dv2-70-59k](http://www.etext.lib.virginia.edu/cgi-local/DHI/dhi.cgi?id=dv2-70-59k) → Acesso em: 16 mar. de 2005.

LEFEVERE, André. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary frame*. London/New York: Routledge, 1992.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOPES, Edwar. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1972.

LOPEZ, Debora Cristina; DRITTRICH, Ivo José. *Ironia e refutação como estratégias argumentativas no jornalismo interpretativo*. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-ivo-ironia-refutacao.html>> Acesso em: 05 de fev. de 2007.

MARQUÊS, Amadeu; DAVID, Draper. *Dicionário inglês-português – português-inglês*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MATEO, Marta. *The translation of irony*. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/1995/v40/n1/003595ar.pdf>> Acesso em: 12 de jun. de 2005.

MCMINN, Joseph. *Jonathan Swift*. London: Macmillan, 1999.

MCNEIL, Russell. *Jonathan Swift's voyage to Laputa*. Disponível em: <<http://www.mala.bc.ca/~mcneil/lec/lecswiftlap.htm>>. Acesso em: 28 de out. de 2007.

MELO, Ronilson Ferreira de. *A gesticulação semiótica de E. E. Cummings na tradução de Augusto de Campos*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.

MICHAELIS: Dicionário universal. São Paulo: Melhoramentos, 2003. inglês-português – português-inglês.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.  
MIRANDA NETO, Oliveira. *Um cocre, uma gramática e um chapéu de palha: as reações da ironia em Monteiro Lobato*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MUECKE, D. C. *Ironia e o irônico*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PAIJ, Adamz Hoemwurk. *Perception of satire in Gulliver's Travels*. Disponível em: <<http://www.jaffebros.com/lee/gulliver/>>. Acesso em: 12 de jun. de 2006.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. *Michaelis: espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo: Melhoramento, 2002.

RAMOS-DE-OLIVEIRA. *A ironia como ato de desvelamento*. In: ZUIN, A. S. Antônio; PUCCI, Bruno; RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (org.). *Ensaio frankfurtianos*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 75-87.

ROUANET, Sérgio Paulo. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia da letras, 2004.

RODRIGUÊS, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: UNESP, 2000.

SANTOS, Evaldo Gondim dos. *Palavras em ação: a ironia ao cientificismo iluminista em As Viagens de Gulliver*. In: V SEMANA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DE PAU DOS FERROS – V SELLP, 2006, Pau dos Ferros. **Anais ...** Pau dos Ferros: UERN, 2006 p. 365-373.

SANTOS, Rosa Pezzi dos. *Contos clássicos do século XVIII: Swift e Defoe*. Monografia de Especialização, Universidade de Federal de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 1984.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: 34, 2005.

SILVA, Francisco Paulo. *Manifestações da ironia na crônica política*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

SMITH, Pámela J. Olubunmi. *Literary translation and cultural consciousness: the experience of translating D. O. Fagunwa's Igbo Oludume from Yoruba into English*. In: *Meta*, v. 2, n. 38, 1993, p. 218-25.

SPATE, O.H.K. *The literature of crook*. *The Le Trobe Journal*, Melbourne, n. 41. p. 25-29, outono, 1988.

SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*. Tradução de Cruz Teixeira. São Paulo: W. M. Jackson, 1953.

SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1998.

TWAIN, Mark. *The Adventures of Huckleberry Finn*. Disponível em: <http://virtualbooks.terra.com.br.>>. Acesso em: 14 de julho de 2007.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

TURNER, Paul. *Introdução*. IN: SWIFT, Jonathan. *Gulliver'*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Notas*. IN: SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005b.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureane Peligrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marleide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru-SP: Edusc, 2002.

\_\_\_\_\_. *The translation invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

VIEIRA, Adriana Silene. *Viagens de Gulliver ao Brasil (Estudo das adaptações de Gulliver's Travels por Carlos Janson e por Monteiro Lobato)*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

WILCOX, Mark. *Karl Marx's sarcasm: an ironist's critique of capitalism and its apologists*. Disponível em:

<<http://www.mngt.waikato.ac.nz/ejrot/cmsconference/2001/Papers/Humour%20and%20Irony/Wilcox.pdf>>. Acesso em: 10 de abr. de 2007.

## **ANEXOS**

ANEXO A: Ficha de leitura que acompanha *Viagens de Gulliver* de Cláudia Lopes

O reencontro com um tesouro

A SÉRIE REENCONTRO consiste em adaptações, com linguagem simples e atual, de grandes histórias de aventura, humor, mistério e amor, criadas por grandes escritores de todos os tempos. Nosso maior objetivo é familiarizar o público jovem com os clássicos da literatura, principalmente os estudantes das últimas séries do primeiro grau e início do segundo.

Alguns títulos da SÉRIE REENCONTRO nunca haviam sido traduzidos para o português. Outros, que já foram publicados no Brasil, receberam uma nova versão. Todos eles foram cuidadosamente trabalhados por renomados autores brasileiros.

Os livros da SÉRIE REENCONTRO vêm com uma biografia do autor, informações básicas sobre o adaptador e uma ficha de leitura que se destina a aprofundar a compreensão e o desfrute de cada obra.

Muitas gerações já usufruíram esse tesouro do homem e agora ele chega ao nosso jovem, num reencontro de muita riqueza. E de muito prazer.

Os Editores

Um ponto de partida

A ficha de leitura apresenta alguns caminhos para chegar-se a uma compreensão maior da obra. Através dela os alunos são levados à reflexão sobre as personagens, sobre a história e sobre o sentido geral que a obra encerra.

Mas não são caminhos definitivos: eles se abrem para outros caminhos, porque as grandes obras não se esgotam em si mesmas nem dizem coisas únicas. A ficha é apenas um ponto de partida. As direções a tomar são muitas e surgem de um trabalho conjunto de professor e aluno. Por outro lado, pelo fato de não apontar soluções acabadas, esta ficha não deve ser encarada como forma de avaliação de conhecimento.

A primeira parte da ficha é composta de questões sobre o conteúdo da obra, que os alunos responderão por escrito, num exercício ao mesmo tempo de reflexão e expressão. Na segunda parte, esse exercício amplia-se consideravelmente e pode contar com a colaboração do professor. São atividades de classe, abertas, que geram discussão e apelam para a criatividade. Tanto na primeira como na segunda parte, é muito mais proveitoso que os alunos trabalhem em grupo.

Finalmente, a ficha tem linhas pontilhadas para serem preenchidas pelo aluno, mas as respostas às questões podem ser feitas também no caderno, permitindo-se, com isso, maior extensão e profundidade.

Que história é essa?

Você acabou de ler o livro. Ótimo. Mas por que tanta gente acha essa obra tão importante? Vamos lembrar a história e ver o que há por trás dela.

1. Como os homenzinhos de Lilliput conseguiram construir, entre outros artefatos, a enorme carreta para transportar o "gigante" Gulliver?

2. O que o autor quer mostrar com a oposição de partidos políticos em Lilliput e a ameaça de invasão?

3. Qual o significado daquele estranho método de escolher ministros em Lilliput?

4. Por que o fazendeiro de Brobdingnag não se importava com o cansaço e a febre de Gulliver?

5. Como se sentia Gulliver diante dos ataques de riso do rei de Brobdingnag, ao ouvir falar da Inglaterra?

6. Que importância tinha a constituição de Brobdingnag?

7. Por que as casas dos habitantes de Laputa eram malconstruídas?

8. Qual a razão de os projetos pesquisados na Academia de Lagado nunca darem certo?

9. Por que o cavalo cinza disse que seria bem melhor se os ingleses fossem irracionais como os yahoos?

10. A que podemos comparar o irresistível desejo dos yahoos de procurar e armazenar pedras coloridas e brilhantes, brigando por elas?

SÉRIE REENCONTRO

JONATHAN SWIFT

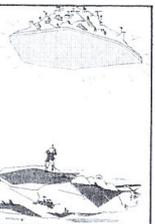
VIAGENS DE GULLIVER

adaptado por  
CLÁUDIA LOPES

Vamos criar com a história

Agora que você relembrou a história e descobriu uma porção de coisas, vamos mexer com ela e ver onde a gente chega. Escolha com o seu professor um ou mais destes caminhos. E até invente outros.

1. As imagens também podem compor um livro. Reconte a história a partir das ilustrações, ou cite coisas que você descobriu nelas. Faça isso por escrito.



2. Os lilliputianos fizeram roupas e objetos para Gulliver, com base em cálculos matemáticos. Com o auxílio do seu professor de Matemática, faça uma pesquisa sobre as antigas medidas de comprimento: polegada, pé, palmo, braça, jarda, etc.

3. Em Brobdingnag, Gulliver teve ocasião de pensar em problemas muito sérios como a exploração do homem pelo homem, a inutilidade da bajulação ou do auto-elogio, a inveja, a injustiça social, a trama política. Identifique primeiro onde se encontram essas questões no texto e depois discuta-as com seus colegas.

4. As leis são feitas em benefício do povo. As principais leis de um país estão reunidas na constituição. Consulte, numa biblioteca, a constituição do Brasil e copie os três artigos que você achar mais importantes. Peça ao seu professor que o oriente.

5. Você já pensou em como teriam sido os homens na sua origem? Será que eram como os yahoos: brutos, sujos, ignorantes? Fale com seu professor de Biologia e faça uma pesquisa.